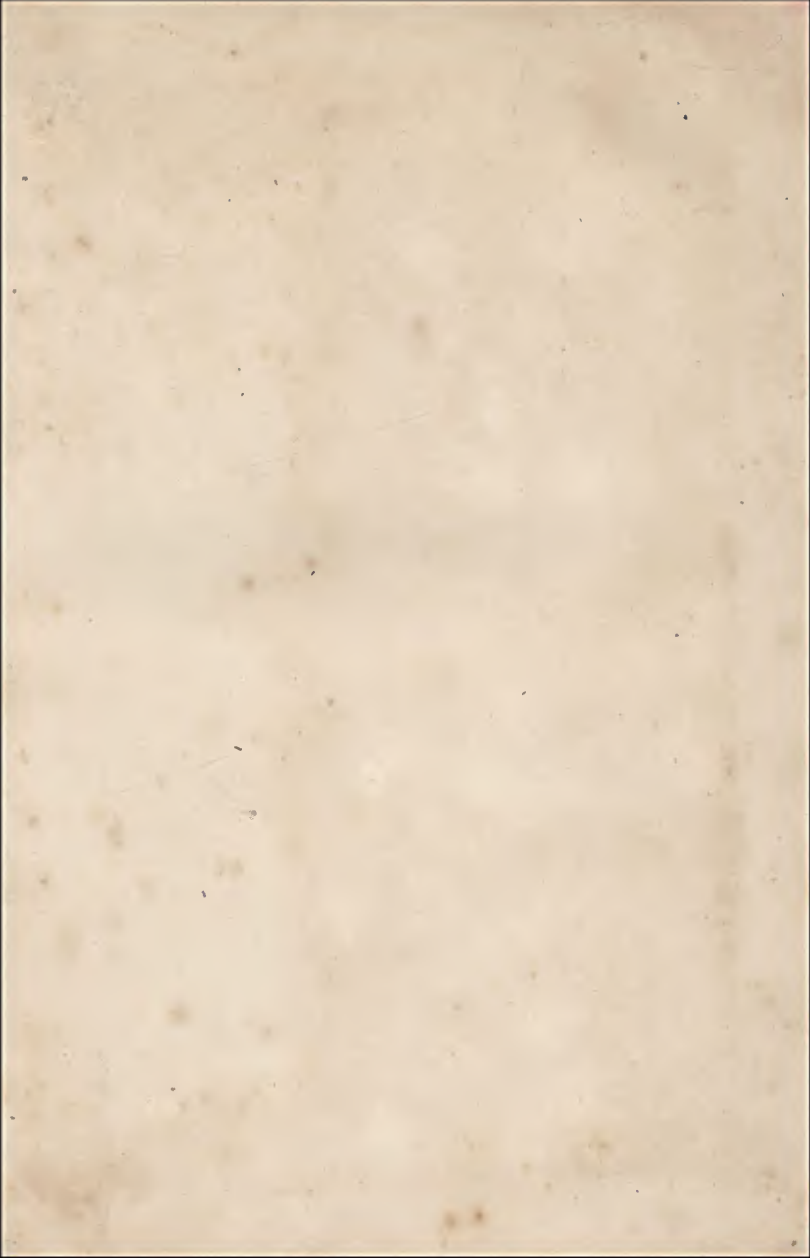


1 vot.



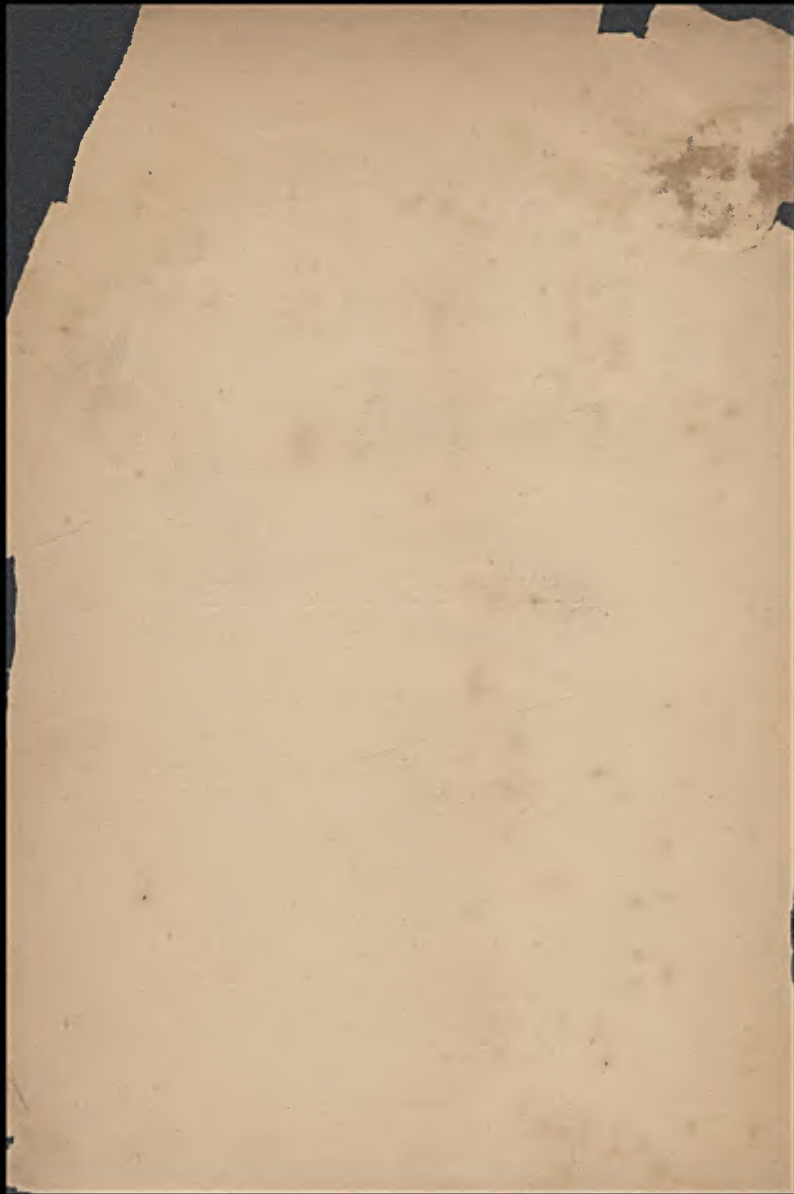




LIVRARIA
EDITORIA

BILHETES POSTAES

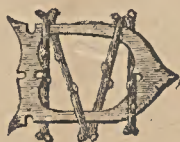




ANSELMO RIBAS
(COELHO NETTO)

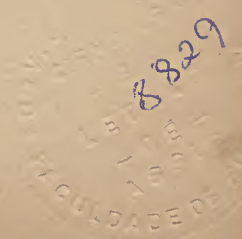
BILHETES
POSTAES

1892—1893



RIO DE JANEIRO
DOMINGOS DE MAGALHÃES—EDITOR
54 RUA DO OUVIDOR 54
LIVRARIA MODERNA

1894



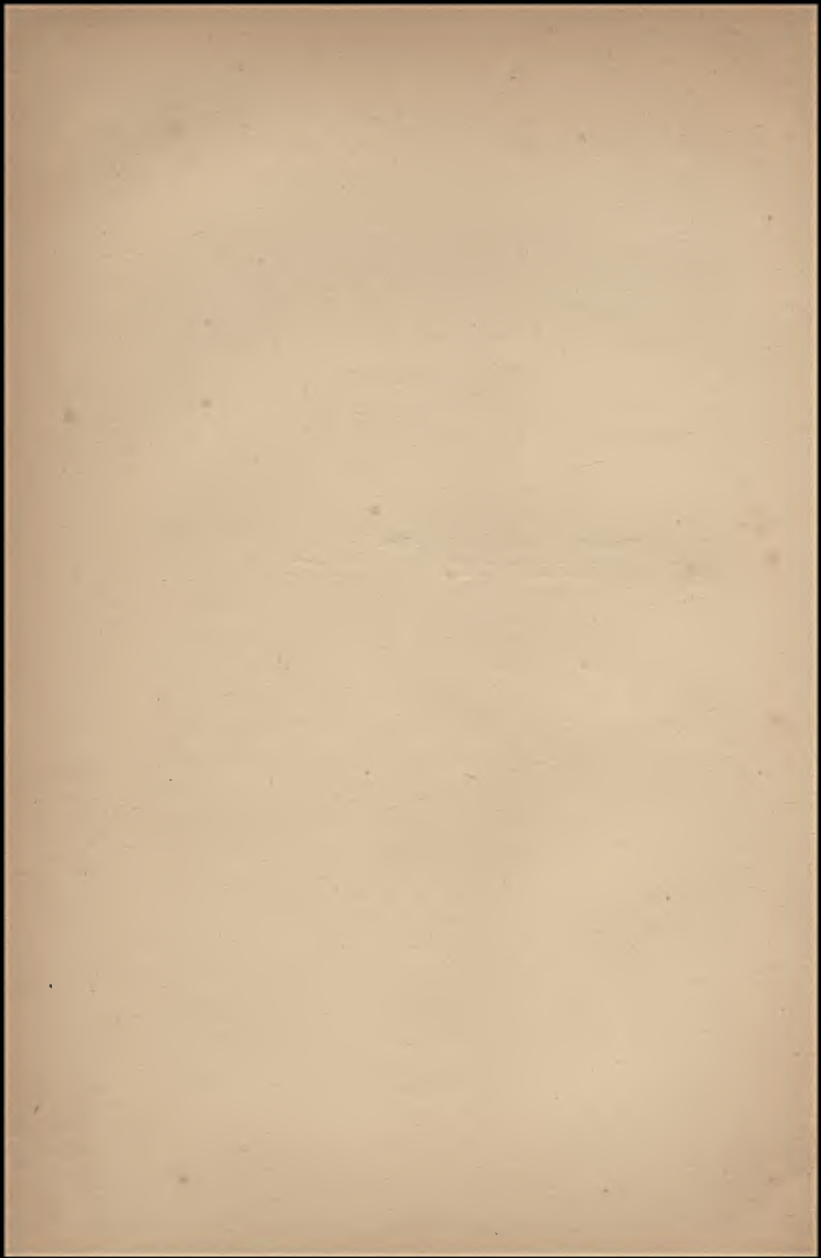
BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS	
Date	8/6/94
Tomos	CB 173 H
8629	lml

869.98
R482h
V.M.B.



AO RESPEITAVEL PUBLICO







FÓRA DA MALA

AO LEITOR

Os livros são o alimento do espirito—tens aqui um *lunch*, leitor faminto. Não reccies indigestão nem limites o farel aos *vols-au-vent* que te sirvo—busca um prato mais solido. Se tens estomago philosopho vai a despensa de Spencer ou de Comte; podes mesmo talhar uma lasca de Aristoteles ou de Spinoza, e se gostas de sandwichts então melhor—lê um aphorismo sabio am bilhete depois e logo em seguida uma sentença sisuda. Se tens estomago delicado vai aos poetas que sabem temperar as estrophes com pedacinhos de estrellas, scintillas de olhos apaixonados, queixas de corações, anhellos d'alma; agora se és da raça terrivel do marquez famoso procura as chronicas do Barba-Azul ou de Richelieu, devora os contos de Boccacio e os de Margarida de Angoulême ou vai ao fundo dos seculos, no fumeiro antigo, sacóde o pó venerando



que deve estar pousado sobre as conservas aphrodisiacas... e que te façam bom proveito as odes de Sapho e os cantos de Anachreonte. Isto é um livro de *lunch*.

Não tenho idéas doutas—fiz, com o meu bom humor esta pastelaria para os que não têm dyspepsia... moral, se me permittes a emphase. Não creias na verdade dos conceitos... Vai lendo e, ao fim do livro fecha-o e pede aos deuses uma prospera velhice descansada e serena para o auctor se te tiverem agradado os escriptos ou as lages quentes do abysmo se te arreperderes da estopada.

Dá a teu filho e dá á tua esposa esta leitura amavel—é preferivel, para formação do espirito, ás paginas elucidarias e patrioticas do *Diario Official*.

Um pedido apenas—não emprestes o volume. Se te agradar exalta o seu merecimento ao teu amigo para que elle possa gozar como gozaste, se te não agradar gaba-o ainda: ao teu alfaiate, ao teu sapateiro, para que da vingança eu tire o proveito consolador. Lembra-te, desconhecido amigo, da sabedoria latina: *tertius gaudet. Tertius* sou eu, *gaudet* é o verbo da minha oração egoista. E adeus!

Até Josaphat, o valle da ultima exposição universal. Sê feliz e bemdiz e a hora do teu nascimento. A vida é uma grande cousa. Adeus!

Respeitos á senhora.

ANSELMO RIBAS,





I

Para os dias de inverno as leituras calmas, de uma sobriedade concisa e secca, não são propriamente as mais recommendaveis—é preferivel folhear uma brochura de Péladan o mago, reler duas ou tres dissertações de Tabarin, compulsar as memorias sensacionaes de Richelieu, a acompanhar a substanciosa synopse de Lamairesse—a *India antes de Buddha*, tão profundamente philosophica, impregnada de versiculos vedicos e de aphorismos juridicos de Manou.

E' verdade que Lamairesse é tambem o traductor do *Kama Soutra*, o sensualissimo codigo do amor na India, onde vem largamente



explicado em bons, em magníficos termos, de uma precisão acima da decência, tudo quanto se deve observar no silêncio aromático de um gineceu, quando, velado o portico e accesas as caçoulas, a indiana liberta o corpo palpitante, voluptuoso e ardente, do peso incommodo da sedas e das musselinas. Mas Lamairesse, no seu segundo livro, esqueceu totalmente o erótico para fazer analyse das diferentes phases mythicas da India, desde o primeiro estabelecimento dos ariais no Balkach, até as suas grandes expansões pelo mundo, com os seus poetas mysticos e os seus prophetas videntes. Lendo-o tenho encontrado, com grande surpresa minha, estranhas analogias de temperamentos, analyses que parecem feitas á minha vista, em individuos que me são familiares, que eu diariamente acotovelo no transito das ruas, na intimidade das casas, na promiscuidade das brasseries, em toda parte, enfim, onde me movo. Se não vejam o que diz o orientalista no ponto em que se refere ao temperamento, ao caracter dos indios :



« Quando se pergunta a um homem do povo a razão de um de seus actos, mesmo os mais insignificantes, elle responde invariavelmente: « é o costume. » Outro povo que vive bem longe das vetustas margens do Ganges tem, com igual invariabilidade, a mesma resposta quando se lhe faz uma pergunta relativa a qualquer acção do seu espirito ou do seu corpo. Sob o ponto de vista do amor da Patria, Lamairesse é conciso—« o patriotismo lhes é desconhecido. » Esse outro povo, tão distanciado do Hymalaia, tão arredado dos valles acceitosos por onde andou o Mestre Perfeito prégando as purificadoras doutrinas do Bem Final, tambem desconhece esse sentimento, justamente exalçado pela musa épica ou, se o conhece, trata-o com indifferença absoluta. Preoccupa-se mais com as intermittencias do cambio e com a alta dos fundos publicos e particulares, justamente como os indios, julgando pelo que diz o autor do precioso livro: « O dinheiro é a preocupação constante dos indios, o unico objecto das suas interminaveis conversas e de todas as suas discussões. »



Quanto á coragem espontanea, quanto ao livre e altivo impulso de animo em defesa de legitimos direitos, em prol de uma causa de bem commum, em que entrem em jogo a tranquillidade do individuo, o bem-estar da familia e da collectividade, diz o commentador: «São capazes de grandes actos de bravura quando conduzidos ou arrebatados, mas não por livre iniciativa»... como esse outro povo, jungido á oppressão, humilhado, abatido, mas sempre passivo e molle por falta «da iniciativa dos fortes e dos independentes», iniciativa que tem dado á historia mais de uma pagina sublime.

E por ahi vai de assumpto em assumpto, analysando, commentando, discutindo, ora a fertilidade das terras, ora a fraqueza, a versatilidade dos espiritos, com uma sobria linguagem, mas tão cheia de verdade que muitas vezes, á força da impressão de leitura, por uma tal ou qual associação de características, chego a recorrer nos typos, quer de kchatryas, quer de pariahs homens que tenho visto, sem nunca ter pisado o sólo santo da India,



com os quaes tenho trocado idéas e discutido assumptos.

Não vão inferir que pretendo mostrar analogia entre o character do indio e o do brasileiro. São tão differentes os dois povos... E o brasileiro é lá capaz de soffrer affrontas? Nunca!







II

AOS GYNOPHOBOS

Effectivamente ha barbaros que não admittem que uma senhora tenha interferencia nos negocios publicos; acham que a mulher só está no seu papel quando trata de negocios particulares da vida privada.

Protestam contra a mu'her que vota, protestam contra a mulher que advoga, protestam contra a mulher que cura; entretanto, penso eu, haverá coisa melhor do que ser feito, por uma mulher, deputado, intendente, senador, ou... impe... quero dizer — presidente do Divino? Haverá coisa melhor do que ser posto no olho da rua por uma mulher, depois de ter praticado coisas hediondas? Haverá, por



accaso coisa melhor do que mostrar a lingua a uma senhora e consentir que ella nos apalpe, que ausculte os nossos orgãos, que nos tome o pulso...?

Barbaros adversarios do bello feminino. Eu, que aqui estou, daria uma perna ao Diabo se uma mulher me levasse á camara. Se algum dia me subir o sangue á cabeça, forçando-me a quebrar a dita a alguem, o meu advogado ha de ser uma advogada.

A mulher fala de mais, dizem, mas meus caros, o melhor advogado é aquelle que mais berra—um mudo faria uma tristissima figura no tribunal do jury. Acham que á mulher é curiosa, mas a curiosidade leva a indagação e diagnostico é o nome scientifico da curiosidade. Acham que a mulher não tem senso pratico, não admittem que as senhoras vão ás urnas porque as senhoras deixam-se levar por cantigas... e os homens?

Que votem as senhoras, que advoguem, que legislem, já estou farto de governos masculinos... as mulheres que venham, que saiam a campo as saias.



Vós outros que admittis a mulher actriz, a mulher caixeira, a mulher casada, a mulher viuva, a mulher, etc., etc., porque não haveis de admittir a mulher formada? Concedeis á filha de Eva a carta de amor e negais a de bacharela, porque? Deixai que passe a mulher.

Nós somos o factor, mas a mulher tambem não deixa de o ser. Se começamos a guerreal-as... que será de nós? Pazes, meus amigos, abramos os braços ás mulheres, ellas que venham! Não deformemos o triste esqueleto humano, rcubando-lhe a melhor costella.

Nada de exclusivismo — a mulher póde perfeitamente exercer as funcções que nós outros exercemos, salvo nos casos do... art. 2º § 3º das disposições transitorias dos contratos... Mas, pelo amor de Deus! nada de guerrear o sexo. Pazes... Eva que surja.







III

Correm os dias subsidiados á razão de 3\$125 por hora... e não ha numero.

A rua do Ouvidor regorgita de representantes. Politicos do norte e do sul encontram-se á porta dos alfaiates e falam da situação e das culturas nas terras de onde chegam, deplorando os acontecimentos do sul e a safra, a apathia e a falta de braços, reclamando a criação dos partidos e colonos... Na camara... continúa a placa—« não ha numero. » Que numero fatidico será esse que oppõe tamanho obstaculo á marcha da vida nacional? De que estranhos e complicados algarismos depende a situação?

Se a questão é só de numeros, proponho que se mande á camara uma taboada ou os logarithmos de Callet. Mas, a meu ver, cifra-se em outras coisas a intrincada e insolúvel charada, que não é de cifras, justamente por ser indecifrável.

Falta de numero, dizem os jornaes, e numero significa, segundo Aulete—«a relação que existe entre qualquer quantidade e uma outra tomada como termo de comparação e que se chama unidade; a expressão da quantidade.»

Interpretemos—um ábaco e um giz... vejamos: «A relação ou o ponto de incidencia entre uma quantidade (o Estado) e outra quantidade (a União) chama-se «um deputado». A quantidade que se toma como termo de comparação—é a Patria e o numero, o deputado é a expressão dessa quantidade... Ora, não havendo numero, não ha expressão da quantidade—Patria, ou, em outros termos, não ha patriotismo.

Abaixo, pois, o euphemismo das actas. Escreva-se d'ora avante: «Não houve sessão



por falta de patriotismo» e será mais clara,
mais positiva e mais mathematica a expressão
da verdade.







IV

A FELIX MARIALVA

Heloisa, em uma sentida carta que ella diz tristemente ter escripto «com lagrimas» queixa-se da tua indiferença gélida, attribuindo esse estado sombrio do teu espirito a um novo amor.

Andas a concorrer com a volubilidade, meu sensível artista. Foste refugiar o espirito entre fraguas, não para ter os olhos voltados para o azul excelso e a alma mergulhada na contemplação; fugiste para derriçar livremente, é o que parece, é o que infiro da lamentosa missiva escripta com tão preciosa tinta. Não sei quando farás pausa. Creio que já é tempo de procurares residencia definitiva.



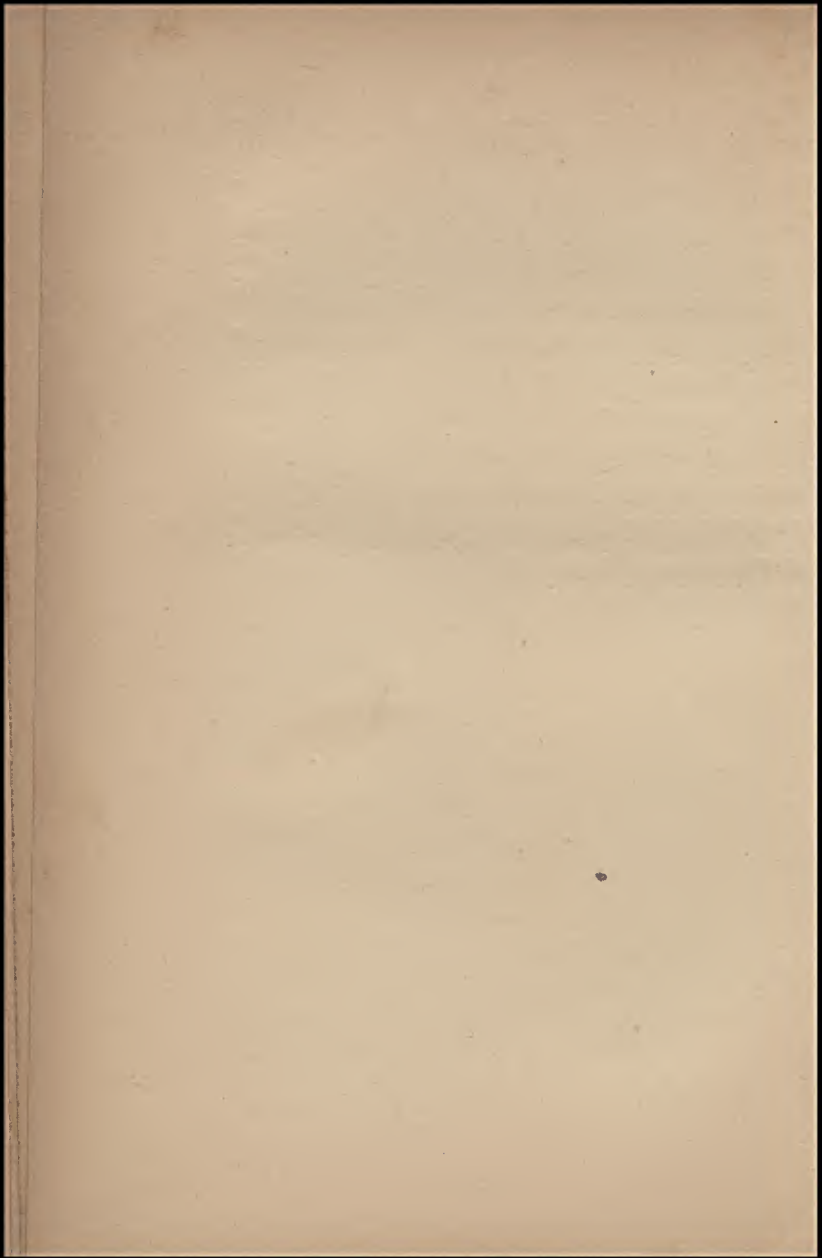
para o teu coração dodivanas, que anda a correr aventuras pelos casaes campestres como um Mœlibeo, a desfolhar bucolicas sentimen-
taes para todas as Amaryllidas desse viçoso
logar, onde reina com tanta intensidade a febre
de amor. Apazigua essa ardencia, não entris-
teças Heloisa... Que magua ver aquelles olhos
azues chorando! Que crueldade vel-os pisados
e denegridos!

Queixa-se a pobresinha de que não tem
dormido, pensando em ti, porque, apesar de
mais nova — diz com uma ingenuidade ado-
ravel: foi encarregada de velar por ti. «Quando
a mamã, quasi a expirar, chamou-a para be-
jar-lhe a cabeça loura, disse-lhe com melan-
colia — que cuidasse do Felix, que fosse para
esse filho uma *segunda mãe*». E has de convir
— Heloisa, apesar dos seus dezoito annos, tem
sido de uma heroicidade pasmosa, resistindo
ao amor, suffocando os impetos do seu corpo
adoravel e da sua mocidade, rejeitando todas
as offertas para cumprir a promessa que fez á
moribunda, de ser a *segunda mãe* do mais es-
troina dos filhos amadrastados.

Peço-te encarecidamente, pelos olhos azues de Heloisa, tua irmã, tua adoravel mãe-sinha, que voltes ao aprisco e aviso-te para que evites esta triste desgraça :—Heloisa prometteu offerecer á Senhora as suas formosas tranças, se te regenerasses. Vê quanto sacrificio, barbaro !...

Enxuga os piedosos olhos da desolada vestal e esconde todas as tesouras para que não succeda a grande desgraça de cair em offertorio, por tua causa, aquella opulencia de filandras de ouro.







V

A idéa do conego Harford, de Londres, da applicação da musica á medicina como principio therapeutico, não tem nada de *fin de siècle*. Os antigos conheciam-n'a e praticaram-n'a com successo. A melopathia teve a sua éra de florescimento e os seus clinicos notaveis: a lyra de Amphion acalmava as furias e operava magnificamente nos casos de delirios. Orpheu dominava os allucinados tocando o seu heptacordio divino. Na Biblia geme o kinnor davidico abrandando as coleras de Saul. Na Finlandia os enfermos, sentindo-se proximos da morte, mandavam chamar o scaldo do cantão e ficavam restabelecidos, diz An-



dersen, ouvindo o poeta nacional que se abeirava do leito como sacerdote e como medico e agitava a alma, prestes a partir, com a narrativa lyrica de um episodio patrio. Nos campos de batalha, findo o massacre, vêm-se corpos erguidos num supremo esforço, ouvindo o som triumphal dos hymnos, á distancia. O facto em si não é uma novidade.

Cabe ao sabio, empregando processos experimentaes de analyse, de accordo com os modernos methodos scientificos, estudar os varios e differentes sons, distribuil-os, para organizar a dosagem, sem o que póde succeder o caso de morrer o enfermo por uma violencia do *mi* sostenido ou por insufficiencia do *lá* bemol. Não é de menos importancia a distribuição dos instrumentos. No formulario melopathico, que será brevemente publicado, ha as seguintes applicações mais usadas:

Affecções do figado—uso da clarineta em grande escala. Um pouco de bombo não é para desprezar.

Affecções do baço : Tremulo de violino—5 minutos ; duas escalas chromaticas de flautim ;



4 pancadas de bombo ; 1 guincho de requinta. E' infallivel.

Nas molestias cerebraes deve ser de grande proveito para o paciente um pouco de rabeção. Nas cephalalgias, tambores e pratos ; em casos rebeldes : timbales. Nas hystherias e em geral nas enfermidades do systema nervoso, cordas de violonceilo ou infusão de cravelhas. Rheumatismo, sciatica, nevralgias, cedem immediatamente com o auxilio de fagotes, pistons e trombone. Nas molestias de olhos é aconselhado o oboé ; dizem que a violetta tem dado magnificos resultados. Nos casos de anemia profunda, ophicleide simples, duas vezes por dia, uma escala antes de cada refeição. Nas apoplexias, prohibição absoluta de pratos—violinos, em ultimo caso, gaita de folle.

Para os surdos duas bandas de musicos allemães. Nas molestias das creanças, é aconselhado o realejo.

Em todas as affecções cardiacas—harpa ou cythara. Nos casos de alienação, quando nada mais se consiga da camisola de força— um coro de trompas.



Um compasso errado póde transtornar o tratamento.

Ha casos de cura completa com um accorde apenas.

Na tuberculose é extraordinaria a applicação do violão—para a dansa de S. Guido, vicia e cavaquinho.

A doutrina ahi fica, os mestres que a experimentem.





VI

A' G. GENTIL

Ovidio escreveu a *Arte de amar*, os brahmas deixaram um código de leis sobre o assumpto. Eu podia, para eximir-me do trabalho, dizer-vos simplesmente: lêde Ovidio ou consultai o *Kama Soutra*; mas V. Ex. dirá que não quer saber de velhos conselhos e eu a retorquir: pois, minha senhora, *nihil sub sole novum*. Mas enfim... que se ha de negar a uma senhora que nos procura afflicta, desnudando a sua alma?

A grande experiencia tornou-me sabio em questões dessa ordem. Sou capaz de dizer-vos, apenas provando o vosso beijo, se sois loura ou morena. Pelo calor da vossa mão vou dizer o



estado do vosso espirito, pelo... vou dizer, sem errar n'um dia, o numero exacto dos mezes. Pratica sómente, minha senhora, porque ainda não houve cálamo nem penna que escrevesse sobre isso.

E sei tambem quantas especies ha de beijos: ah ! minha senhora ! minha senhora ! e como se deve falar de amor, que inflexão deve ter a voz, a luz como deve estar e a baptiste e... tudo, tudo. E para triumphar do amor, tenho tambem o segredo de um philtro, que... Mas não quero tornar publica a receita, para evitar uma revolução perigosa.

Posso levar o allivio ás pacientes, direis que pretendo fazer de Sganarello, não ha tal ; juro-vos por Venus e por seu filho: o meu intuito é unicamente de humanidade. Deixar uma pobre alma em tortura quando se dispõe de um meio evidente de allivio é iniquo.

Não fujo á explicação que me pedis. Como disse acima, sou um repositório de processos, tenho um que é uma especie de *cocktail* : uma mistura de leis de Ovidio, dos Brahmas, de Beranger, do nobre marquez que deixou re-

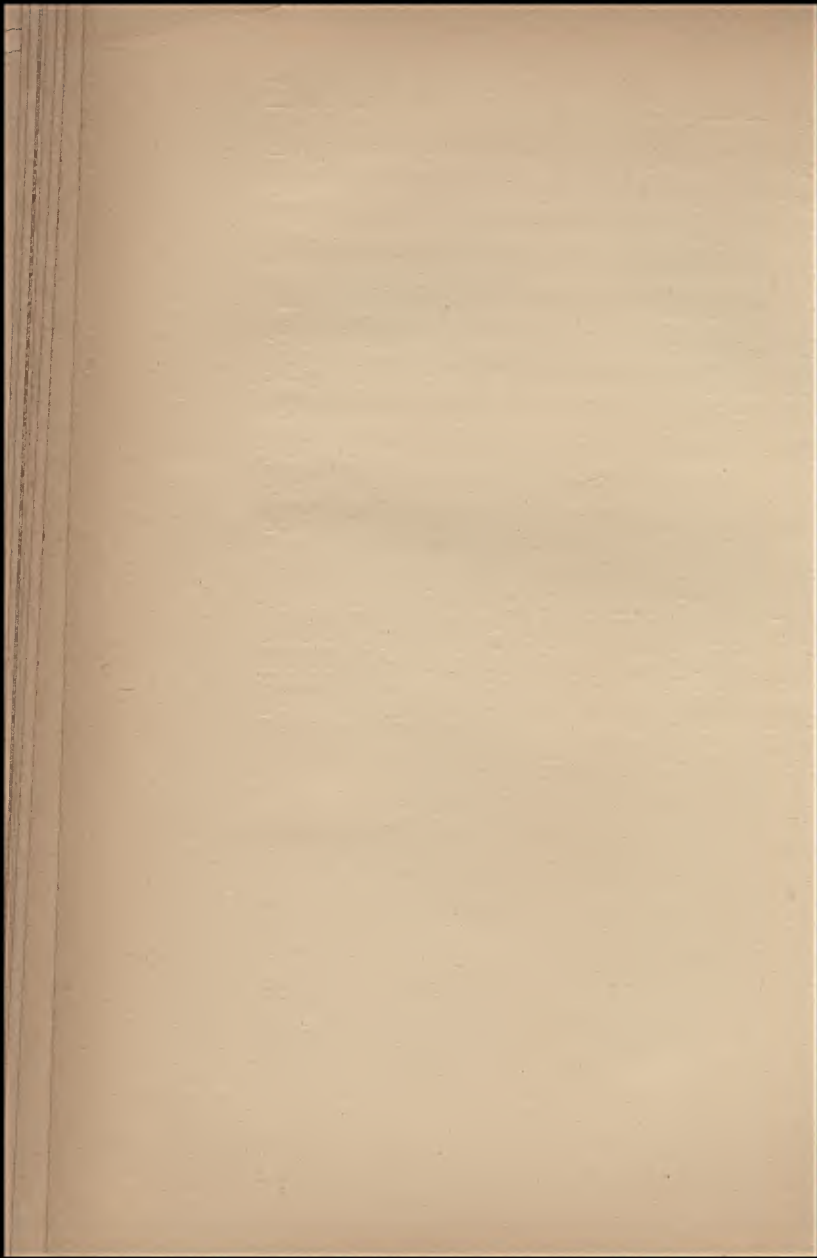


nome e do prude de Brantôme, um classico—misturei, sacudi todas as informações e desse eclctismo tirei um processo, que é divino.

Os romanos seriam capazes de honrar-me com uma festa publica, se eu lhes dêsse a explicação que reservo para momentos... de carvoeiro. Em mim encontra V. Ex. o *nec plus ultra*. Eu sou quem tudo sabe, porque tenho experimentado tudo, inclusive o atroz soffrimento que tanto affligiu o pobre Dr. Pangloss, mas publicar a minha receita, isso nunca!

Diga V. Ex. onde poderei deixal-a ou leval-a e então, pela deusa Cotyto o juro! tudo sabereis e ficaremos no mundo os dois unicos possuidores do grande segredo de... Marque o ponto, minha senhora.







VII

AOS REPRESENTANTES

Ainda que a luminosa sentença: «viver ás claras» esteja na ordem do dia, os paes da patria entenderam, fiados talvez no adagio: «a noite é boa conselheira», que não seria máo viver um pouco ás escuras e instituiram, com applausos unanimes da Companhia do Gaz, os cursos, quero dizer, as sessões nocturnas.

A noite é fecundamente suggestiva e demais é axioma incontestavel que não ha nada de novo debaixo do sol, mas debaixo da lua, *à la belle étoile?* quem poderá dizer os mystérios que existem...

Fazem muito bem os paes da patria tentando ver á noite o que á claridade do astro



rei, incompatível com o regimen actual, não conseguiram ver. A nictalopia não é um nome vão—é uma molestia de que podem dar testemunho evidente o Dr. Moura Brazil e os compendios.

O dia é o momento da acção, a noite é o momento da concentração —e do silencio. A camara terá difficuldades, talvez, em observar o segundo preceito, mas que observe o primeiro, que se concentre, que medite e que aproveite o orvalho bemfeitor que dá vida aos lyrios e que, de certo, não se negará a prestar auxilio á flôr immarcessivel da rhetorica das 7 1/2.

Os lyrios desabotoam á noite, os namorados tambem ; a alma expande-se, a paz serena convida o espirito a aprofundar arcanos.

Antigamente, á noite, reuniam-se os cenacles, aggreuiavam-se os videntes, convocavam-se as assembléas tragicas e á fulva claridade de lumes, em valles affastados, relampejavam laminas no punho dos que juravam. Hoje, como a evolução abrandou os animos,



não se assiste mais a espectaculos desse genero, a menos que não se compre a cadeira ou o camarote para gozo collectivo da penca domestica, a sogra inclusive.

Em devezas esconsas ha evocadores que fazem vir espiritos para a palestra posthuma, mas esses são os excepcionaes. Geralmente a bisca e o chá preenchem as horas até o momento da oração, da touca até ás orelhas e do mergulho fôfo em val de linho.

A camara vigilante dará ao paiz o grande exemplo da abnegação, produzindo leis e bocejos, votando projectos e pescando, com assomos de patriotismo e roncos de pesadellos. O povo, com essa lição, na camara domestica, fará esforços para não ficar atrás dos paes da patria—e a producção será espantosa e teremos dentro em breve, graças ao patriotico e desigualvel procedimento dos representantes o assombro prolifero da immigração espontanea. A camara que vote em verba especial um subsidio para as amas de leite.

A unica coisa que faz tremer um pouco a patria é que no fim da sessão, fóra de horas,



não succeda á camara alguma que a force a dizer como o poeta: «Ah! foi um sonho!» Para que não se dê semelhante escandalo, será prudente que os tympanos não parem, porque a ordem (da noite) não é a da scena comica—resomnar; a ordem é ser deputado simples ou com... somno.

E agora... por emquanto!.. muito boa noite, senhores representantes.





VIII

AO MATTEO BRUZZO

Em má hora deixaste o estaleiro que te serviu de berço, em má hora ganhaste as águas santas do mar. No dia em que molhaste a prôa pela primeira vez, a misteriosa erylina da Italia, filha das impassíveis lagoas pontinas, a Malaria, banida de Roma pela charrua do lavrador, combatida pelo braço forte do ilota que exorcismou o terreno com a água benta da frente—o suor, a Peste errante acolheu-se acocorada nas cavernas novas do teu bojo rescedente ainda á resina das arvores dos Pyrineos, onde foram buscal-as os lenhadores montanhezes. Foi a tua primeira passagreira, *Matteo Bruzzo*, a Peste dos páludes.



Abriste as vellas claras aos ventos dos largos mares, sulcaste os oceanos, abicando em portos, surgindo em ancoradouros—deixando fardos e gente, tomando novas cargas, mas sempre balançando, ao som da *berceuse* dolente da onda, a tragica e mysteriosa passageira que se exilára no mais intimo do teu corpo.

Os tubarões, quando deixas um porto, seguem na esteira espumarenta a espera de que da amurada caia nas suas guelas escancaradas o cadaver com que pagas o tributo á Peste.

Balisan a tua derrota de um modo estranho: marcos são os cadaveres que alijas. — O canto nostalgico dos immigrants que vêm á prôa, olhando o céu, é triste como um *De Profundis*, e a helice, batendo as aguas, parece que vem abrindo tumulos pelos mares além, dia e noite, incessantemente.

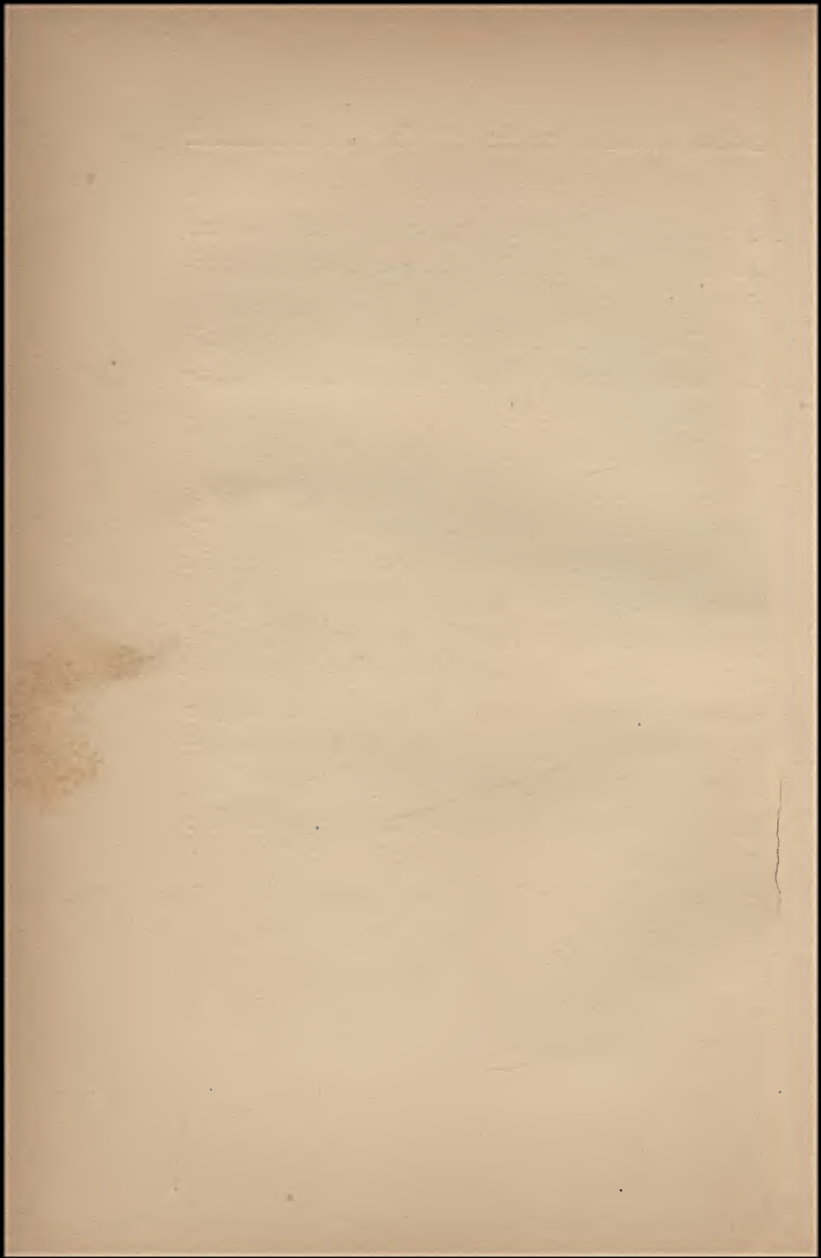
A tua passageira attrae as suas irmãs sinistras. Se tocas em algum porto inficcioso, mesmo que não communiques, levas o contagio. Já á Febre Amarella viajou contigo, o Cholera ha poucos annos e agora nova-



mente. E's repellido de todos os portos, como um maldito, a morte viaja em teu seio, és um hiate colossal das Pestes. A Malaria possue-te.

Bem melhor seria que parasses em meio do oceano e ao sol e ás chuvas deixasses que os ventos rompessem as tuas vellas abertas como sudarios, deixasses que a onda apodrecesse a tua quilha e que as tormentas devorasse o teu corpo maldito, pobre navio fantastico, porque, apezar da tua sina, que faz com que fraternizes com o judeu andejo porque em toda a parte gritam pela bocca dos canhões: ao largo! ao largo! quando te aproximas, és mais feliz que Ahasverus... elle, o errante, é immortal e tu não, podes apodrecer como pontão, em qualquer porto, para beneficio da humanidade e paz doa homens dos lazaretos...







IX

A ARLEQUIM

Affirmam por ahi, trefego pandigo, que resolveste abandonar a troça. Não sei que fundamento tem tal *diz-se*... Essa versão não passa de balela... Tu não podes viver como um burguez empanturrando a pansa em brodio intame, dormindo á sesta n'um sofá de vime, emquanto á lua a serenata geme.

Eu não creio, Arlequim, no que me dizem, tu não deixaste a guzla favorita.

Vem do retiro, surge, meu bohemio ! Vem desmentir a perfida calumnia; e, se achares dormindo entre lilazes, a saltitante e viva Colombina, dá-lhe um beijo na bocca que a desperte.



Vai procurar Pierrot, que anda arredio, e Pulcinello, que ninguem vê mais. Traze esse bando garrulo; convida toda a legião de classicos estroinas. Bate os bosques que outr'ora eram batidos pelos tropeis dos satyros hilares. Traze toda essa turba de bacchantes, ao crebro som metalico dos cymbalos. Traze Sileno, embora em carraspana meio tombado na anca do jerico, vai á profunda e lurida floresta, descubra a gente que exaltava o riso, para que, ao menos uma vez por anno, este povo tristissimo consiga escancarar as rigidas mandibulas n'uma sonora gargalhada franca.

Que diabo! a coisa nem parece a mesma... Vá lá que o raro espirito dos atticos, ou mesmo o fino espirito gaulez, por preguiça não tenham vindo á rua... Mas tamanha tristeza na cidade!... Nem vestigios sequer de uma bandeira, nem as folhagens do bom tempo antigo, nada dos velhos symbolos de Momo... E' muito, has de convir, pandigo amigo.

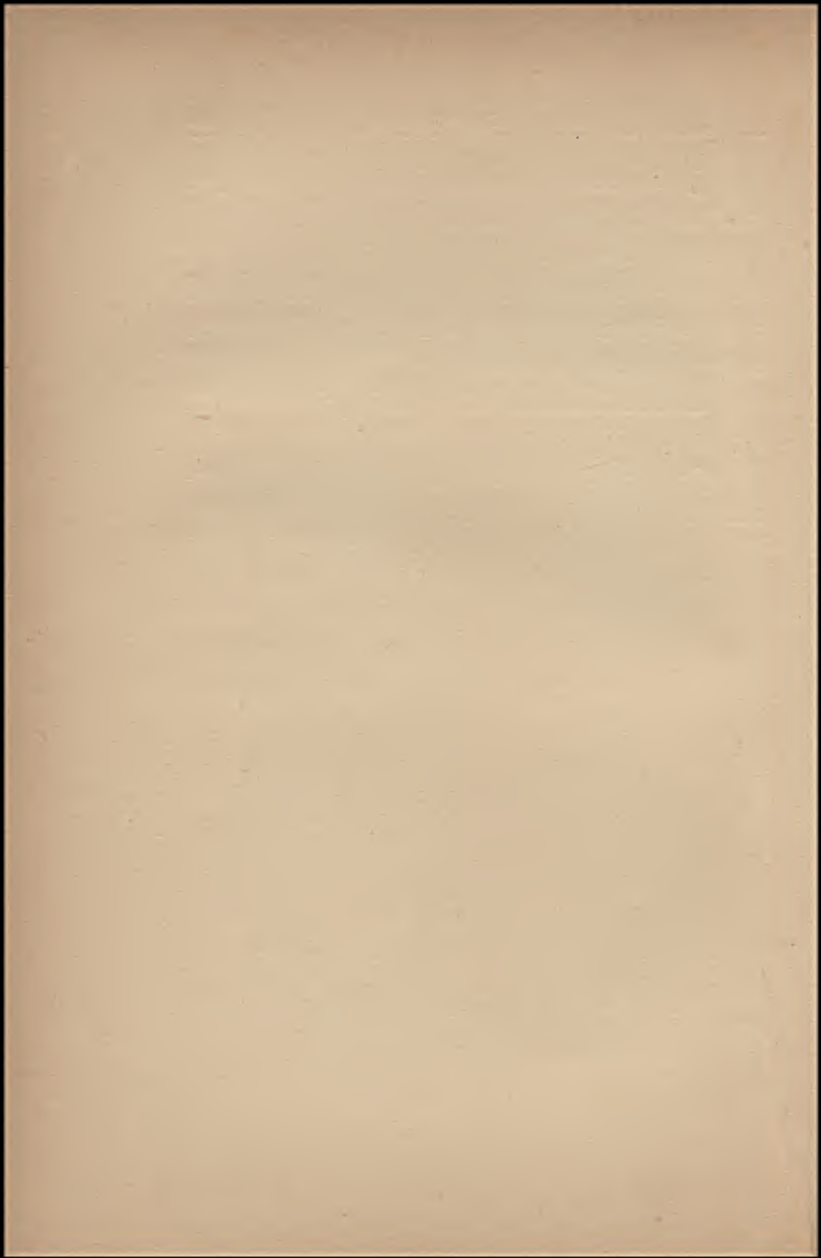
Vem trazer-nos um pouco de alegria, ó divino Arlequin das pantomimas! Vamos! Que custa? arriba e salta á rua.

Que saudades do trepido pandeiro! Que saudades da languida mandera!

Anda tão murcho o pobre fluminense que até pode morrer de hypocondria... Que te custa sair um dia apenas? Por quem és, nobre amigo, attende e salta!

..... Mas Arlequim não dá signal de si!

Que carnaval, meu Deus! Que pasma-
ceira!





X

A' P.

Evangelhos ceruleos, santos, santissimos e immaculados symbolos syderaes, mais claros que Athair, a estrella que os nomades veneram, olhos, meus Evangelhos, onde minha alma extasiada recapitula o doce psalterio, olhos feitos de effluvios, bemditos olhos, vinde, que eu vos veja, olhos ceruleos, vinde !

Palpebras, cortinas brancas do santuario, descerrai-vos e que as franjas d'ouro dos cilijs fiquem como baldaquino e como altar, e arqueando-se, como um iris de paz, o hemicyclo dourado das tuas sobrancelhas, protegendo cariciosamente as pupillas de amethysta humida.



Tuas faees tingem-se de rosa, é a madrugada do amor que as tinge, amada... Dá-me que eu veja os astros prisioneiros.

Só acredito que vivo quando me descobro reflectido nos teus olhos doees... Dá-me que os veja pois, a ver se eu vivo.

Os templos não se fecham jámais! o primeiro que passa póde bater á portaria santa para pedir e rezar ao Deus Senhor... Minha alma aneeia: é ella que ronda afflietamente em torno dos teus olhos... batem meus labios, soam beijos, não ouves, soam e resoam beijos sobre as palpebras...

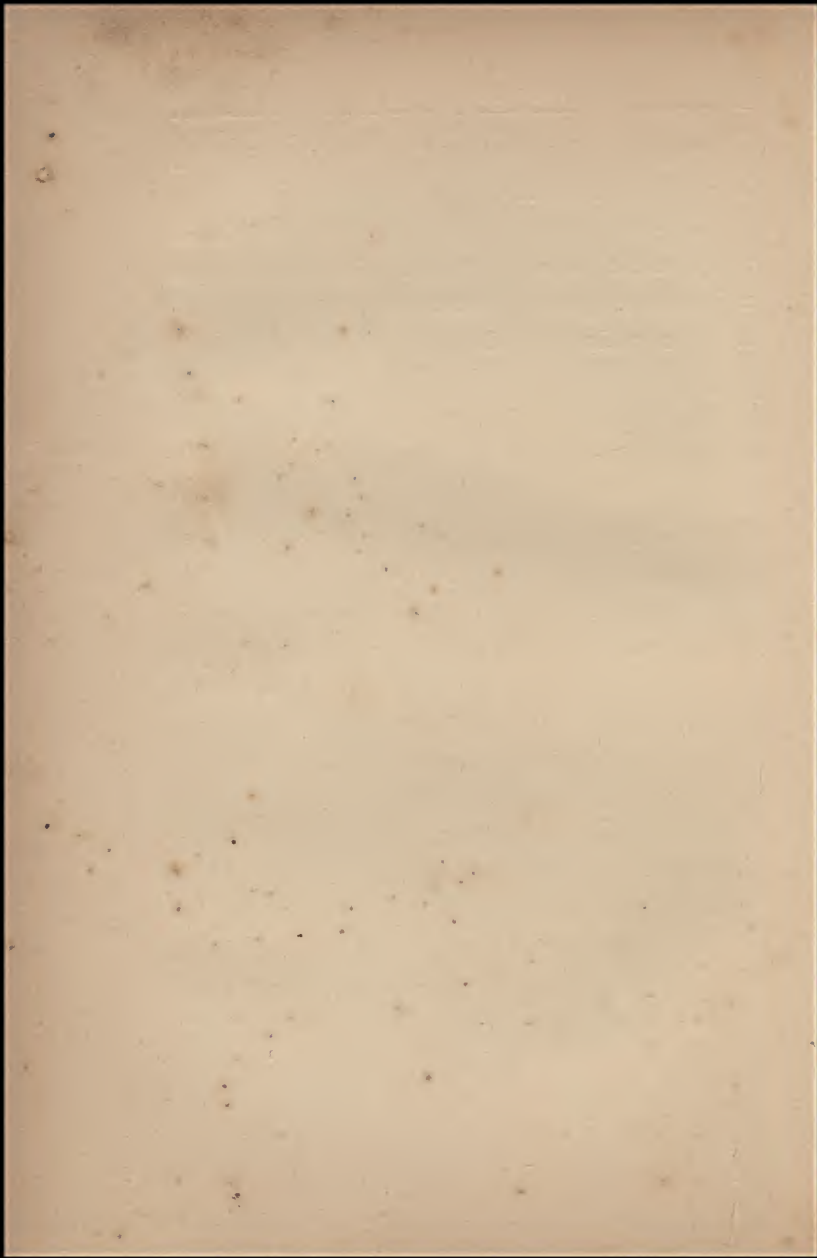
Abre-as, deixa que eu veja ainda os olhos castos, eôr do azul, que é o ideal, eôr do azul, que é o Ethereo, dá-me que os veja ainda, uma vez, e mata-me depois, e crucifica-me sobre a cruz branca dos teus braços, no Calvario do teu colo, que eu morrerei contente, entre os pequeninos ladrões dos meus sentidos—teus seiós, comtanto que, na hora angusta do martyrio, subas com a tua bocca a applaear a sede do meu amor, dando-me a beber, pela purç



purea esponja de teus labios, o sensualissimo beijo da Volupia...

Dá-me, dá-me que antes do supplicio eu recapitule o doce psalterio... Ha sempre um cirio acceso para os mortos: dá-me pois, dá-me pois, o cirial ceruleo dos teus olhos







XI

Auctoridades conspícuas e criteriosas têm discutido o suicidio, accitando-o como um acto reflectido, de suprema audacia, ou repellindo-o para o archivo dos delirios e das allucinações. Ha mesmo quem affirme, apoiado em razões ponderosas, que o suicidio é a manifestação do desalento, o extremo da covardia — o suicida é um evadido da vida.

Não quero baralhar a meditação dos philosophos com palavras yãs ; entendo que o suicidio é o suicidio, e fico neste entendimento.

Acho que o homem livre tem direito de vida e de morte sobre-si mesmo. O mundo é estopante e insipido ; por que razões ha de um

pobre diabo ficar escravizado ao tédio, quando a sciencia da morte está hoje tão aperfeiçoada...? Mas ha motivos tão futeis, que não merecem o desespero de um homem...

Francamente, saber a gente que os lindos olhos adorados de Julieta têm a moldura roxa porque não se fecham durante as longas noites que ella atravessa debruçada á janella, pronunciando baixinho o nome de outro... é mesmo para um desgraçado engulir de um trago um litro de qualquer coisa ou alojar no craneo uma bala; mas suicidar-se por um mandado de despejo, é levar muito longe o brio.

Quando não ha El-Rei o perde, diz a sabedoria dos caloteiros, e a idéa do calote, vem aqui a pello dizer, nasceu no espirito do homem no dia em que o Diabo inventou o primeiro credor.

Penhorados confessamo-nos diariamente: penhorados por isto, por aquillo, por fulano, por sicrano... que mal ha pois em sermos penhorados pelo senhorio? Trastes despejados... tanto melhor. Na rua é que não ficamos,

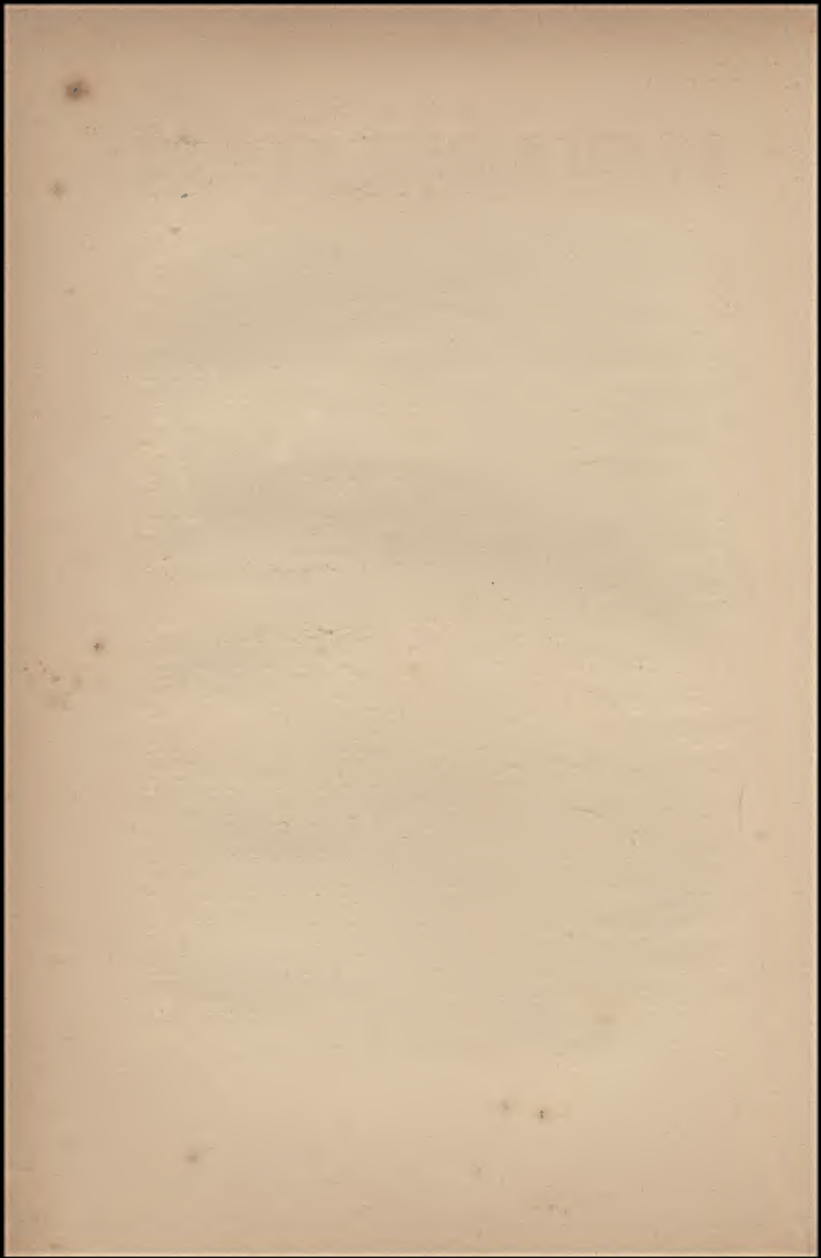


dizem os experimentados, e effectivamente não ficam; ha sempre um canto para os trastes.

Esse homem que se deixou arrebatado pelo desespero, ganhou alguma coisa com o sacrificio? Nada, absolutamente nada. Começou por perder a vida, não pagou a divida, deixou a familia abandonada e com a mobilia ás costas e mais a despeza do enterro e por cumulo morreu em peccado. E o senhorio? Mandou com certeza lavar o aposento, para que não ficasse uma gotta de sangue no soalho, e colou escriptos.

Se o ideal do suicida era legar á familia um exemplo forte de honradez, perdeu as balas e o tempo, porque não fez mais do que concorrer para o augmento da grande lista dos tolos. Se, ao contrario, era fazer a sua independencia alijando dos hombros o fardo da vida, pesado e ingrato, alcançou o seu desejo, tendo agora sobre os mesmos hombros cansados não mais a responsabilidade do commodo que o matou e da venda que lhe absorvia os lucros, mas simplesmente a terra... que lhe seja leve.







XII

A FELIX MARIALVA

Velho, setenta annos, talvez. Cavaignac branco, carapinha hirsuta, transbordando do cocar de grandes pennas variegadas ; á cinta um enduape. *Maillot* côr de carne, chinelas vermelhas oureladas de arminho branco ; no peito fundo lentejoulas e pedaços de galão de ouro e de prata, um tan-tan na mão esquerda, e na direita, calçada em luvas de meia, enrugadas, poentas, a vaqueta de tamborilar o rythmo do passo selvagem.

Ahi tens tu o *croquis* do mais extraordinario typo dentre quantos meus olhos viram nessa tristissima segunda-feira de junho, que a intendencia obrigou a fantasiar-se para fingir



ridicula e extravagantemente um dia de carnaval. E' o typo de um cucumby.

Vinha á frente, entre as duas alas do bando muito ancho, muito senhor de si, arrumando violentas pancadas no seu *gong* de couro, aos pinotes, como um grande orang. E queres tu saber, meu caro, tive piedade desse pobre bruto, piedade, digo bem, e vais saber porque.

Conheci um negro d'Africa, Augusto ou João, qualquer coisa ; chamavam-n'o em casa Cobó, tio Cobó não sei porque, mas pouco importa ao caso. Esse pobre diabo, maduro em annos, mourejava sem descanso, desde a Circumcisão até o S. Silvestre, com uma bravura de fazer inveja aos braços de vinte annos, e era tudo—carreiro, pastor, entendia de cozinha, sabia içar uma vella e dar rumo a uma balsa, e quando era preciso tomava da enxada para a capina das roças.

Mas, lá vinha um dia em que não havia quem o contivesse. Desapparecia e procurasse-o quem quizesse, andava longe, em folga, distrahindo a sua nostalgica tristeza.



Um dia, ao cair da tarde, vindo de volta á casa, ouvi guizalhada, ruido de adufes, batuque surdo de muitos dansadores, n'uma especie de clarcira, não longe da estrada que eu seguia. Deixei o animal e metti-me corajosamente pelo matto enredado, e sabes tu quem fui encontrar aos pinotes n'uma grande roda de negros empennachados, com um sceptro na mão, urrando, mas urrando...? Cobó, o pobre negro. Quiz esconder-me, mas um molecote, assanhado na dança, veiu n'uma corrida até onde eu me achava com um grú-grú feroz, levantando então a cabeça, deu commigo e estacou.

— Nhô! Escusado é dizer-te — o alarma do crioulinho poz em debandada a aringa: uns para aqui, outros para alli. Cobó, meio attonito, adiantou-se com o sceptro na mão.

— Que diabo é isto, Cobó?

Olhou-me espantado a principio, com grandes olhos, mas vendo a minha calma risosinha, disse coçando a cabeça:

— E' cangerê, nhô... Negro foi rei na terra... Esse é dança de lá—e sacudiu-se n'um saracoteio.

— Tu foste rei ?

— Foi rei... Esse é dança de guerreá... Tá lembrando, nhô... tá lembrando tempo de rei...

E havia tanta saudade nessas palavras do Cobó, tanta saudade, Marialva, que me senti commovido até ás lagrimas e parti para deixal-o na liberdade da sua recordação, evocando entre arvores, com a sua gente, o tempo heroico do seu dominio real, quando era senhor de uma aringa nos vastos e abradadissimos sertões da Africa. Ah! tens : Cobó de vez em vez fugia para rememorar o seu fastigio no cangerê selvagem, e esse cucumby de setenta annos trouxe-me recordações da minha infancia, do tempo em que fui achar o velho negro, todo em plumas, n'uma grande roda, aos berros... De sorte que vendo saltar esse negralhão sarapintado veiu-me logo ao espirito uma inter-rogação ingenua :

— Quem sabe se esse não foi rei tambem como Cobó ? Quem sabe ?





XIII

A MME...

Se o fetichismo no amor é uma verdade... Dizem os sábios, minha senhora, e a sciencia tem feito tantos progressos que seria imperdoavel deixar em esquecimento tão agradável materia e ultimamente os sábios, de oculos na penca, andam ás voltas com o amor, procurando descobrir as grandes causas do sentimento divino para debellar, talvez, os perniciosos effeitos de uma pupila ou de uma pequena mão que...

O fetichismo existe.

Ha homens, por exemplo, que não podem sentir o *odor di femina*—perdem a cabeça, entram a fazer loucuras e outras coisas peiores.



Outros desvairam-se a indiscrição de uma fimbria de saia deixa transparecer *un petit bout de jambe*...

Li algures que um homem casara com uma mulher horrorosa, sem dentes, quasi pelada e vesga.

Interpelado por um amigo respondeu, pondo os olhos em alvo :

— Ah ! se lhe visses a nuca !... Se visses a nuca que ella tem !... e deu um estalo com a lingua.

Outros perdem a cabeça por coisas minimas—pelo modo de pronunciar o *r*, pelo *tati-bitati*, por um certo cacoete, etc. Um conheci que fazia versos a um pé torcido—o pé da sua amada.

Disse-me cheio de convicção que se ella pisasse como as outras mulheres seria uma vulgaridade—a graça, a elegancia dessa encantadora creatura vinha do desequilibrio.

Finalmente, minha senhora, tenho um amigo que é doudo por batatas, e casou com uma viuva simplesmente por causa do nariz.



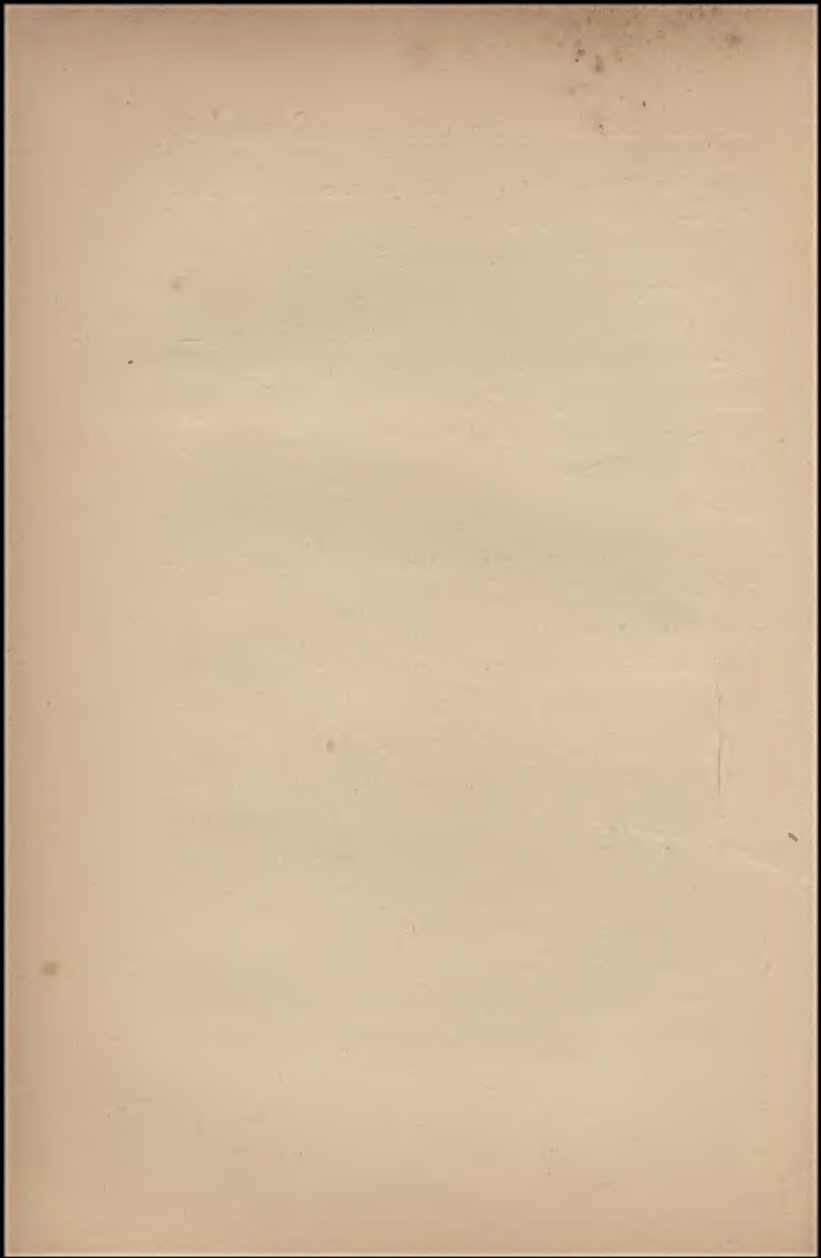
Não sei como classificará a senhora esse vezo—os sabios chamam fetichismo.

Se eu sou susceptivel... ? é a sua segunda pergunta.

Quando me beliscam, minha senhora.— Umaz vezes zango-me, outras vezes fico em extase, porque ha beliscões publicos, são esses que me fazem perder as estribeiras, e ha beliscões por baixo da mesa e são os que me põem a cabeça a juroz.

Das outras susceptibilidades falaremos mais tarde.







XIV

No tempo do Serapeum não causaria espanto ver sair triumphantemente, entre alas sacerdotaes, seguido de Anubis, o cão, e de Isis, a vacca amorosa, Apis, o boi sagrado. Atrás, em theorias, os musicos hieraticos, tocando a salammhô suavissima, a cyniras e o sescek consagrado á boa deusa para que o povo das margens do Nilo, do Delta á Heptanomida, viesse com palmas e oleos aromar e tapizar o caminho que deviam pisar as patas sacratissimas do veneravel ga lo.

No Egypto seria caso vulgar o passeio bovino — os chlochyas não deixariam as funebres officinas nem Israel desceria dos andaimes



para ver passar o cortejo religioso. Mas aqui, na cidade por excellencia, administrando a intendencia, «vai tudo raso», nos dias correntes do seculo XIX, parar ao sol para ver um boi nutrido e forte, nedio, anafado e luzidio, parece-me rematada tolice.

O boi do Egypto tinha prerogativas divinas—era deus, e como tal digno do maximo respeito e de toda veneração— Apis symbolisava Osiris. Prestava-se culto, não ao boi, mas ao Remunerador e Regulador supremo, o povo tinha motivos sobejos para prosternar-se diante do toutiço bovino, mas que estranha cousa viam os curiosos que hontem admiravam dois touros negros que um sujeito, de carapuça de flanela azul, á moda da leziria, tocava pacientemente pelo cães da Gloria? Que via o povo nos pacificos ruminantes? divindades? a salvação das nossas almas? a remissão dos nossos peccados? a vida futura? Osiris? Santo Antonio...? não... O povo via mais praticamente, com os olhos que a terra ha de comer, a alcatra, o filet, os mocotós, o ragout, e já penetrando com a argucia das aguias e dos



famintos, via as dobradinhas, a fressura toda e aquelle corpanzil, a 1\$ o kilo, ensopado com batatas.

Se os pobres animaes falassem estou certo de que diriam ao povo: *Ave! morituri te salutant!* Os desgraçados caminhavam para o matadouro resignadamente, fazendo appetite á massa.

Seria melhor que os passeiassem promptos —ensopados, assados, de grelha ou de forno, para privar o povo do supplicio da agua na bocca.

Mas, ó que não me parece moralizador, é esse ambular aperitivo pelas ruas da cidade. Deem ao boi a sua sorte, vendam-no aos kilos, reduzam-no a almondegas, mas não a phenomeno. Entristece ver esse meigo e robusto companheiro da familia humana, que trouxe os primeiros carros dos aryas, que arrastou pela primeira vez a charrua nas terras, exposto como uma curiosidade, arquejando ao sol, picado de vez em vez pela aguilhada de um campino.



Se eram bois para o bife deviam estar com S. Diogo, se eram para a signorita Lola deviam estar na praça, mas na praça não podiam aparecer decentemente, porque os coitados eram... não eram... eram... partidos, devo dizer.





XV

A' LUIZINHA, *do cordão azul.*

Não é uma carta de amor que te escrevo, o genero está muitissimo explorado, demais quero ser sincero contigo que foste sempre tão meiga e tão paciente, porque, acredita — jámais esquecerei a abnegação evangelica com que te prestavas a ouvir os detestaveis sonetos em que eu procurava cantar os teus olhos e a tua trança negra. Não é uma carta de amor, Luizinha, é uma simples lembrança de saudade de quem foi com tanto empenho partidario fanatico do teu cordão e dos teus olhos.

Pelo que se me tem escripto do Recife sei que não appareces mais nas festas pastoris da Estrada Nova, não porque tenhas esquecido os



cantos de Natal nem tampouco porque receies entrar em luta com a Marocas, do cordão encarnado, mas porque Fulgencio d'Anunciação, que desposaste, é um ciumento da casta de Othelo.

Vives hoje da tradição. Os que te veem passar, molle e pesada, lastimam-te commiserados. Já não és a mesma de outr'ora. A Luizinha que eu uma vez n'um assomo de lyrismo, comparei a uma libellula, arrasta os passos, offegante e rotunda, porque Fulgencio d'Anunciação tem em vista o premio, offerecido pela intendencia, ao mais fecundo casal.

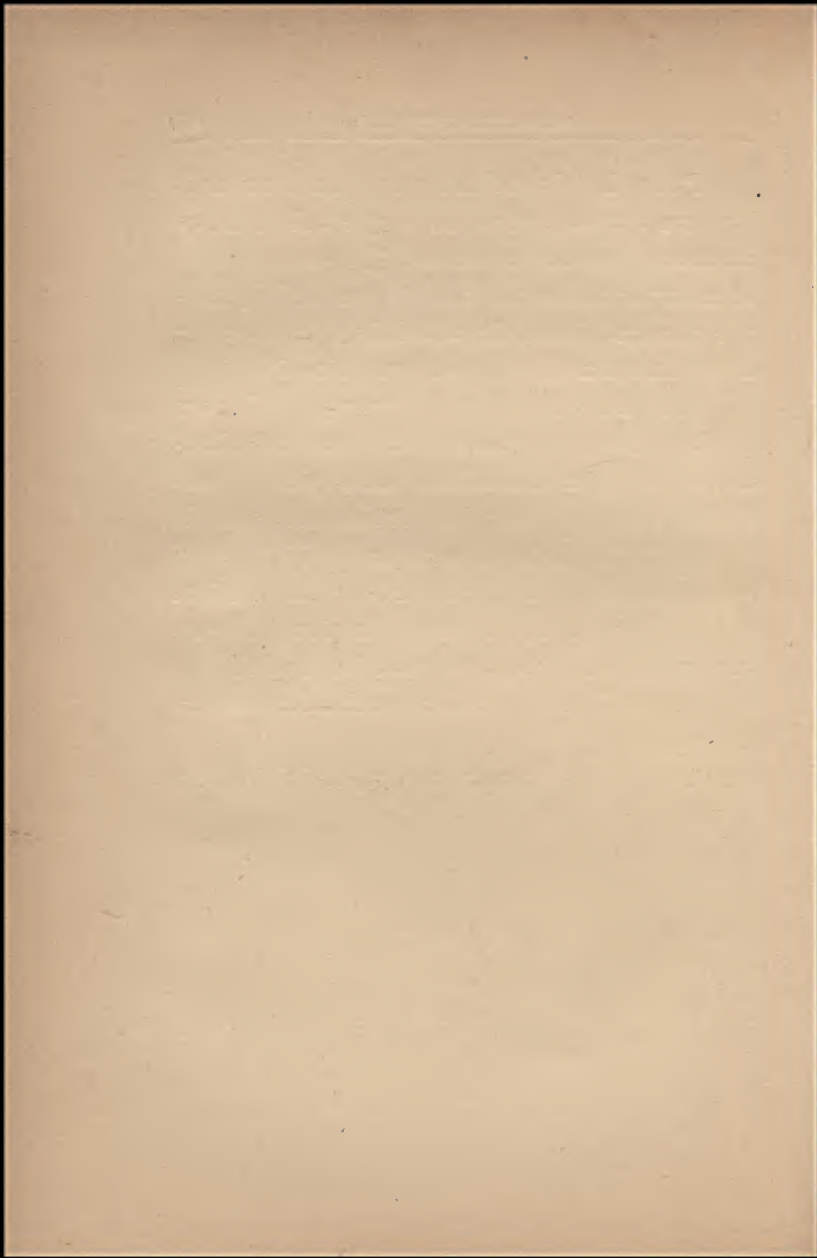
Em uma carta disse-me alguém falando de ti... «Perdeu inteiramente a graça de deusa, não é mais a Luizinha esbelta e trefega, que tirava os canticos, junto ao berço do Menino Deus, é uma *couveuse*, uma especie de Cybele procreadora. O Gaudencio que ainda não a esqueceu de todo, chama-a nas horas de desespero a Venus Genitrix... De pastora nada conserva a não ser o rebanho de filhos com que vai á missa aos domingos em companhia do barbaro. »



Pobre Luizinha! A's vezes penso em abalar para ver se é verdade o que affirmam os ausentes, mas tenho medo... Que será de mim se esbarrar com o teu rancho e contigo, sempre para cada hora, descabellada e triste como uma victima a caminho do supplicio?

Não, é melhor que não te veja mais para que não desapareça da minha saudade a Luizinha meiga, a libellula do meu lyrismo, saltitante e alegre, risonha, lepida e... sem filhos... Oh! a Luizinha mãe de familia! o meu formoso cordão azul mudando fraldas! Triste cousa é o mundo, detestaveis novenas de mezes que deformarieis a propria Venus de Milo, se ella não fosse esperta como foi... e de marmore.

Deus te dê uma boa hora, Luizinha... e adeus!





XVI

Vive em Paris compondo alexandrinos que Sarah recita diante do escol finissimo da Arte, mas se vivesse entre nós, esgotando o seu estro neste luminoso paiz das inusas, Richepin teria abalado para a praia das Flechas, attrahido pelos noticiaristas que exaltaram a belleza de uma Esmeralda pernambucana. O auctor de *La Glu*, levado por um impulso quasi paternal, iria rodar em torno das baracas procurando decifrar a gyria dos ciganos, esperando ouvir de alguns o epilogo sentimental da historia de sua Miarka para vir contar, no seu estylo rendilhado e sonoro, como terminou a aventura da cigana, em que



desvio, á luz de que astros foram celebradas as nupcias bohemias da filha da ursa. Richepin teria enveredado pelas barracas para ouvir a historia romantica dessa moça raptada, teria recolhido as canções zingaras e talvez trouxesse, para alumiar o mysterio da vida dessa gente nomade, a historia remotissima da sua origem.

Mas... que não trouxesse a historia, que não se preocupasse com o segredo impene-travel desses peregrinos, sem um romance, sem o *canevas* de um poema, sem uma canção, não deixaria as tendas, o poeta dos maltrapilhos.

Ninguém conhece ao certo o episodio inicial da vida errante dessa moça do Norte. — Será de recente data o rapto ou foi elle feito quando vagia ainda a desgraçada esposa do cigano? Ha ou não uma Gudula ás margens do Capiberibe invectivando um Quasimodo official de Justiça?

Terá havido violencia da parte dos bando-leiros ou essa formosa estrangeira na tribu, n'um acesso de romantismo, sonhando como



Miarka os largos horizontes do mundo e vendo desfilhar na estrada branca a caravana dos eiganos, enlevada, attrahida, foi seguindo a marcha ouvindo as guzlas até que exhausta, sentindo-se desfallecida, pediu pouso na carroça do chefe?

Quem poderá dizer a verdade sobre esse estranho idyllo, em que ha uma Ariadne que chora não de saudade, não por se ver abandonada, mas de tédio, de nostalgia, cansada desse amor ambulante e dessa jornada infinda ao som de guizos, precipitada sempre, com pequenas pausas enquanto as velhas choramingam á porta das cidades, leem buena-dicha e fazem dansar os ursos; enquanto os velhos apregoam caldeirões de eobres e os moços assaltam rebanhos e easas, assassinando calma e friamente, com a canção nos labios?

Richepin, se vivesse entre nós (mas felizmente não vive!) olharia um largo subsidio para uma historia commovente, em que fosse protagonista a moça raptada, e teriamos de novo as descrições fantasticas, as grandes dansas ao som de tamboris, os mysteriosos ora-



culos das bruxas, os assaltos e os amores ardentes á plena luz, enquanto o burrico carregado de campainhas e de guizos abrisse a marcha aos eternos emigrantes. Mas, entre nós, o caso dos ciganos não passa das notas do *reporter*...

E' verdade que Richepin vive em Paris...





XVII

Não posso atinar com os motivos das perseguições de que são victimas os curandeiros... A policia não permite que exerçam a medicina os herbanarios que, em vez de alisarem durante seis annos os bancos academicos, andaram pelas campinas e pelas montanhas cavando raizes, catando simples com a paciencia evangelica dos Linneus e dos Martius. A policia entende que a cura não póde ser feita sem uma carta conferida, em sessão solemne, pelas congregações sábias.— Quem diagnostica é o gráo, quem receita é o gráo, quem attesta é o gráo. Não basta que um homem tenha dedo para a cousa, é mister



que tenha anel no dedo predestinado, porque a verde esmeralda dos argolões scientificos leva esperança ao espirito dos enfermos.

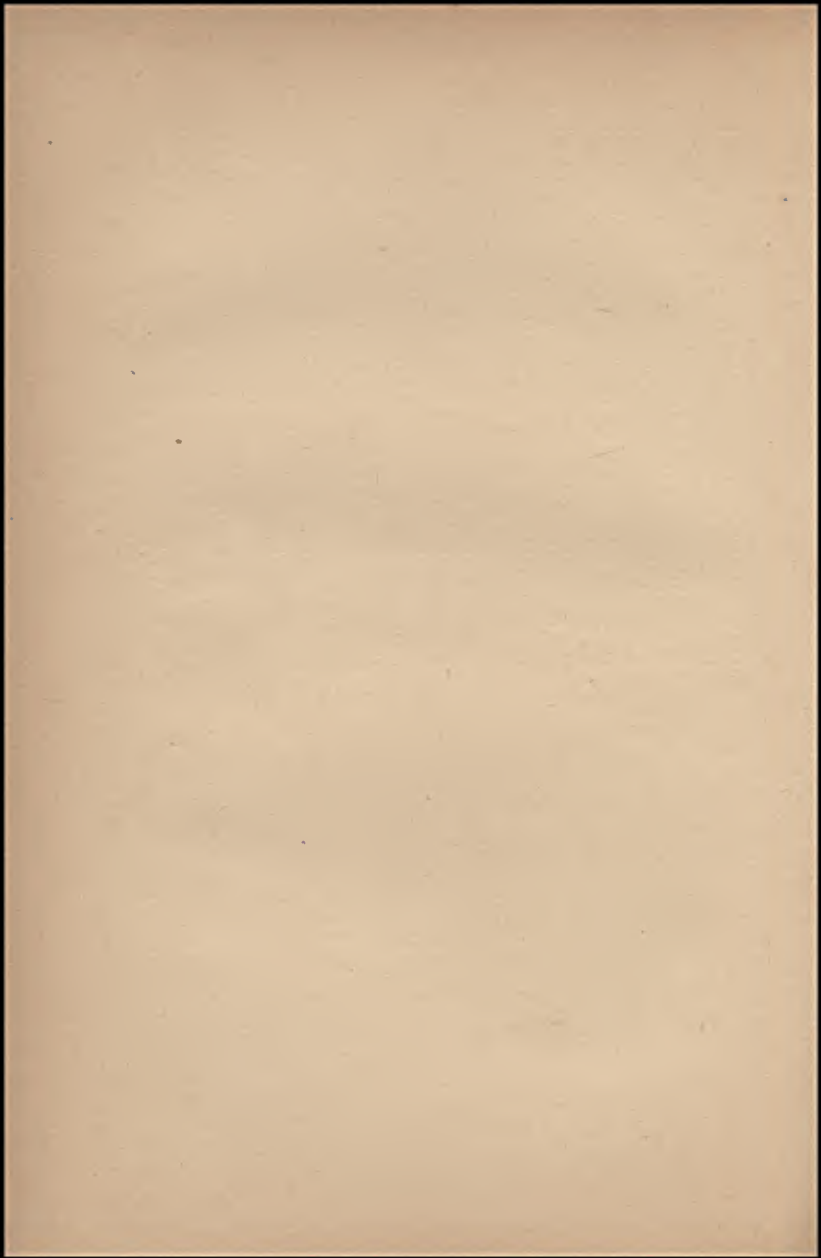
Entretanto os dois paes da medicina, Hippocrates e Esculapio, não cursaram faculdades. Não consta da historia que os semi-deuses que conseguiram resuscitar defuntos tivessem atravessado os seis annos de estudos, em amphitheatros anatomicos ou em laboratorios chimicos; estudaram em plena natureza e conseguiram merecer as honras posthumas do titulo de «paes da sciencia» — dois curandeiros como o caboclo, dois curandeiros como Bombardó.

Em medicina, como em religião o que salva é a fé... a fé é a grande, a principal therapeutica. Se assim é, por que razão insiste a policia em perseguir o curandeiro A. chamado para velar junto do paciente B., se esse paciente estava convencido de que só conseguiria a cura bebendo as drogas inoffensivas da pharmacia não matriculada? Demais, o curandeiro tem a sua pratica, conhece tão bem ou melhor do que o medico as vantagens



do cipó chumbo e as qualidades drásticas da mamona — applicar é facil... Mas a policia não entende assim ; acha que um homem não pôde morrer convenientemente senão ás mãos de um medico—o medico é o unico que tem o direito de assistir e de attestar porque para os casos de morte foi que a Civilisação instituiu um curso de seis annos, obrigado a collação de gráo e a uma joia no annullar... Para dar cabo do proximo basta uma faculdade ; é por isso talvez que a policia combate a concurrencia... e não vejo outro motivo, porque realmente entre curandeiro e medico ha tanta conformidade que... etc., etc.







XVIII

Fragmento de uma carta de Felix Marialva.

« Pekim...

.

Louvado seja o Senhor!—exclamei. Acho-me em terras do cheiroso Oriente. Vou agora ouvir as musicas que embalam o berço da Humanidade, vou encontrar os macios e languidos olhares das que, n'outro tempo, fizeram as delicias dos conquistadores tartaros. Que bella primavera vou eu gozar aqui á sombra fragrante das velhas selvas, ouvindo o murmuro dos rios nos leitos cavados ainda pelas aguas do segundo dia!

E desafogando o meu entusiasmo em um sonoro suspiro vesti a tunica de seda bordada a ouro, com um pittoresco ramilhetado, con-



senti que me raspassem a cabeça, e nesse todo chinês deitei-me em uma esteira de junco ventarolando, devoto e calado diante de um idolo de barriga enorme, em cujo umbigo bato com uma vaqueta quando careço da presença de Fú.

Ao cabo de meia hora de recolhimento, bateram á minha porta tres pancadas leves.

— Entre, quem está ! Era Fu.

O tankia adiantou-se—olhos baixos, labios mudos, braços cruzados e um rabicho mofino saindo-lhe da reluzente calva, como a raiz de uma cebola. Vinha trazer-me o chá—chá perola, que de outro não tomei enquanto percorri terras do Meio. Depois da bebida, para dar expansão á lingua e ouvir cousas extraordinarias, convidei familiarmente o tankia a encolher-se em uma esteira de bambu que puxei para o centro da sala. O chinote resistiu vexado, mas, por fim, sentou-se.

— Vamos lá, rapaz, desamarra essa cara de agonia e conta-me a tua vida. Escusado é dizer-te que não vim ao Celeste Imperio simplesmente para comer arroz — vim tambem

beber conhecimentos. Desata a lingua sem cerimonia e, aqui que ninguem nos ouve, fala-me a verdade sem veos, a pura, a verdade das verdades.

O tankia falou com uma voz pungitiva, e a proporção que discorria como se a sua dôr estivesse a dar á bomba no poço da sensibilidade, vinham-lhe ás amendoas fios correntes de lagrimas :

«Desde que o sol me alumia, vivo cavando a minha sepultura. O tankia tem nos olhos dois oceanos—ás vezes aquecidos pelo sol, acariciados ás vezes pela lua—mas sempre cheios d'agua.

«Nos, tankias, temos por dote, quando as nossas mães não nos esperam no nascedouro com o carinho que asphyxia, nós, tankias, senhor, temos por dote a Dor, a grande Dor que não tem cura. Andam juncos nos rios, annamitas á proa assobiando ao vento, mas o crocodilo nada sob a quilha... Voam carros nas leiras, mas o vento destroe com uma lufada tudo que o pobre leva... Se creamos matam-nos e roubam-nos. A ave familiar do tankia



é o corvo — triste symbolo, mas verdadeiro emblema... Não temos cemiterios para os mortos, mas temos cemiterios para os vivos. Trabalhamos de sol a sol sem cantar, sem sorrir e, de quando em vez, a peste do alfange imperial ceifa a pobreza que geme.

«O miseravel aqui, meu senhor, nem pôde baixar os olhos sobre o logar em que descansou um lyrio branco amado. O coração morre quando começa a nascer. Aqui trabalha-se para morrer...

«O que ainda nos consola é ver á hora triste da tarde, no amplo e sereno céu, passar triumphalmente, remigiante, a phalange altiva das aguias do Thibet.

«O que ainda nos consola é o cheiro balsamico e bemfeitor das nossas mattas, onde é bom morrer quando as grandes petalas desabrocham ao apparecimento da jardineira aerea — a lua branca do céu.

«E' bom morrer, meu senhor. E' muito bom morrer. »

— Mas, por Deus, não ha então no mundo um remedio para tamanhos males ?

— O opio que traz o somno, que é a anes-
thesia da alma... ou então o supremo bem, a
paz sem fim...

— Qual é...

— O suicidio...

E o tankia passou a mão pela garganta,
fazendo *craaat*, como se em verdade tivesse
cerceado a guela... e espichou uma lingua
saborrosa.

Receitei-lhe agua de Rubinat. »

.....







XIX

A' ...

Não, minha senhora, quem lhe disse taí mentiu... Sou nervoso, tenho de quando em vez acessos, mas de melancolia, acessos mansos, se permite que assim me exprima. A meu ver, a melancolia é uma loucura triste...

Mas, se tenho em minhas mãos as mãos de qualquer senhora, se ouço boas palavras, se me entontecem aromas, se pelos meus hombros se derramam cabellos e se me abraçam... não, qual triste! sou o mais communicativo que é possível.

Correm por ahi calumnias; sei bem que invejosos dizem fabulas, inventam lendas a meu respeito, mas esse villão que lhe disse taí



mentira, hei de apanhal-o, para que repita diante de mim e diante da senhora a infamia.

Se ás vezes exalto-me — e isso succede-me de quando em quando — tenho razões fortissimas... Triste de mim se me não exaltasse... mas sei comedir-me, não vou além do *chic*, porque tudo tem um termo... Mas não sou de languoeres, não tenho os dengues effeminados que o calumniador me attribue — amoroso, meigo, não nego... Também não é decente e cavalheiroso tratar uma senhora á maruja — quer-se bom tom, uma certa delicadeza affavel, mimo. Uma senhora não admittirá jámais que a tratem rispivamente.

Sou nervoso, mas sem *tics*. Os meus nervos têm educação, minha senhora. Exaltam-se uma ou outra vez, por exemplo, diante de uma infamia como a tal... que... Não, minha senhora, pelo amor de Deus, por tudo que ha de bom e de santo neste mundo, responda-me: quem foi que lhe disse que eu grito?





XX

AO ESSENIO

Amado essenio, dizem lendas (e vai bem longe o tempo em que as ouvi contar) que hoje dormes vigiado por uma theoria de anjos para que não succeda ao mundo a desgraça irreparavel de ser devorado por um incendio ou por um novo diluvio contra os quaes nada poderão fazer as bombas de que dispõe a triste humanidade. Entretanto, amado essenio selvagem, que mal te fizemos nós? podemos repetir como o borreguinho da fabula (e tu és tão amante dos borregos!): no tempo em que padeceste não eramos nascidos...

Soffreste muito, não ha duvida :— Foste para o deserto, comeste gafanhotos, apanhaste



muitas bronchites, porque teus hombros tinham apenas para resguardo uma pelle de ovelha, por fim passaram-te a faca impiedosamente, porque do fundo do teu carcere de Makeros dizias verdades terriveis ás gentes, sem distincção de casta.

Mas, amadissimo precursor do artigo de fundo, preclaro progenitor do apedido, conso-la-te... Por muito menos, oh! por muito menos! andam Joões sem carneiro (quem lhes dera um quarto, não para morar, fazem pouca questão disso, para comer) por immensos desertos peiores que os da Galiléa, (por esse ao menos de vez em vez entrava um vulto meigo de samaritana, fazendo a travessia)— muito mais tristes sem sycomoros, sem cynamomo, infectos plantados de arvores que matam, alagados de pantanos, atravessados, vê bem esseno dyspeptico, atravessados por antropophagos de dois pés, de quatro pés, não sei se de mais...

Não garanto que tenham comido gafanhotos e mel sylvestre, porque ainda não tive em mãos o *menu* do que comem, mas que têm



sido comidos (o que é um pouco peor) que o digam os mosquitos que têm morada ás margens do Rio Negro, que não é positivamente o Jordão Lustral.

Não sei se ainda têm as cabeças sobre os hombros, alguns têm-nas perdido por vezes diante dos horrores, mas não consta que o alfange, ou coisa equivalente, de uma Salomé tenha-as passado para um prato de prata.

Outros, João, vivem em presidios peiores do que Makeros. Lá, pelo menos, tinhas de quando em vez a consolação de ouvir as musicas do tetrarcha e os outros, queres tu saber o que elles ouvem? os silvos dos ventos e o ulullo das aguas bravas. Consola-te, meu essenio e não venhas por ahi com uma carga d'agua... ou de fogo; nada de indignações violentas.

Que diabo, meu santo... tu tens o paraizo, houve sempre um pedaço de céo para receber-te depois das invectivas com que puzeste rasos o governo de Roma e outras coisas mais e más; tens bombas, tens fogueiras, as donzellas invocam-te, as velhas accendem cirios



junto ao teu symbolo e os outros Joões, meu santo? e os outros que andam por esses matos ao sol, á chuva, entre os jacarés e os indios, sem lar, sem pão e sem familia... nem *habeás-corpus* tiveram...

Deixa-te de historias meu santo, tu, á vista dos que hoje soffrem, és um João-Ninguem... Se queres ver o que é martyrio vem cá em baixo...





XXI

AOS CÉGOS

O' vós outros que não tendes vista, vós omnes que não vêdes um palmo adiante do nariz, exultai, porque o nó cego acaba de ser cortado por uma senhora recentemente chegada do estrangeiro, que «trouxe um remedio para todas as molestias de olhos, menos a gotta serena.»

Como vêdes, digo, como ouvis, as cataratas vão desaparecer da superficie dos olhos limitando-se, e já não é pouco, á superficie da terra, adeus, bellidas; conjunctivites até mais ver...! o mundo vai ficar de olho vivo, graças ao mysterioso remedio da estrangeira. Os cégos poderão fazer pequenas experiencias,



porque a cousa é tão maravilhosa que só mesmo vendo, e se da applicação obtiverem resultado visivel, continuarão ou mandarão o elixir á fava, tendo conseguido a vista com as primeiras provas. E' por isso talvez que a milagrosa senhora exige pagamento á vista.

Só será cego d'ora avante quem não quizer ver.

Não se me dava de ser testemunha ocular de uma cura ; sempre queria ver a cara que faria um cego esbarrando com as pessoas mais intimas e conhecendo-as de vista...

*

Das molestias de olhos só não cura a gotta serena, mas em nosso paiz a gotta é outra, menos tranquilla talvez, porém mais official — a serena pouco estellicida nesta viçosa parte da America. Os outros males desaparecem, como por encanto, com uma simples applicação do remedio forasteiro, de cujo segredo é portadora a exotica senhora.



Os amorosos, cégos de paixão, poderão ver as pequeninas traições de Carlota ou de Julieta, através da nuvem hypocrita que ellas sabem fazer com muitos beijos, com muitos risos, enlaçando o pescoço purpureo e suarento dos seus respectivos sustentaculos com os aneis brancos dos seus braços.

Os incautos poderão descobrir as ciladas dos pregões dos dividendos disto, d'aquillo. A policia ganhará a pista dos gatunos, os gatunos fugirão com mais prudencia ás vistas da justiça, que, por um capricho sem nome, em fins do resplandecente seculo de todas as liberdades, inclusive a de prender toda a gente, traz os olhos abafados, *en tenue* folgazã de *cabra-cega*.

A intendencia tambem lucraria vantajosamente se acudisse ao reclamo da senhora, fazendo no seu olho preclaro e solícito applicações constantes do luminoso elixir ou cousa equivalente (ninguem sabe o que é, por ser segredo) e distribuindo-o pelos municipales obscurecidos, como fez com o *cow-pox*, na éra calamitosa da variola, para que pudessem cum-



prir o preceito philosophico da constituição, sabiamente inspirado pelos videntes quakers da orthographia economica, que é este—«Viver ás claras...» porque, apesar da vontade que ha em todas as nossas almas sinceramente patrioticas, andamos ás apalpadelas, como Theseu no labyrintho, e tacteando lançamos nas trevas a pergunta anciosa: «Para onde vamos, irmão-zinho? Que caminho é este...?»

E ninguem responde, porque ninguem vê mais.

Venha a nós o remedio da senhora, pelo amor de Deus!





XXII

À EXMA. SRA. D. L.

Acho perfeitamente natural o que V. Ex. chama um «*éxquisito capricho de mulher*». São taes e tantas as referencias que tenho feito ao Felix Marialva, que não é V. Ex. a unica que me tem escripto com relação ao misanthropo mais original dentre quantos tenho encontrado em meu caminho. Declino da tarefa de que me encarregais, porque não me seria facil descrever o «*typo*» do meu amigo; tenho porém em meu poder uma carta, dactada de Junho (dentre serras bravias), em que elle mesmo traça o seu retrato moral. Eil-a:

«*N.*—A tua carta veio surprehender-me na selva, onde faço tranquillamente a minha



hygiene de silencio. Trouxe-m'a um carvoeiro dentro do sacco da merenda, mais fiel e mais seguro do que a mala do estafeta. Queres que te fale de mim, instas com Caliban para ouvir-o rosnar, excitas o sakey simplesmente para estudar a fôrma rudimentar da linguagem... Pois ahi vai...

«De homem do seculo guardo apenas o tedio... nada mais. Deixei crescer o cabello, deixei crescer a barba e estou de tal modo erriçado, que, quando por accaso páro diante d'agua e vejo o meu reflexo, penso que do fundo do rio vem surgindo o espectro cabeludo de um merovingio. Visto-me de pannos grossos porque assim preservo o corpo do frio e dos espinhaes das mattas, menos agudos, menos venenosos do que a calumnia da tua cidade electrica.

«De feminino absolutamente nada, apenas a pallida Diana, que vem á noite, sempre branca e sempre muda, adormecer a terra e derramar lyrismos n'alma — (a minha infelizmente já não comporta esse bem suave, porque, como os famosos copos de quassia, de que



tanto usaste para curar a tua dyspepsia, deixa amarissimo tudo que recebe).—O que tu chamas pessimismo—é bom senso. Perguntas que livro leio—os mesmos que liam os troglodytas—a natureza.

«E lendo-a penso com tristeza que... nem ella, a pobre natureza, escapa á babugem dos criticos, porque andam sabios commentando a marcha luminosa dos seus astros e outros, mais rasteiros, analysando a vida das suas flôres. Tenho saudades de Heloïsa, mas confesso-te que o carinho em excesso enfada-me. A preocupação de outrem mata-nos a autonomia.

«Não ha nada que mais esterilise do que a ternura: um olhar sempre voltado para um ser acaba por adormecel-o...

«Sou um selvagem, adoro a minha independencia e essa só a posso adquirir na solidão.

«A tua consulta sobre dansas é curiosa e extravagante.

«Queres que te diga francamente a minha opinião? daria alguma cousa para assistir



á dança macabra... E no genero cotillon só admitto o sabbat. E' tarde.

« O carvoeiro canta carregando o burrico.
Vai partir, e como não tenho outro portador,
remato a epistola.

« Essa mancha tufada não é de lagrima —
sabes que não tenho liquidos sentimentaes.
— Cahiu sobre o papel uma gotta d'agua.
Adeus.

« *P. S.*—Ainda ha quem se fie na opinião publica?—*Felix.*»

Ahi tem V. Ex. o Felix Marialva.





XXIII

AVISO AOS INCAUTOS

Grande crime... ter amores com uma judia !

Colombo, foste o mais vulgar dos homens... Descobriste a America, sim ; em compensação descobriste uma judia... Vestiste o burel, oh ! e a israelista que desnudaste, genovez lascivo...? Tuas virtudes, a pureza de tua alma, todo o martyrio da tua vida, as privações, os apodos, os terriveis mares, a cruz que trouxeste ao seio do mundo virgem... tudo quanto a tua temeridade levou a termo, que vale...? A pureza pontificia pesou tudo isso e a concha em que tua alma jazia elevou-se tão alto, que chegou ao céu... Annunciaram as

fanfarras de S. Pedro que ias ser canonisado. O Vaticano rejubilou, os sinos tiveram fremitos nos campanarios, os marinheiros exultaram, iam ter um advogado junto de Deus para invocar no momento em que se vissem perdidos nas aguas vastas, tocadas pelas tormentas... mas *crac!* um beijo e ahi estão todos os sonhos por terra... Porque? Colombo não foi um puro? que fez de mal o intrepido marinheiro? teve amores com uma judia... Oh! negro peccado... Oh! crime nefando!

Alma que escapaste da canonisação, erra pelos espaços perseguida pela matilha terrivel dos beijos da israelita... Amaste, pena, soffre, expurga-te da ignominia de teres feito como Jesus. O céu não permite amorosos—quem tiver beijado faça cruces na bocca e vá preparando malas para a... região *de l'eterno dolore...*

O inferno deve ser calçado de corações... Que alamedas idylicas, que vergeis deliciosos no Orco. Se todos os apaixonados pertencem ao mau Anjo, pobre céu sem mulheres...! como debes ser insipido, como debes ser triste com



os teus patriarchas, com os teus penitentes roxos do cilicio, com as tuas monjas estereis, mirradas, com os teus anjos pudicos...

Colombo não é considerado santo simplesmente porque, antes de se fazer de vela á conquista de outros mares, de outras terras, fez uma pequena conquista de amor... uma judia, descendente talvez dos prophetas da primeira era, mulher do sagrado povo de Elohim. Para onde irá minh'alma então? e a tua, leitor?

Se elle, por uma, soffre tamanha pena... quantos martyrios não soffreremos nós?

Santo... nunca pensei em tal... não tenho os requisitos necessarios para o nicho; demais, o incenso me faz dôr de cabeça, mas um logarsinho no céu não é coisa que se desdenhe...

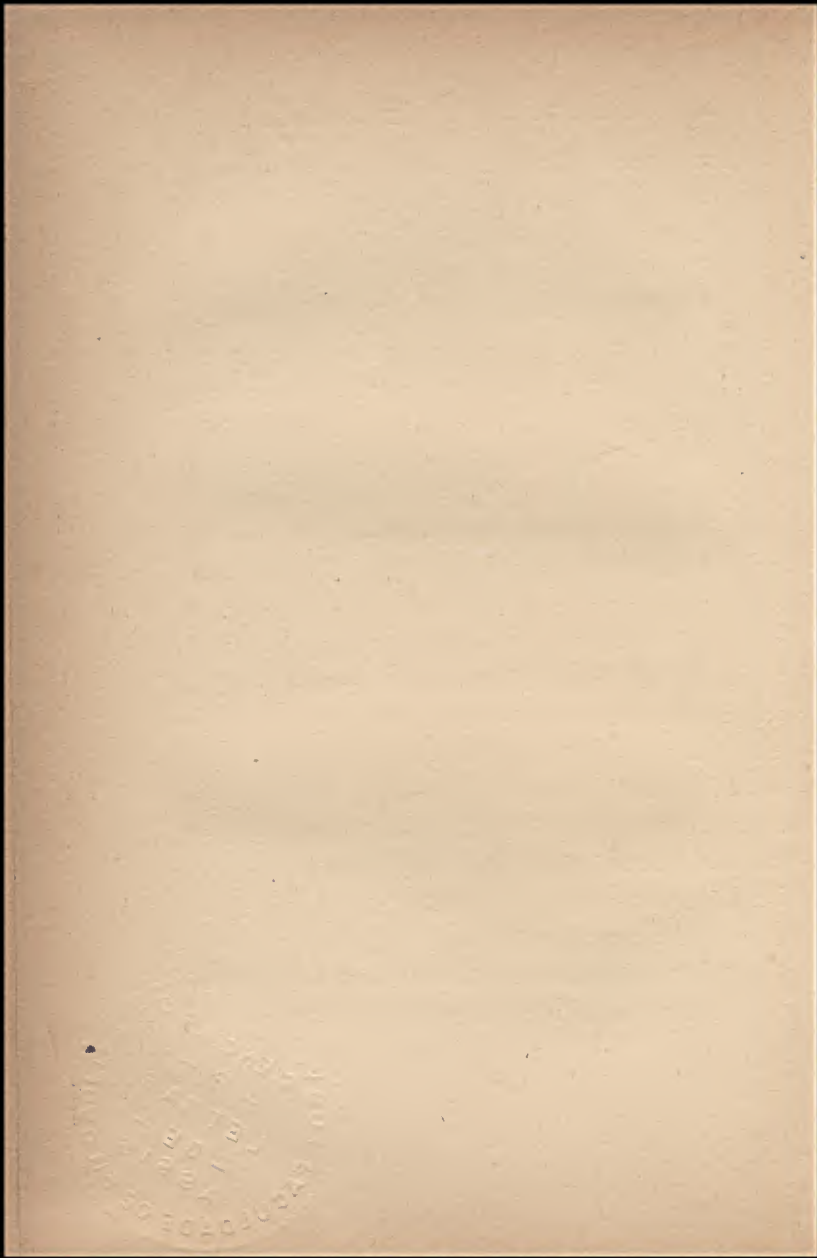
Confesso que me julgava digno dessa attenção, mas se Colombo perdeu tudo por causa de uma judia... que será de mim, Santo Padre... onde irá parar minh'alma, tão carregada de peccados?

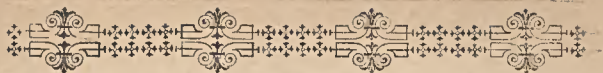
Ah! mulheres! mulheres! até nos negocios dos santos se intromettem...



62889







XXIV

A FELIX MARIALVA

Colligir sonhos... E chamas a isto a «evidencia da loucura.» Acho a phrase de um deferente euphemismo, porquanto vejo nella a intenção cruel de dizer que uma boa porção da humanidade que rebusca, soffre das faculdades mentaes. Colligir sonhos, meu Deus! nádã mais innocente, e quem sabe se esse trabalho que te parece uma «preoccupação futil de espirito transviado» não virá prestar auxilio a subsequentes pesquisas psychologicas? Ha tanta gente que collecciona! Sei de tantos!

Entre os que conheço—colleccionadores de borboletas, de moedas, de conchas, de reptis, de bons ditos, de anedoctas, de versos, de



suicídios, avultam dois pela excentricidade— um que collecciona fios de cabellos e procura o da *ocasião* para completar o seu quadro capillar, outro que collecciona as ultimas palavras. Oh! o das ultimas palavras!... Só tem uma leitura: as necrologias; só tem uma preocupação: os mortos. Se lhe consta o fallecimento de alguma celebridade, enfia a sua toilette de ver defuntos e parte... Entra pela casa do morto, *carnet* em punho, lapis aparaado, indagando: «Qual foi a sua ultima palavra? Que disse antes de expirar?»

No seu canhenho encontrei esta observação curiosa:—«Ultimas palavras de L (um poeta): morreu como um passarinho, sem dizer: ai, Jesus!»

O dos cabellos tem pago bem cara a sua mania. Já se bateu em duelo varias vezes. Na Allemanha apanhou uma valente estocada por ter arrancado um fio de cabelo (dois metros e 50 de comprido) á cabeça de uma certa fidalga durante a representação do *Lohengrin*. Em Lisboa um general reformado, possuidor de um unico fio, trouxe-o embaraçado em um



processo por perdas e danos, por ter sido privado do seu abencerragem—Elle gaba-se desse e de outros factos e mostra com orgulho os preciosos fios, numerados, historiados, em pequeninos estojos... Se achas loucura a tua mania, que dirás das que dominam os dois amigos que acabo de citar? Colligir sonhos... sobre ser originrl é *chic* e... ultra-psychologico, meu Felix.

Conta comigo e sabes bem que sou um sonhador fertilissimo.







XXV

À CIDADÃ...

A pruderie da intendencia não consente que o transeunte faça concorrência ao corpo de bombeiros no serviço altamente hygienico da irrigação das ruas da cidade. As mangas podem molhar as calçadas, podem mesmo alagar a cidade n'um diluvio prophylatico contra os microbios que passam despercebidos ás vassouras mecanicas da Gary, mas o burguez, o pacato, o respeitavel e apertado burguez esse não tem direito de pôr as mangas de fóra. A intendencia não permite e allega umas tantas cousas cheias de moralidade e de hygiene que põem o pobre contribuinte em calças pardas.



O cachorrinho, póde alçar a perninha nos muros da intendencia, o cachorrinho não paga multa, tem immunidades; o burguez, esse não. Se pára nas esquinas onde, graças á extincção dos conventos, não ha mais frades de pedra para consolo dos espiritos religiosos e liquidação dos apertados, um fiscal pundo-noroso, seguindo o rastilho humido do «util mesmo brincando», cobra a rega physiologica, ás vezes mesmo antes da operação final, quero dizer, das ultimas reticencias... A intendencia, respeitando com severa austeridade os principios pudicos da decencia, anda de olho alerta e, mal presente que um homem, impellido pela sua propria condição de eterno derivativo, vai se cosendo ao muro, prudentemente, cautelosamente, franzindo a cara n'um esforço, chega-se-lhe ao ouvido e, em vez de fazer como as amas o pchii carinhoso e soberanamente diuretico, pede-lhe dez mil réis em nome dos principios sisudos da municipalidade. O homem paga sem tugar, paga e corta, porque o fiscal, no seu grande zelo de mantenedor da limpeza publica, não consente que o

desgraçado leve a termo o seu desabafo côr de cerveja Spaten.

E' por isso que o povo anda cheio de necessidades.

Mas, honrada e sobria fiscalisação urbana, ainda que mal pergunte—onde queres que o municípe, vassalo, contribuinte e alistado, alije? onde, em que ponto, em que numero? se estamos sem numero, sem commodo proprio para esses misteres, em que o fisco anda a metter-se como o celebre bichinho dos rios da Amazonia ?

O' preclarissima intendencia, respeito immensamente as tuas intenções de saneamento, estou de pleno accôrdo com as posturas municipaes... mas parece-me que são demasiadamente fortes contra as posturas individuaes. Deixa que cada um ponha onde bem lhe parecer... já que não ha retiros sufficientes para satisfação de quantos são violentamente atacados pela corrente interna para as quaes, nos primeiros tempos, a prudencia das mãis inventou a represa das fraldas...



Ou cubiculos ou uma postura municipal obrigando-nos a usar calças de panno esponja... porque, apesar da carestia dos generos, é muito 10\$ de cada vez que...





XXVI

AO MARECHAL DEODORO

Lenta, pavida, sombria a Morte sinistra ronda o leito do triumphador. Investe e recúa diante do olhar flammineo do heroe, sereno na agonia como foi na victoria; calmo no soffrimento como na hora da apothese quando, levantando a sua espada como o anjo biblico, expulsou da Patria os repudiados.

A Morte opera lentamente; vai aluindo o bravo, fibra a fibra, vence-o aos poucos. Tem-no subjugado mas, na inercia dolorida do corpo tombado, a alma energica e guerreira vela, o espirito resiste tranquillamente defendendo o arcabouço das investidas perfidas da garra mysteriosa.



No corpo, prompto para o catafalco, apenas os olhos chammejam, rebrilham com fulgores de astros — são como dois cirios sobre um esquite.

No fundo das pupillas fixas, resplandecentes, lúcidas, passam de quando em vez as visões das victorias — e no adyto, no mais profundo da retina, a imagem indelevel da Patria sorri como uma pequenina santa dentro de um escapulario.

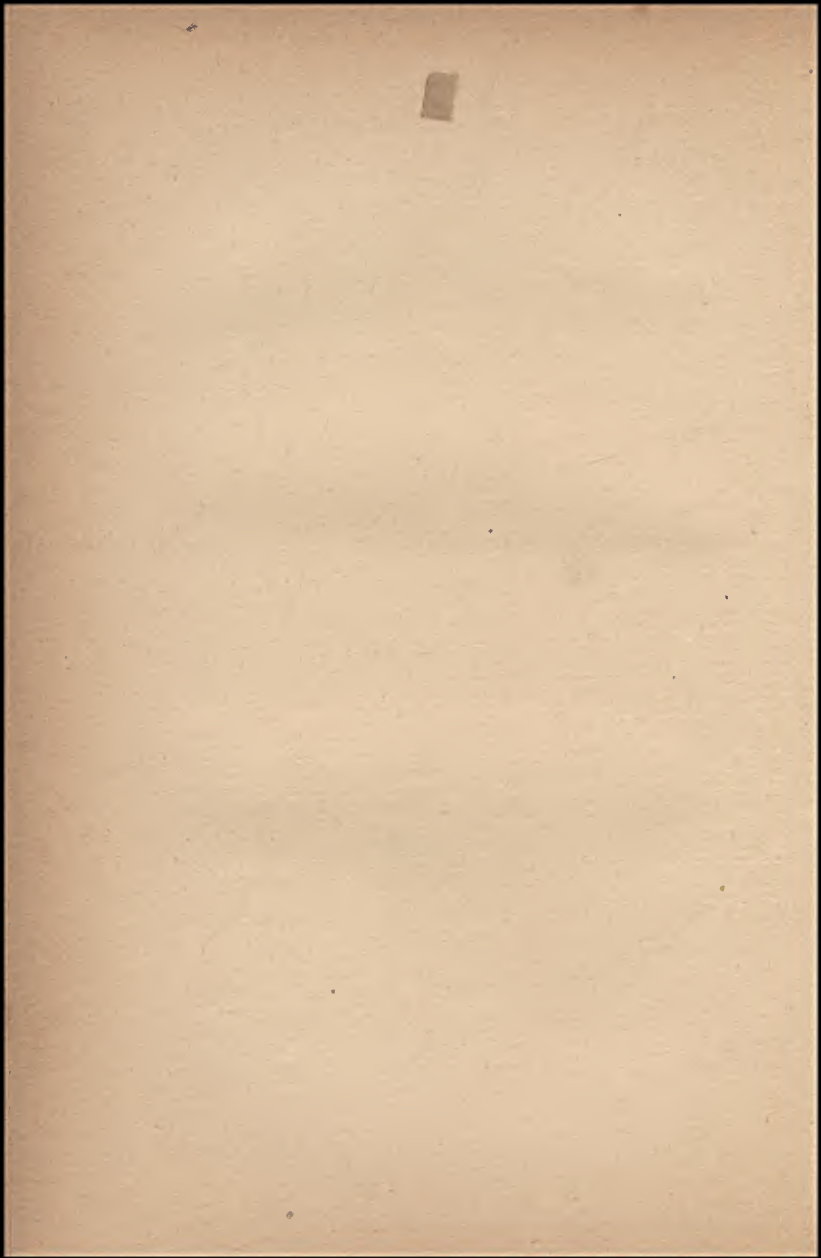
E o moribundo sonha, sonha recapitulando toda a sua vida de paladino e aos seus ouvidos, cansados do ruido funebre do stertor, soam deliciosamente, como se viessem de muito longe, os hymnos triumphaes e as hosannas do povo e passam de vagar as visões na pupilla — lutas, combates, reptos pela honra da Patria, pela tristeza dos opprimidos, pela ancia dos escravos e, finalmente, a ultima visão, rapida como um relampago, a liberdade do povo, a independencia do berço.

Mas uma sombra vela a resplandecente claridade e uma lagrima rola da palpebra arrexeada do bravo. Será a lagrima da saudade... ou mais angustiosa ainda?

Mais forte, mais terrível que a sentinella sombria que não lhe deixa o respaldo do leito, essa lagrima abate a alma e prostra o coração ferindo-o profundamente... Cerra os olhos e pensam todos que é findo o periodo glorioso do guerreiro, mas lentamente a palpebra levanta-se, os olhos circulam anciosamente e o coração entra a pulsar precipitado, como n'um rebate, e no mais profundo da retina, a imagem indelevel da Patria sorri como uma pequenina santa dentro de um escapulario...

De todas as suas visões essa é a mais forte a mais consoladora; as outras esvaem-se, desaparecem, somem, essa sómente fica—Foi o seu guião nas campanhas, será o seu viatico no supremo transe. Presente sempre essa visão e lenta, pavida, sombria, a Morte sinistra que ronda o leito do triumphador... nada mais, nada mais, porque a memoria dos ingratos é como a dos escamos—só existe para o echo do que vibra...







XXVII

A F. LIMCEIRO

De todos os decifradores de enigmas, o que obteve melhor premio foi, sem duvida alguma, Edipo que apanhou a corôa de Thebas. Devo dizer, entretanto, que a proposição da Esphyngé não era das mais difficeis. Ha hoje quem decifre problemas muito mais intrincados, sem ambição a reinados, sem ambição á gloria, pelo simples prazer de parafusar. Conheço um velhote que tem a mania das charadas — é homem de bem, avô duas vezes ; vive folgadoamente das suas rendas e não tem preocupações, porque não comprou debentures—o seu unico cuidado é achar conceitos. A' tarde, quando vem ao jardim chu-



churrrear o seu café, traz quatro ou cinco charadas promptas, e é vel-o então ás voltas com o genro e com a nora.

— Vá lá, mettam o dente se são capazes... E atira-lhes: Este elemento da preposição... Toma uma piçada e corrige: do advérbio... Este elemento do advérbio... De olhos baixos esfrega o nariz com o alcobaça, procurando o conceito, mas o genro acode immediatamente: — Arca, meu sogro...

— O' homem, que pressa! Nem esperou o conceito... Quando o genro faz dessas, o velhote amua-se e ninguem mais lhe tira uma palavra durante toda a tarde. A filha que, melhor do que ninguem, conhece o pai, já preveniu o marido para que evite as precipitações, porque o velho é capaz de feril-os no que elles têm de mais precioso—a herança.

A nora, por esperteza ou por outra coisa qualquer, não decifra nem á mão de Deus Padre, e o velho adora-a...

Consta-me que o genro pretende imital-a...

Esse velho descobriu um genero de charadas que, no dizer dos matadores—é uma es-



topada. Não sei, infelizmente, como é—deve ser horrível, penso eu, mas perfeitamente inoffensiva. Tenho certeza de que seria aprovada pela junta de hygiene, caso quizessem sujeital-o a exame.

O enigma é mais serio, mas tem igualmente os seus cultores apaixonados. A. F. R., sisudo funcionario publico, já uma vez passou pelo vexame de ser posto fóra de uma casa por ter proposto um enigma, aliás innocente, a um casal de moralistas *quand même*.

Dirigiu-se ao marido, homem abafadiço, principalmente em se tratando de delicados pontos de honra.

O enigma proposto foi este:

«O senhor é casado e sua mulher tem um filho, quem é seu pai?»

O homem, fulo de ira respondeu mostrando a porta a A. F. R. «Que o pai era o diabo!» Mais tarde A. F. R., muito punhado, explicou-me a coisa: que aquillo era uma especie do «Quem é o pai dos filhos de Zebedeu?» O pai em questão não era com effeito o pai do filho, mas o pai do interpel-

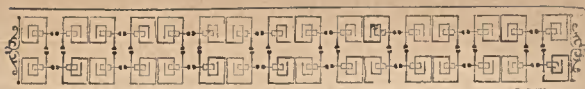


lado... Como vêem, é tudo quanto ha de mais innocente, pois custou ao zeloso A. F. R. uma amizade que lhe proporcionava jantares magnificos e ficou nisso, porque o marido, felizmente, estava com rheumatismo na mão direita e no pé, também direito. Ainda assim, apesar dessa scena domestica A. F. R. não perdeu a mania—anda agora propondo um outro, também ambiguo... Deus queira que não lhe custe a perda de outra amisade que lhe proporcione almoços.

Com prudencia, meu caro senhor, pôde-se cultivar o genero de diversões pelo qual o meu amigo dá o cavaco. Eu não sou dado ao vicio; se fosse, havia de conciliar as coisas de modo a não provocar escandalos nem aborrecimentos, e facilmente—dando o enigma, a charada e logo em seguida a decifração... e o premio, se a coisa fosse a valer.

Acho eu que assim ninguem teria razões de resentimentos.





XXVIII

Não é o abbade Faria, esse velho quasi centenário, que tiritava n'uma cellula gretada pelo mar, humida, gelida e tenebrosa do castello d'If, não é elle que vem dar a um Dantés qualquer um novo segredo de milhões occultos.

Não é o abbade, garanto, póde ser seu filho, seu neto (se é que o venerando ecclesiastico teve dessas coisas) esse soldado de Hespanha, que tanto escreve e que tantos certificados consegue, contando que entregou a discricção da terra uma fortuna e provando que arrasta algemas no fundo do seu carcere lobrego.



Esse bravo, irmão do Cid pela patria e pela vida, (de soldado, não de thesoureiro,) além de implicado em uma revolta militar que abortou, não sei se por effeito de algum processo scientifico, teve de deixar precipitadamente as veigas floridas da península dos amores, porque tambem, ó desventura! viu-se a mãos com a caixa do regimento, não a de rufo, a sonora e pesada caixa das pesetas, que vale o que pesa, valha a verdade, porque muito ha de ter pesado na consciencia desse revoltoso.

Com a caixa atravessou os Pyreneus e dos cimos dos montes que repercutiram os atroadores rugidos da trompa de Rolando disse o adeus eterno aos vergeis andaluzes e aos eirados de Granada e ganhou o mundo com seu rico fardo.

Podia tel-o deixado em um banco qualquer para viver regaladamente dos juroes, mas não quiz—a ambição travou-lhe do braço e obrigou-o a tomar um paquete que demandava a terra do pendão auri-verde, em cujas plagas desembarcou o soldado, internando-se immediatamente, como Timon desilludido, para confiar á terra o seu thesouro.



Cavou uma jazida n'um sitio mysterioso e lá deixou a maquia e não houve sequer um bemevi que visse. Mais tarde, aguilhoado pela saudade da mulhr e dos filhos, voltou á patria. Mas, apezar do disfarce, porque tomou ares pungidos de mendigo, foi reconhecido e logo lhe ataram as mãos e entre aguazis seguiu para a masmorra o desgraçado que se deixara levar pelos cantos do coração, que muitas vezes trahe como uma sereia.

Entre as muralhas frias, sobre a palha da prisão, distrahe-se, não como Sylvio Pellico educando insectos, mas como S. Paulo — fazendo epistolas ás gentes do Brazil, epistolas em que conta que deixou (em umas diz que na estação da Serra, diz em outras, talvez para evitar repetições, que na aba do monte Santa Tecla que é uma das eminencias do Rio Grande do Sul) a caixa do regimento.

Acho estranho tudo quanto escreve esse bravo militar, mas noto que não diz coisa com coisa. A B. affirma sinceramente que a caixa está enterrada no Buraco Quente, logarejo ignorado e pobre que fica recostado a uma



serra ; a C. garante que está no Páo Grande. Porque essa mudança constante ?

Eu, se fosse ambicioso, procuraria o thesouro não nos sitios indicados, mas no unico lugar onde com certeza elle demora e de que ninguem até hoje se lembrou—no Porto das Caixas. Lá é que deve estar a do regimento hespanhol.

Procurem !



XXIX

A MLE. APHRODITA

Não sei, mademoiselle. E' possível que conseguisse domar a curiosidade, é possível que me deixasse estar encolhido a um canto do cubiculo, refrescando as carnes, antes de aventurar-me ao primeiro mergulho ; mas... se me chegassem aos ouvidos o farfalho das roupas que levais á praia, escorrendo levemente n'um abandono voluptuoso, pelo corpo .. o tremulo balbucio tiritante de quem cruza os bracinhos nús, ainda tepidos do leite, e os risinhos...

Se me chegasse o aroma de *Speciosa* que é o vosso preferido, com que lavais as carnes ; se ouvisse a vossa criada, a loura Ketty, dizer



n'um tom britannico :—«Agora as calças made-moiselle...»

Se... perdão... Não sei onde iriam parar meus olhos, se nas alturas como os de Santo Antão nas horas da tentação, se... na pequena frincha indiscreta que descobristes no cubiculo onde fazeis toilette para o banho.

Que eu providencie... meu Deus! Que eu vá ver... Mas, mademoiselle, não ousou... não me atrevo. Para que me certifique do crime do garoto que fez um *look-into* (não sei se permittis o neologismo) é necessario que eu examine minuciosamente o sitio e que espie... V. Ex. ha de convir commigo.

Pois bem, mademoiselle... custa-me a confissão... mas — ou sou mais infeliz que o tal garoto, ou V. Ex... por indisposição, sem duvida, hontem não foi ao mar (talvez por isso as ondas gemiam tanto). V. Ex. não foi e, se assim affirmo, é porque me sobra certeza. Não julgue V. Ex. que andei de grupo em grupo perguntando:

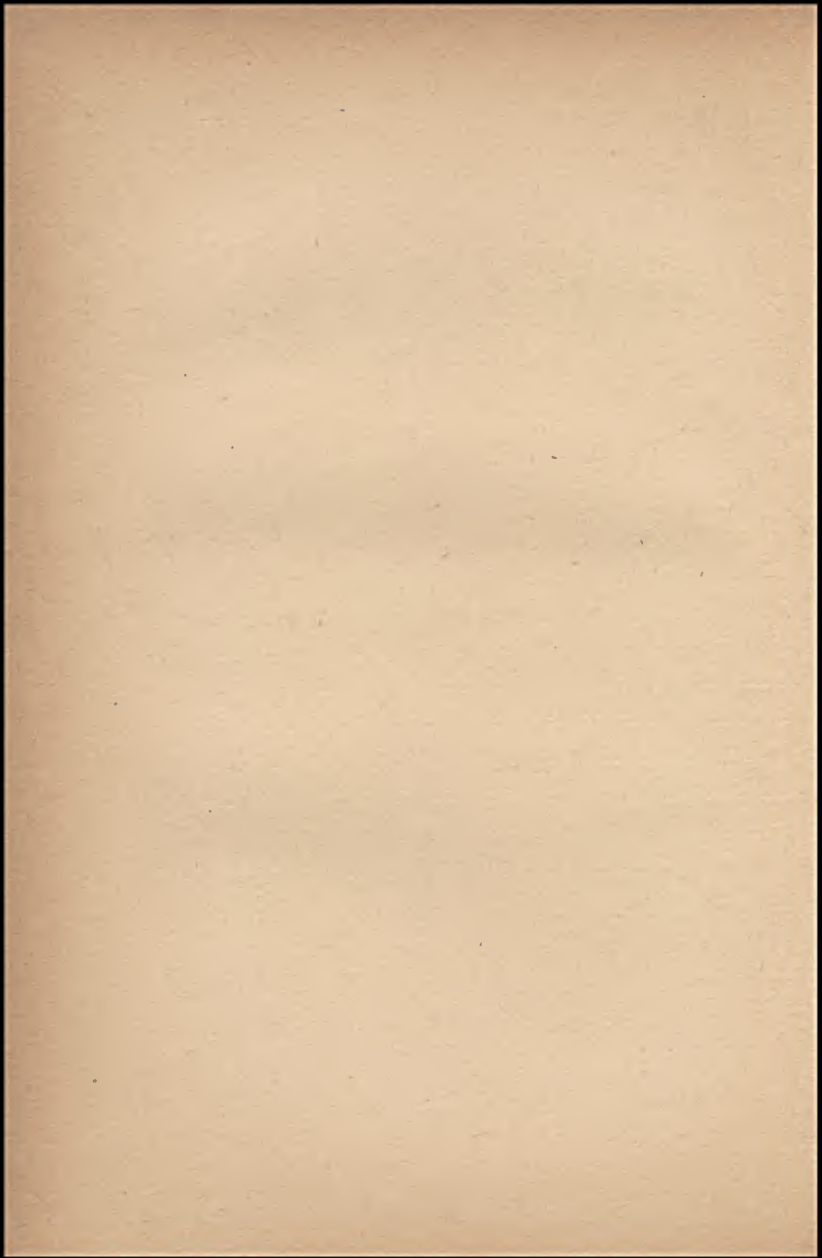
— Viram Mlle. Aphrodita? Não vem hoje Mlle Aphrodita?

Não ! seria incapaz de tanta indiscrição...
Quereis saber donde me vem a certeza de que
não fostes hontem? eu... (e peço-vos mil
perdões por este crime. Por muito menos
Pentheu acabou ás mãos das furias) eu... es-
piei. Espiei, mademoiselle, e, sinceramente,
não achei motivo para condemnar o garoto
— nada vi, absolutamente nada, de sorte que
não tenho elementos para accusação.

Resolva-se V. Ex. a... a comparecer ama-
nhã, a... vestir-se de sorte que eu, es-
piando pela frincha do gabinete contiguo,
possa convencer-me, vendo (e não ha melhor
prova de convicção) de que houve um garoto
que ousou surprehender-vos, mademoiselle,
espiando por uma fresta enquanto a loura
Ketty vos tirava dos hombros o jupon felpudo
offerecendo-vos, em troca, a cambraia da
camisa.

Sem convencer-me de viso... nada avanço.
Respeitador...







XXX

As sessões nocturnas não têm despertado interesses, mas bocejos. A Patria que faça cruces na bocca e que perca as esperanças. Um deputado declarou, ha dias, que á noite preferia a sua alcova á camara, e ajuntou que a bancada podia, quando muito, ser um leito p'r'o custo (ha uma visivel allusão ao subsidio).

O benemerito que teve a lembrança de convocar reuniões deliberativas para depois das sete é um sonhador, por certo, ou nyctalope e julgou que os seus collegas veriam melhor as coisas á noite do que de dia. Mas (e cabe aqui esta objecção luminosa), se á luz



clara do sol o presidente não vê numero no recinto, como querem que seus olhos descubram á luz do *ex fumo*?

Demais, a Patria deve ser cordata: ha deputados assignantes do Ducci, outros do Tomba. Durante o dia lá estão correctos e adormecidos nas suas respectivas cadeiras da camara; é justo, pois, que á noite sejam homens como os mais, e são; basta vel-os nas suas respectivas cadeiras, das platéas.

Nem todos têm coragem de queimar as pestanas, e acho eu que é, quero dizer, que não é bonito confundir os representantes da nação com os comboios — nocturnos, deputados nocturnos... isso até faz pensar em coisas do outro mundo.

Um orçamento votado á noite deve ser muito tenebroso; demais, um dos principios fundamentaes da Republica oppõe-se ás sessões «extra» viver ás claras á noite, só com a vela na mão, mas isso é agourento. No escuro, ás claras, é impossivel, logo: ha um principio preclaro lesado — faça-se luz sobre o caso. Rege-nos ou não a lei de: cartas na mesa, jogo

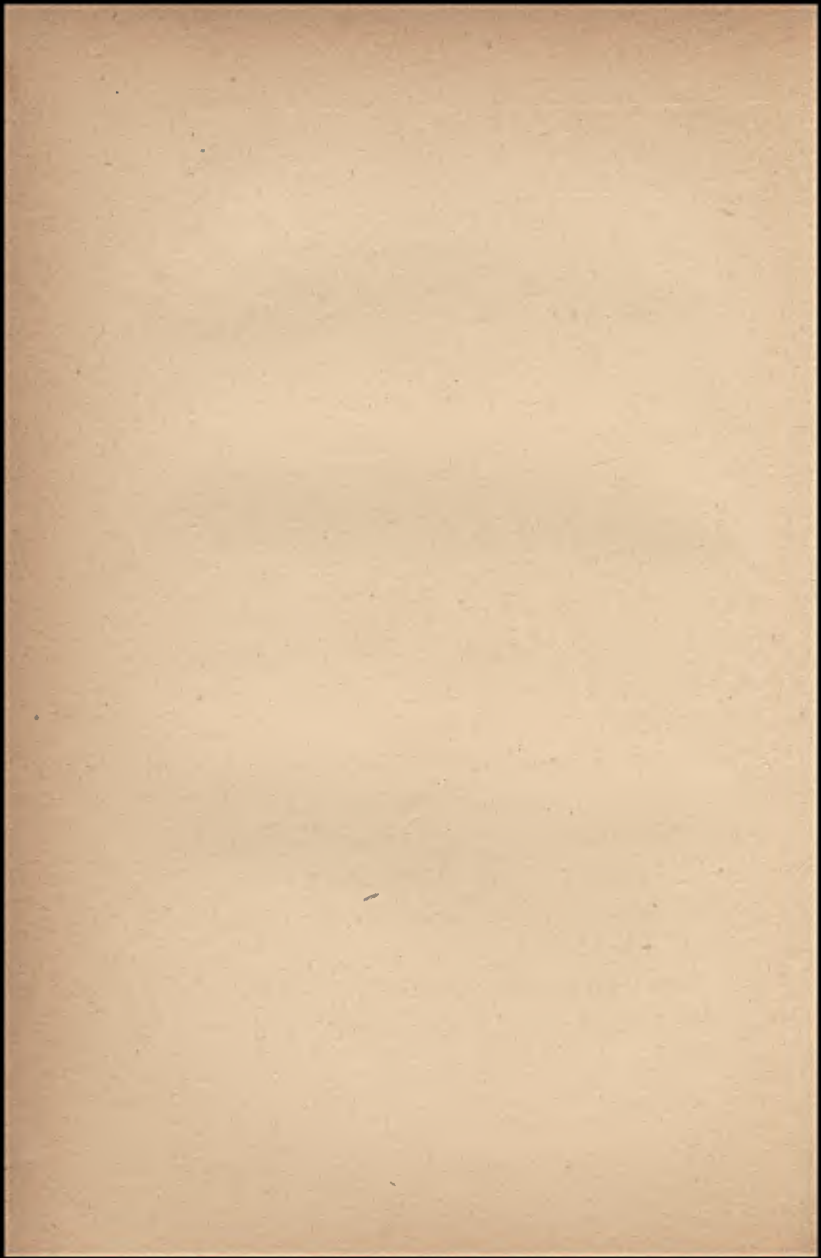


franco, ou pão, pão; queijo, queijo? Vamos ás claras ou ás escuras? Em que ficamos?

Parece-me que ha um escrupulo da parte de alguns representantes, fieis cumpridores dos preceitos — não vão á noite para não transigir.

Estou certo de que, se alguém interpretar o lemma, as sessões serão concorridas. Todavía será prudente que a mesa prohiba aos senhores deputados quaesquer objectos que os possam fazer cahir em somno, como : travesseiros, carapuças, camas de vento, redes... Ainda assim é preferivel que se reunam, ao menos o presidente poderá resmungar para a nação que «a camara vai dormir sobre os casos.»







XXXI

Aos que admiram as excentricidades do mysterioso Marialva que não deixa a sua *selva selvaggia*, offereço este mosaico de «idéas» lançadas a esmo em uma larga folha de papel da China ;

.

A alma é um raio de sol interior como o sol é a grande alma da natureza.

Quando a luz desaparece a natureza concentra-se e sonha, porque as flores que desabrocham no silencio da noite são os sonhos da terra.

A alma tambem, quando se concentra, as nossas palpebras fecham-se e a treva do sonho,



como a noite, desce-nos sobre o corpo e sonhamos.

O somno é o occaso da alma.

A terra, durante o seu descanso, tem o pio funeral do mocho — nós temos o pesadelo.

Quando amanhece, quando desponta o dia, a luz entra pelos nossos olhos—as duas claraboias do corpo—e illumina essa cafurna. Tudo desperta e canta.

Nós temos o riso e o pranto, exactamente como a natureza que tem o sol e a chuva.

*

Cada um de nós tem um paraíso consigo—um deus governa dentro d'elle: é o Pensamento. Esse paraíso é o cerebro.

E' o deus do cerebro o fecundo productor do Bello. Jehovah não fez a musica, nem a poesia, nem a architectura, nem a pintura—fez o homem.

O deus do cerebro completou a obra do Immortal.

Deus arrancou o mundo do cahos; o Pensamento vai fazendo o mesmo.

Um teve o setimo dia—o outro tem ainda o absoluto.

A oração vai até Deus—o Ideal vai além.

Um rodeia-se de santos e de prophetas—o outro cerca-se de idéas e de problemas.

Um tem phalanges e phalanges de anjos—o outro tem a fantasia.

Um tem a vontade suprema—o outro tem a imaginação.

Um vê o passado, o presente e o futuro—o outro tem a memoria e a saudade, o presentimento e a intuição.

Um tem o raio—o outro tem a razão.

Um tem o juizo final—o outro tem a consciencia.

Um creou Satan—o outro creou o remorso.

Um é immortal no azul—o outro nos poemas.

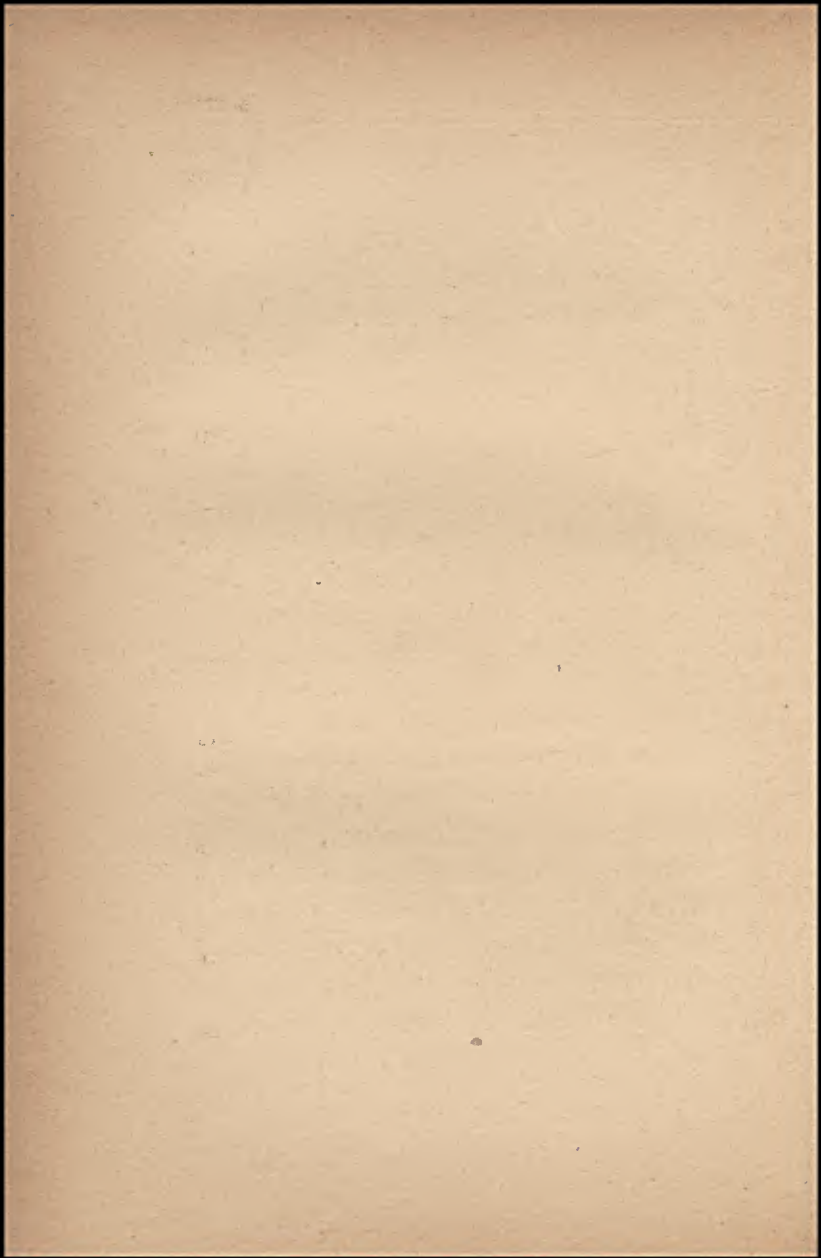
Ambos têm o dom da ubiquidade, ambos são impollutos, ambos são invisíveis.

Um domina a Terra—o outro domina o Céu.

... O grande Deus teve o Calvario—o outro tem o coração.

.







XXXII

A FELIX MARIALVA

Todas as manhãs, á primeira luz, vem gemer junto da minha janella uma mulher das Illhas, macilenta e magra, cadaverica, com um panno passado em volta da cabeça, acompanhada dos fillios — dois pequenotes louros.

Senta-se mollemente junto de uma arvore, no relevo de uma raiz e d'ahi, compondo uma physionomia lugubre, entra a lamuriar contando a toda gente uma longa historia de miserias curtidas no fundo lobrego de um quarto de estalagem.

Atiram-lhe esmolas ao colo. Alguns, mais compassivos, param contemplando-a, ella então, para exhibir a sua desgraça, renova a



lamuria, enchendo-a de episodios, em que entram, como elementos commovedores: a fome dos filhos, o frio das longas noites desabrigadas e a febre e a insomnia cortada de pensamentos, molhada copiosamente de lagrimas.

Os pequenos, enquanto a mãe jermia, brincam rolando nas pedras, felizes, indifferentes, volvendo-se de quando em vez com um salto de ganancia para correr atrás de uma moeda, que um impeto mais forte de generosidade fez rolar para longe.

Até ás dez da manhã a miseravel chora— A's dez levanta-se tropega, chama pelos filhos e parte vagarosa e triste ruminando lamurias com a saccola cheia.

Em casa—garantiu-me um seu visinho— canta.

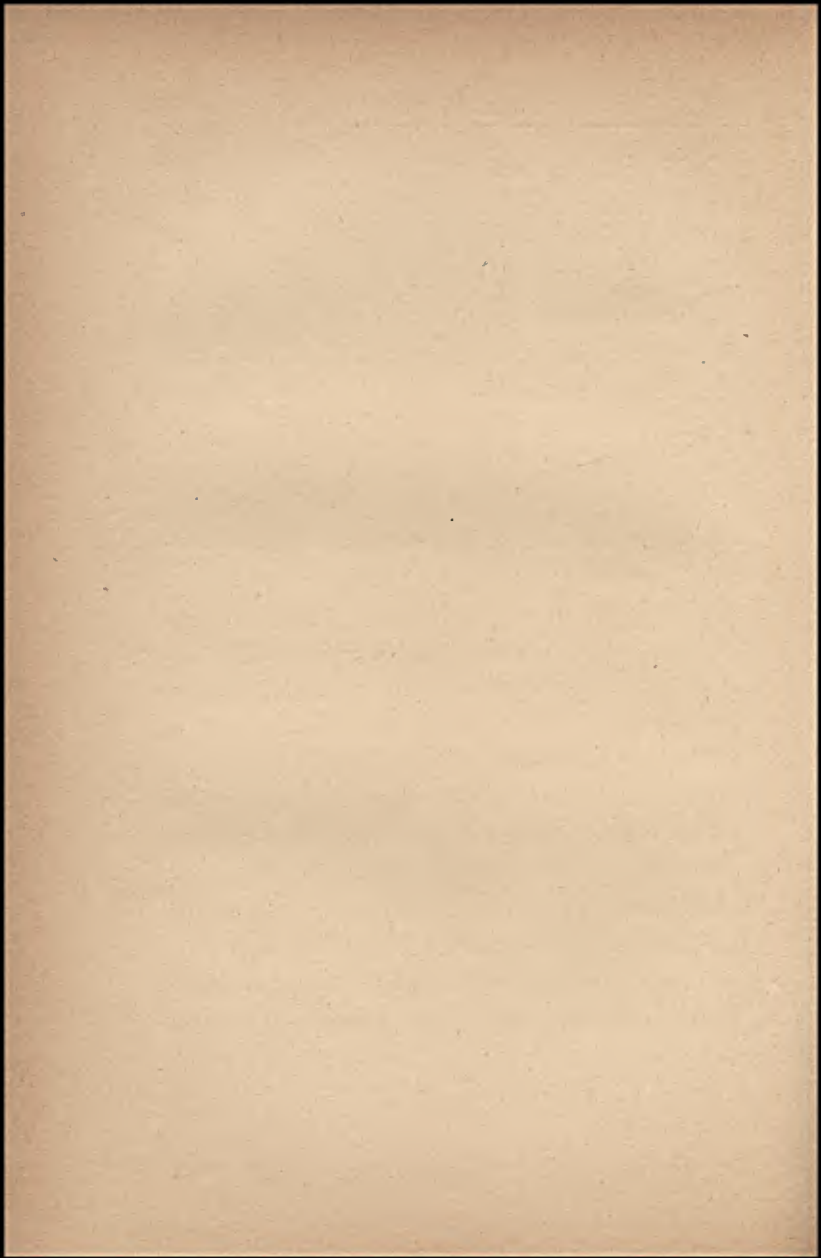
Desfaz a tristeza do rosto, afina a desolada e enternecida voz, faz-se outra; muda, como o operario que á volta do trabalho atira para o canto a blusa suada e veste o linho fresco de uma camisa limpa.

Ha quem a conheça bem. Contam episodios da sua vida. Dentre todos, porém, o que mais me assombrou foi saber que a mendiga, esquecendo a fome dos pequenos filhos, gasta tudo que esmola com um rapagão patricio, ilhéo como ella, que passa os dias a dormir no quarto miseravel e á noite, com o producto da caridade, sae de troças com outros zangareando modas.

E elle—é pelo menos o que dizem todos—é quem ensina á mulher as tristes jermiadas que tanta pena fazem a quem as ouve...

Ahi tens um typo de miserias... e de amor.







XXXIII

A J. L.

Pois não, meu caro senhor, teve-a e da
peior especie.

O paraíso, antes do seu apparecimento,
era um logar de delicias: os animaes viviam
n'uma promiscuidade pacifica, o cão passava
pelo gato e indagava, com interesse, pela
saude de D. Ursula, os ratos ouviam a voz
dos bichanos sem preocupação, as ovelhas
passeiavam bras dessous, bras dessus com os
lobos, mestre leão portava-se decentemente e
os gallos não precisavam do refugio dos ulti-
mos galhos para evitar os dentes da raposa—
reinava a grande fraternidade edenica Eva e
Adão caminhavam pelas alamedas virgens



tranquillamente, sem disputa, sem rugas e nós...

Quando ella se fez ver enroscada em Haïn, a arvore perfida da sciencia, as coisas tomaram novo rumo — appareceram os figurinos, appareceram as fanfreluches e Adão teve de *marchar*.

Com as primeiras despezas vieram os primeiros dissabores, o pae da Humanidade teve a conta da venda, do açougue, do armarinho e do sapateiro.

Eva não se satisfazia com a folha de vinha, queria sedas, gorgorões, chapéos e Adão vendendo-se na contingencia terrivel de cavar dinheiro, atirou-se á terra.

Vieram os filhos e foi necessaria a parteira, depois o berço, a ama de leite e etc., etc. O pobre homem, habituado á vidinha commoda, começou a bradar contra Elohim e a dizer coisas medonhas. Eva, indifferente, continuava a exigir...

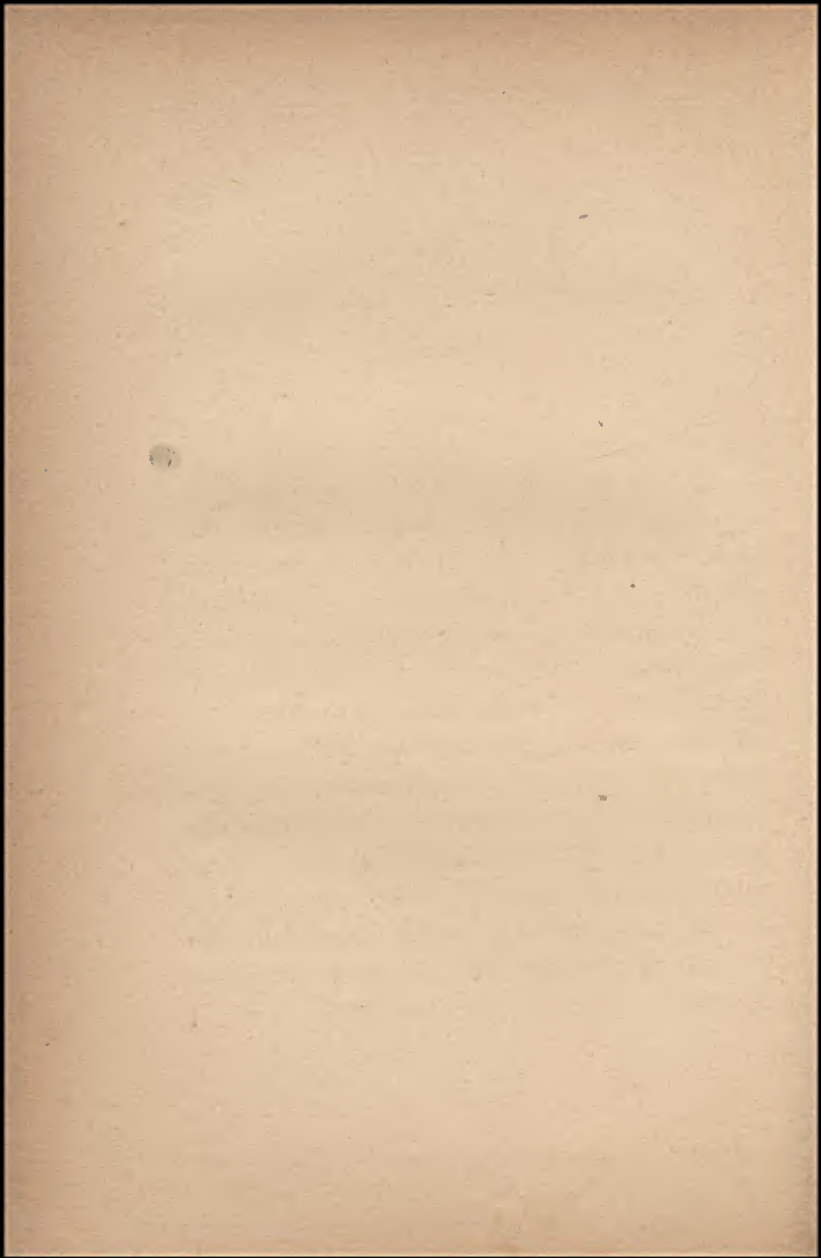
Direis que tudo isso provinha da tentação do demonio... e quem era o demonio? a serpente... e quem era a serpente? a sogra.



Pois não, meu caro, Adão teve tambem a sua sogra, foi a serpente, que é a origem mal-fadada de todas as outras sogras, com perdão das mesmas serpentes.

Pois não, meu caro senhor, Adão tambem foi genro.







XXXIV

Palpite — só assim explico o extranho desejo que tive ante-hontem de comprar um bilhete. Uma voz interior dizia-me constante, insistentemente: «compra um bilhete... compra um bilhete» e eu a fazer-me surdo, a evitar os kiosques. Mas não se calava a voz importuna «compra um bilhete» insistia. «Olha, na vitrina daquelle kiosque, um solitario, compra-o, recolhe-o; sê o S. Vicente de Paula daquelle gasparinho.» E eu, para fazer calar o meu interlocutor, comprei o bilhete mas, por uma *cabula*, como dizem os biqueiros, não quiz ver o numero. Dobrei-o, metti-o cuidadosamente no bolso do colete e puz-me a andar.



Nada de fazer castellos...! Dizem os supersticiosos que, quando alguém se põe a imaginar coisas do arco da velha fiado na roda da fortuna... roda — e eu não queria outra coisa do meu bilhete sinão a grande.

Para não dar tratos á bola puz-me a caminho procurando grupos, leituras, palestras vivas, coisas que arredassem o meu pensamento da loteria até ás cinco horas da tarde — á essa hora, com certeza, estaria feita a extracção. Consegui em parte bem que, de vez em quando, a mesma voz que me aconselhára a compra do bilhete, dissesse paulatinamente: — «Mando fazer um terno, compro...» eu batia o pé, falava, cantarolava para abafar a voz insupportavel.

Finalmente cahiu a noite. Já havia o resultado; alguns kiosques embandeirados, outros cercados de curiosos. Corri ao meu... nada! Estava, como sempre, triste: nem um balão, nem uma bandeirola. As vitrinas forradas de bilhetes de outras loterias e, em grandes letras gordas, muito negras, em todas as faces — *Amanhã*. Meio desanimado com o



aspecto do meu kiosque, metti os dedos no bolso do colete: nickeis, uns papeluchos e nada do gasparinho—Recorri aos outros bolsos nada... na carteira... nada. Perdera o gasparinho.

Corri á casa — procurei sobre a mesa, entre as paginas dos livros, na cesta dos papeis... nada! E a voz, dentro em mim, murmurou sinistramente: « Foi premiado... deu a sorte... » « Não sei narrar o meu desespero. Fui ao kiosque, falei ao homem: « Se não dera alguma coisa? » « Não! » Se sabia o numero de todos os bilhetes que vendera? » « Sim! » « Se não tirara, pelo menos, a de quinhentos? Não. « A de cem? » Deu-me as costas, tomou a lista, abriu-a, esteve a examinal-a e disse, por fim, a um sujeito: « Tem o mesmo dinheiro... Quer um para amanhã? »

O mesmo dinheiro!... E se o meu tivesse o mesmo dinheiro?! Fiquei a pensar. O homem, vendo-me parado, seduziu-me com um numero lindo... A voz gritou-me de dentro: « Leva-o, compra-o... » « Nunca! » bradei. O homem, que tomára a coisa com elle, respondeu amuado: « Oh! mas não precisa gritar. »



E afastei-me do kiosque triste, ouvindo a voz que mandava comprar um « para amanhã » — e com esta obcecação terrível: — eu tinha tirado a sorte grande.

.

O bilhete... eil-o... Achei-o hontem em um vaso de bronze do meu gabinete — 1461... Corri a *O Paiz*—lá estava o resumo. Branco... Mas que allivio...! Que felicidade...





XXXV

Deus, eis o seu ideal. Confia e crê. Tem os olhos voltados para a Divindade — o absoluto é o seu horizonte, o seu extremo é o Eterno.

Seu extase chama-se misticismo, sua linguagem é a prece.

E' mais do céu que da terra porque seu pensamento não rasteja, ascende—E' o olhar ambicioso da Alma, é a ancia mais intensa do desejo. Chama-se Fé—é uma nostalgia do Paraíso.

*

Meiga, reside no coração dos meigos, é um sonho sem fim, consolador e doce. Balsamo nas agonias, sempre viva e sempre santa.



Na afflicção é o allivio, no desespero é a paz —mesmo atravez das lagrimas scintilla como scintilla o iris atravez do aguaceiro. Na vida, segue á frente como um guia invisivel apontando a miragem da ventura; na morte e o ideal da bemaventurança infinita. E' uma illusão que não morre. Chama-se Esperança. Deus, no momento em que despojou Adão, esqueceu de arrancar-lhe essa consolação suprema.

E' o que nos resta da primitiva graça.

*

Humana, puramente humana—é um producto sentimental do coração piedoso: é lagrima uma vez, outra vez é esmola. E' ella que sorri ao orphão e que leva pelos atalhos o cégo sem arrimo.

No lar sem lume, desamparado e faminto, vêde-a deixando o pão sobre o peitoril da janella; vêde-a vestindo as criancinhas nuas; é beijo, é benção, é conforto. Viatico da des-
esperança, sacramento misericordioso da mi-

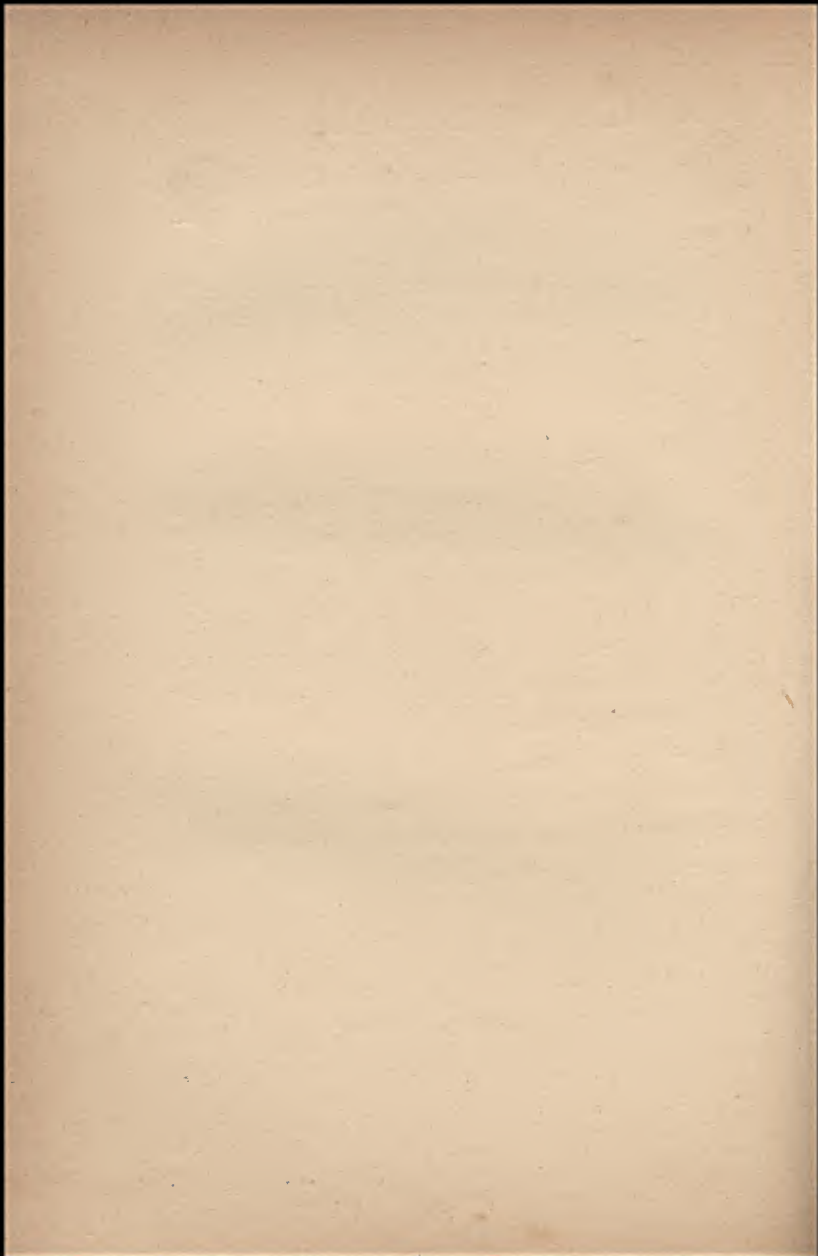


seria e do soffrimento—é a hostia da pyxide do coração, hostia porque na mesma particula— em uma lagrima, em um sorriso, em um pedaço de pão de csmola encontrareis uma scentelha d'alma compadecida e meiga. E' a Caridade.

*

São esses os tres degraus da escada que conduz ao céu. Ide por elles, crentes compassivos e vede, tapeçado de flores o primeiro— o desse velho, resignado como o rendeiro de Hus, que viu os campos devastados pelo incendio, vede como elle confia em Deus e em vossas almas. Vede a Esperança que renasce nos corações dos orphãos da leitura, vede os olhos com que vos olham e acudi com a Caridade, acudi edificando sobre o cineral do Lyceu, com a vossa misericordia, o novo abrigo para esses espiritos que as chammas deixaram em treva.







XXXVI

13 de Maio — a Paschoa dos escravos está batendo ás portas. E' o terceiro anniversario do exodo dos negros. Curvemo-nos diante da turba que formiga ao longe, preparando-se para a marcha triumphal rememoradora da egira.

Hebreus de Mizraim nós, os modernos, vamos ter tambem a nossa festa dos tabernaculos — a festa das senzalas.

O captiveiro não foi exclusivamente para vós outros. Se construistes as pyramides, se edificastes os templos na terra que o Nilo rega ao sol rubro, emquanto os vossos prophetas cantavam as dores da vossa raça elles, os afri-



canos, edificaram mais—fizeram com o seu sangue o adubo da terra, plantaram com os seus braços as primeiras sementes, tiraram as mamas das boccas dos filhos negros para as boccas dos senhores recém-nascidos, deram toda a força, toda a vida á terra, fizeram mais do que vós, hebreus, soffreram mais do que vós, israelitas.

Não interrompamos a festa sagrada dos negros — é um rito novo. O 13 de Maio é a data inicial da religião da Liberdade.

Respeitemos a crença dos que acharam Deus, respeitemos o hymno dos agradecidos e confiemos porque, se o povo hebreu atravessou o desfiladeiro aquatico do Mar Vermelho foi porque Moysés estendeu a vara sobre as ondas, e Moysés, se não fôra Thermutis, a princeza, teria desaparecido nas aguas do Nilo.

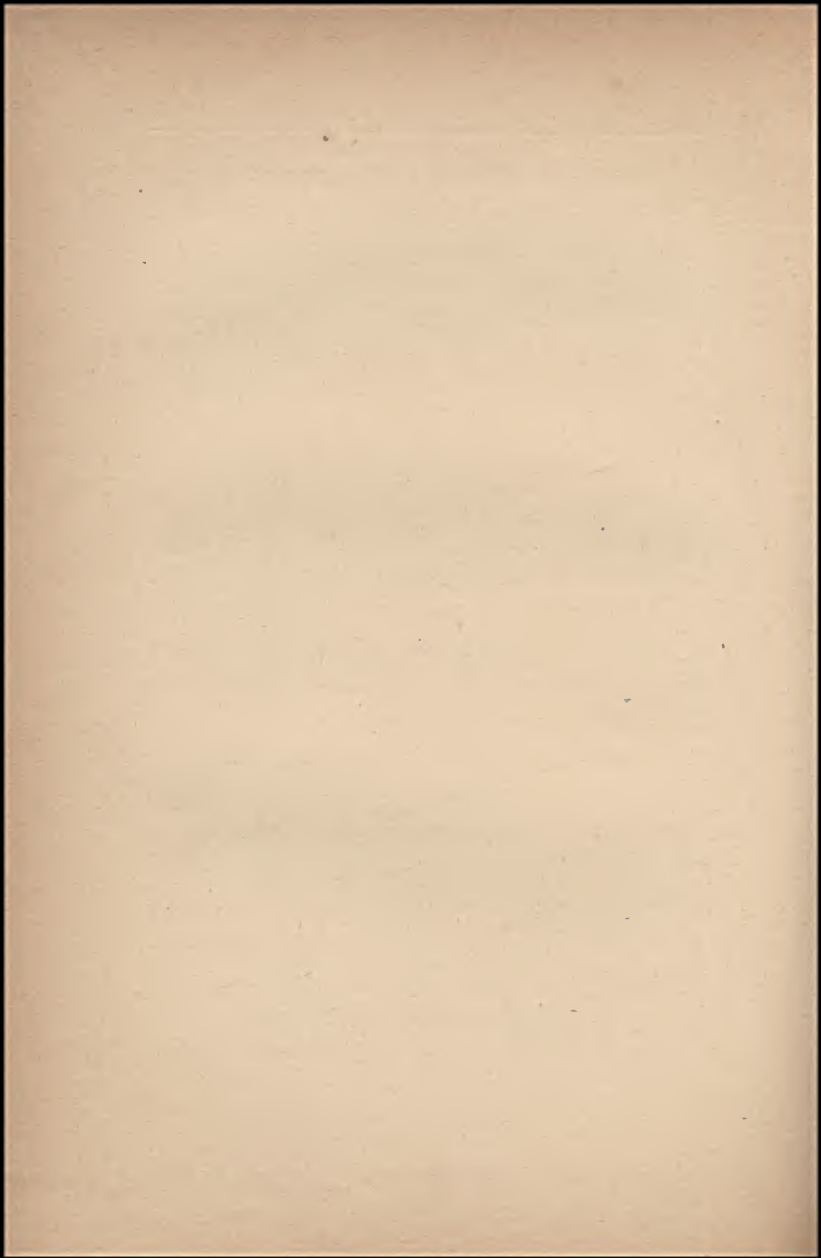
Entretanto o povo e Moysés, principalmente — o representante da raça — não ficou preso ao manto da filha do Pharaó, na hora da liberdade, quando sentiu a oppressão. Abandonou-a e á frente das turbas, zombando



das phalanges e dos carros de guerra mostrou a seus irmãos a Canaan, longe, além do mar, florescente e áceitosa...

Deixemos passar os que festejam a Paschoa.







XXXVII

O caso de Paula Mattos, tem dado que fazer á imprensa, e mais ainda á victima que por se metter em camisa de onze varas está ainda em pannos de agua e sal. Cupido ás vezes illude — em vez de setta traz um cabo de vassoura. O amor á antiga cahiu em desuso.

A moral não permite o derriço nem as piscadellas de olho ; a guitarra foi substituida pela fórma sacramental. Os raptos hoje não dormem nas estalagens das estradas como os contemporaneos de D. Juan de Marana — as cousas actualmente tratam-se na policia e liquidam-se nas pretorias. Amor lyrico é con-



versa fiada... demais nas alturas onde as cousas são mais inacessíveis.

O exemplo desse peregrino namorado que foi conquistar um beijo e sahiu com os ossos n'um feixe, e pensando apertar nos braços freneticamente a anada viu-se de veras apertado, ha de aproveitar a muita gente.

Que idéa fará do amor esse namorado que, indo buscar lã foi, sem piedade, tosquiado a bacalhau como se fossè o symbolo da quaresma? Que dirá do beijo o triste romantico que recebeu da bem amada, em paga do seu sacrificio e do seu tormento, ingratição tão crua e tão dolorosa? Que pensará do coração feminino esse infeliz que se deixou prender na cilada de um sorriso e em vez de saciar os labios sequiosos cantando triumphantemente a victoria do amor expoz o seu precioso corpo perfumado a White-rose ás caricias de um rebenque e ás meigas fricções do guante de Othelo? Mais triste que a sorte de José é a desse desventurado — José deixou a capa e poz-se ao fresco illeso no seu corpo; o de Paula Mattos deixou tudo: capa, calças, collete,

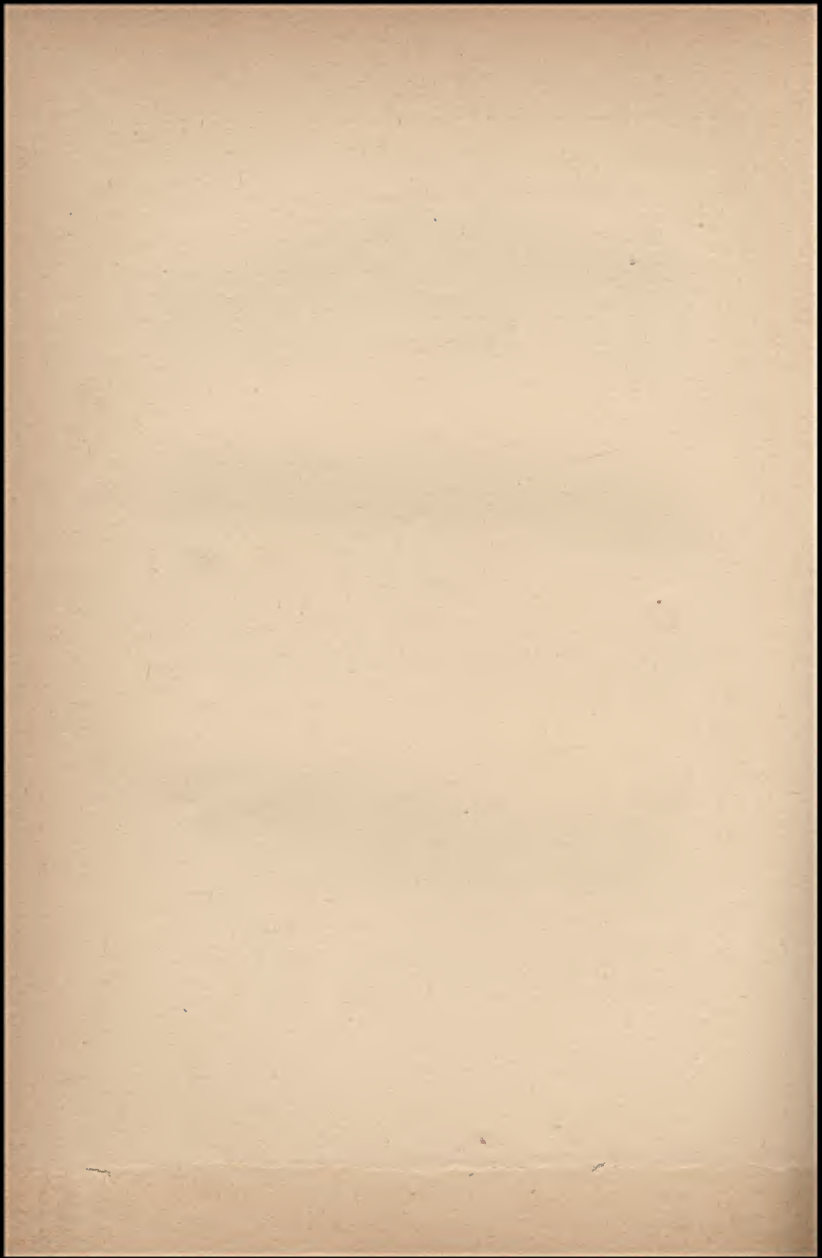


chapeu, recibo, sangue e poz-se a pannos... de vinagre. Ingrato amor! a quanto obrigas!...

Esse, se alguem lhe perguntar em tom meigo, com a voz melliflua e terna: «Creança, sabes o que é o amor?»—responderá com certeza: «é uma sova!»

Bôa definição mas... cara.







XXXVIII

Felix Marialva, o sakey, escreve-me do seu desterro a proposito de rixas que por lá tem havido entre trabalhadores rusticos.

«... A Europa recorda o velho Nilo sagrado que, de tempos em tempos sahia dos limites do seu leito e inundava as terras proximas, preparando a germinação, dando seiva ás areias queimadas pelo sol comburente d’Africa. Ella tambem, a ala antiquissima do mundo, de quando em quando, crescendo em massa á ponto de vencer os diques transborda, derrama-se, larga e fecundamente.

Nós, que estamos á margem do colosso, recebemos o refluxo fertilizador das ondas



humanas; as nossas terras já se resentem da passagem benéfica da inundação do trabalho. Os campos virgens, os sertões incultos, abandonados, começam a repontar em explosões de fructos, em eclosões de flores. É o Nilo humano que nos traz o humus, (o homem) permite a traducção.

Essa onda que chega percorre toda a patria, demora-se nos pontos estereis e no logar dos espinheiros ondula a messe doirada, e no logar dos capoeirões bravios rebenta a flôr viçosa, cresce o tronco e, em vez da moita selvagem, uma cabana e dentro o grupo de uma familia. Depois da lagrima do negro o canto do colono; depois do banzo africano a georgica dos ceifeiros que vão e que vêm carregando nos braços os cabellos louros da terra.

Aqui ficam os seus mortos queridos. Os velhos trabalhadores saudosos, enquanto outros novos vagem no cólo das mães. Elles cedem tudo á terra, nas grandes horas dos dias quentes; lutam por ella, defendem-n'a contra as tempestades e baptisam com o suor do rosto as novas plantas que nascem.



Formam pelotões atrevidos e entram brandindo as armas da lavoura pela brenha cerrada a dar combate aos troncos contemporaneos do diluvio. Não se recusam ao trabalho por amor da terra. Entretanto esses homens que transportam da patria tudo, que della se despedem para nunca mais, não têm sequer o direito de levantar na aldeia que formam, igual ás do paiz natal, um templo humilde para a Eucharistia da crença, depois do trabalho e depois da agonia.

Não têm direitos de especie alguma — vivem hospedados: trabalham na terra, defendem a gleba, e ella, emtanto, repelle-os negando-lhes o direito desejado de patria. E protesta-se quando, depois da longa labuta de annos, um desses homens fecha a cabana, arrecada os bens e volta á patria abandonada.

Protesta-se porque elle deixa o solo em que viveu, em que fez fortuna, mas não se lembram de que o emigrado foi sempre estrangeiro, que viveu refugiado no trabalho sem poder, ao menos, em um dia de festa, levantar



no meio do campo, depois da colheita, um grito de victoria e de saudação que cortasse o ar, que subisse ao céu, forte, vibrando nos echos a palavra maternal e consoladora: Patria.

Ah! o chauvinismo dos rusticos, meu Anselmo.»

.....

O chauvinismo dos rusticos! repito... E são elles que pedem braços e rabichos.





XXXIX

Que nova Danae andar por entre os mortaes assombrando o mundo com a sua belleza immortal e provocando uma segunda chuva de ouro? Que extranhas causas tero attrahido  terra a deusa que fez, em eras priscas, o encanto de Jupiter—o erotico e que actualimente faz com que perca a sua austera seriedade de monte cidadão Paula Mattos, o conspicuo? Será o doce nome do Sr. Amphiphio, saboroso como o mel do Hymeto ou Catunda, o nome onomatopaico que exprime divinamente um samba? Porque terá baixado  região inferior a suprema belleza que deu causa  metamorphose olympica? Ninguem sabe! E' um



mysterio! Entanto é necessario que se faça luz sobre esse facto que pôz em alvoroço a cidade e fez com que as immedições do *chafariz do lagarto* ficassem como praça de feira em dia de mercado.

O governo não concedeu direito de emissão ao Paula Mattos, é criminosa, consequentemente, essa concurrencia feita aos bancos que, pelo menos, têm um deposito nominal, em ouro, para garantia do papel, que sahe. O morro não tem deposito, não tem fundos, não tem base, no sentido economico e emette com um desplante que faz desmerecer o maior patife moedeiro falso. Se a policia não puzer embargos á *chimica* do morro dentro em breve teremos, em frente ao *chafariz do lagarto*, novo ensilhamento rivalisando com o da rua da Alfandega, que Deus tenha!

Se o heróe do parto fosse o morro do Vintem, de accordo: Vintem poupado, vintem ganho, diz a moeda; o morro podia pensar diversamente esbanjando. Se fosse o morro da Providencia, comprehendia-se, attribuindo-se o facto á intervenção divina:



Deus, preocupado com a sorte dos homens, servindo-se de um expediente antigo nos fastos da historia religiosa: o de apparecer num monte — o Sinai da emissão, para fazer rolar pelos flancos da montanha, em boa moeda corrente, uma prova incontestavel da sua omnipotencia. Mas o morro da Providencia não se metteu nisto, o heroe é o de Paula Mattos, um pobre diabo sem teres nem haveres, que possui por unico beneficio um elevador que anda muito por baixo.

Ora, quem cabras não tem e cabritos vendê de alguma parte lhe vêm. A policia deve abrir rigoroso inquerito para saber por que meios o Paula Mattos adquiriu a fortuna que com tanta largueza distribue. O Paula Mattos não se metteu em operações de bolsa, não tinha acções, senão já teria deitado o seu *coupé*, não teve concessões, nunca deixou o seu posto, nunca foi visto em *Lombard-street* consequentemente a sua fortuna foi adquirida por meios illicitos e esse csbanjamento é uma prova.

Se o dinheiro lhe tivesse custado trabalho elle não faria ostentação de prodigalidade como



fez para gaudio do povo e dos policiaes que se fartaram de espaldeirar os cúpidos.

Espalhou-se um boato que não deixa de ser interessante por isto reproduzo-o :

«Os moradores, querendo elevar o morro á altura de um principio—porque hoje só se fala em Santa Thereza e no Corcovado — resolveram cotizar-se—a bolsa correu e não sem fructo. Aquelle dinheiro havia de produzir, pensavam os homens—hoje quem distribue dinheiro empresta, não a Deus que perdeu o credito entre os mortaes, mas a certo rei d'aquem, d'além, de lá, de cá e cousas, que paga á bocca do cofre, em titulos, não de divida, de nobreza. O sonho dos moradores de Paula Mattos era um titulo para o morro, para que pudessem escrever nos seus cartões com toda a fidalguia :

«X. Rua do Paraizo, no morro visconde de Paula Mattos.»

E o morro poderia pendurar ao flanco, entre as hervinhas, as suas insignias; poderia ter o seu retrato a oleo, *en grande tenue*. Perderia os seus direitos politicos e todas as ga-



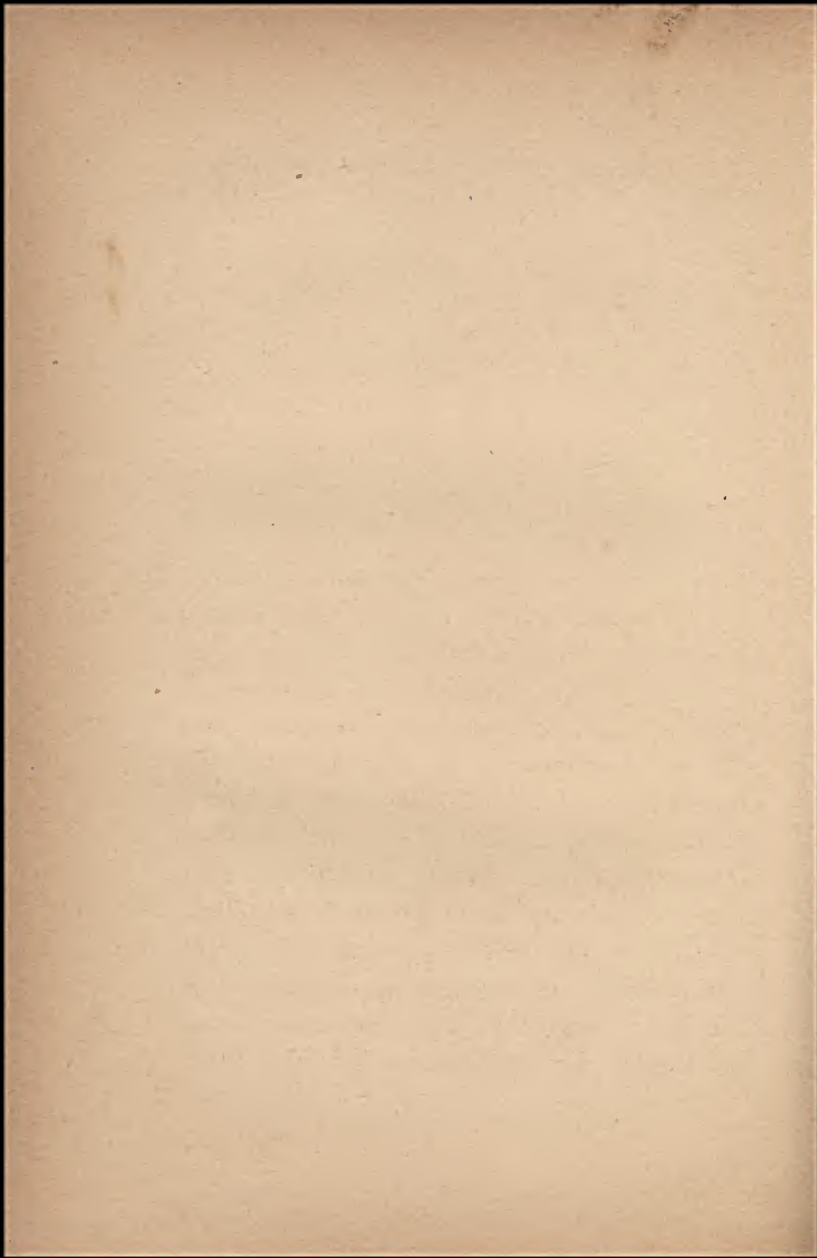
rantias em compensação teria uma corôa no cume para fazer inveja ao kiosque do Corcovado.

E mais vale um gosto do que dois ou tres vintens.

Talvez seja exacto o que dizem... Até onde irá a mania, santo Deus !

Se a moda pega temos o Nheco commendador dentro em pouco.







XL

A JERONYMO P.

«Se eu acredito na finalidade do mundo?»

Actualmente, meu desconhecido amigo, creio e com profunda magua.

Creio e devo dizer porque, cada um de nós tem a sua concepção de universo—para uns esse universo não vai além de um valle, entre duas serras, um fio d'agua derivando, a cabana rustica, a familia e quando muito a aldeia com a torre alvadia do presbyterio—no céu o sol, a lua e um milhar de estrellas. Para outros o universo é a patria, para outros o mundo; são bem poucos os felizes que podem dizer que o universo é Pan. Eu, como quasi toda a gente, limitei o mundo da minha vida...



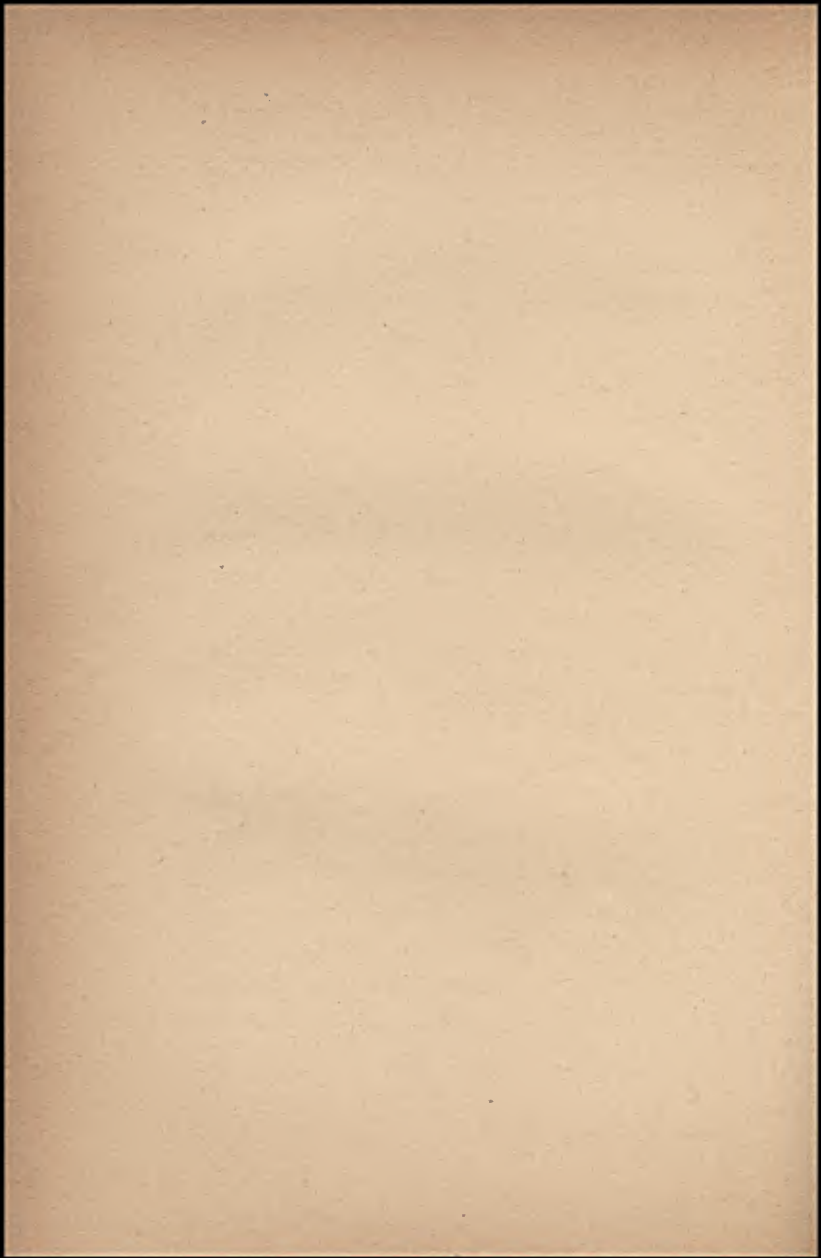
Que tenho eu com extremos gelados? que tenho eu com as montanhas mysteriosas da Asia e com os desertos cálidos da Lybia? O céo com os seus astros, os mares, os grandes rios que bem me podem trazer...? Sou indifferente a tudo. Tanto se me dá que o bom Deus os conserve como que os destrua, deixe-me tranquillo e quieto com o mundo do meu amor que eu o bemdirei em meus louvores agradecidos, contente com as constellações que me alumiam muito embora digam que em outros céos ha outras mais resplandecentes, contente com as aguas que cantam pelas minhas terras alem embora digam que ha rios largos como oceanos, de horizontes vastos que se confundem com o céo; contente com o meu cercado domestico e com o meu universo.

Agora, para responder-vos, devo dizer: creio. Creio porque resumi toda a minha vida em meu amor, fiz da minha amada um universo áparte... Talvez não acrediteis, mas se eu vos disser que tenho nos seus olhos um eó sempre tranquillo illuminado sempre pelo



seu olhar, aroma no seu halito, luz de alvoraçada nos seus cabellos de ouro, rouxinoleio na sua voz e o seu coração que é o paraíso onde minh'alma vive... Infelizmente, porém, minha amada enfermou... Dizei... dizei com sinceridade que será o mundo para mim sem ella? De que me servirão as estrellas do céu se a tristeza é uma treva incombatiavel? De que me servirão as harmonias da terra sem ella que me ensinava a ouvir-as...? De que me servirão os perfumes das flores se a sua bocca não trescala mais...? Que será o mundo para mim se me falta o amor? o nada triste, cheio com o chãos da minha melancolia... Dizei, se a minha amada morrer não terá para mim desaparecido o mundo?







XLI

A FELIX MARIALVA

Anoitece. Pela janella do pequenino quarto que occupo—o mais alto, o menor, talvez, deste aprazivel hotel, entra a respiração da tarde cheia do aroma agreste da montanha, branda, fresca, amovel, acariciadora, e mais a cantiga afinadissima de uma rapariga louira que dá pelo nome poetico de Heloisa—moça de habitos singelos, muito simples, que passa as manhãs debruçada ao muro do terraço com um passaro ao hombro, a cantar melodias inteiramente novas para mim, de um rythmo brando e inteiramente novo.

E' louira; suissa, de um cantão central, conforme ouvi a um medico que deixou a



clínica para curar-se de um reumatismo agudo.

Vive com os pais, a melodiosa Heloisa, vive com os pais — dois velhinhos muito amigos, que cumprimentam a gente com um só gesto commum, porque trazem sempre as mãos enlaçadas como dois namorados.

Heloisa canta, debruçada ao muro.

De onde estou gozo de uma larga e variadíssima paisagem: — para um lado extensa verdura de campos, acabando na fralda dos montes escuros, o casario branco ora espalhado, ora compacto e aqui e alli um campanario fino, esguio, pontudo, como as toucas das moças da idade-média. Para outro lado o mar tranquillo, por onde vejo passar, de quando em vez, faluas.

Cerca-me, como em um paraíso, a viçosa vegetação alpestre. A poucos passos do hotel ha um vallo profundo acabando em *cul de sac* — movem-se vultos lá em baixo e uma cabrinha amarrada a um tronco, berra tristemente, dando uma nota bucolica a tudo isto.



De quando em vez chega-me na briza, de longe, o echo melancolico do *Angelus*. Aproxima-se um fru-fru, uma piada ruidosa, latidos de cães—Heloisa volta-se para o pateo do hotel, eu acompanho o olhar azul e meigo da formosa suissa e os dois no mesmo silencio, vemos entrar o rapazola aleijado que nos dá, pela manhã, os jornaes, com um cipó na mão, tocando as aves domesticas que andavam a mariscar nos arredores.

Francamente, chego ás vezes a pensar, quando contemplo este delicioso sitio que, enquanto eu dormia, um bom genio transportou-me a um canto da Suissa—Isto aqui é pura, é genuinamente helvetico—a mesma doçura, a mesma tranquillidade.

Pelas estradas crianças muito louras, coradas, vestidas de branco, seguidas de suas *bonnes* rolam o arco ou jogam a bola, outras fazem passeios curtos escarranchadas em *merinós* pacificos.

Homens tostados, que vão e que vêm, com o chapéo na mão por causa das *trindades*, cumprimentam a gente com um balbucio de res-



peito. A lingua que ouço a toda essa gente que encontro nos jardins, na sala de jantar, junto d'agua, é desconhecida aos meus ouvidos, a amabilidade das senhoras, a franqueza quasi patriarchal dos homens... e Heloisa, a contemplativa Heloisa, auxiliam o meu sonho, concorrem poderosamente para esta illusão em que vivo.

Falta apenas a *ranz das vaccas*, o celebre instrumento pastoril dos montanhezes suissos, tão doce, tão da patria que, se os tristes soldados da Confederação, arrancados aos casaes dos seus cantões virentes, lembravam-se da musica com que os pegureiros traziam os seus borregos pelas ravinas, ao cahir da tarde, fugiam ao regimento deixando as armas na primeira ruina e abalando, a correr, para a montanha, ou suicidavam-se vencidos pela nostalgia...

Se te apraz vem dahi passar um dia neste cantão de Santa Thereza.





XLII

A' T. L.

Que penso eu das mulheres ?

V. Ex. mostra-me o caminho de Thebas. Quer que eu dê a solução do enigma que tem sido tantas vezes proposto aos altos juizes dos homens e mesmo aos oraculos divinamente inspirados.

Devo dizer, Exma., que não sou Edipo. Fui sempre avesso ás charadas e impenetravel aos enigmas—o unico problema que consegui decifrar até hoje foi : « Branco é gallinha o pões » —conceito *á la coque*. Esse apenas, não mais.

Que penso das mulheres?... penso tudo, minha senhora... penso tudo.. Não tenho razão de queixa contra o formoso sexo, prefiro



prefiro-o mesmo ao outro, mas dizer á queima-roupa — o que penso... por quem é! perdoe-me... não tenho resposta para a primeira questão, a menos que não venha dizer o que me segreda a malícia: a mulher é um enigma sem solução... e é muito pulha, não acha? eu ca por mim digo a verdade — é muito pulha, mas profundamente verdadeiro.

Se a mulher deve ser emancipada?

No tempo da campanha abolicionista combati energicamente o partido chamado emancipador—queria a liberdade incondicional, inteira, completa—nada de meias medidas; hoje, pensando do mesmo modo, entendo que a mulher deve ser abolida.

Que penso da mulher como «intelligencia?»

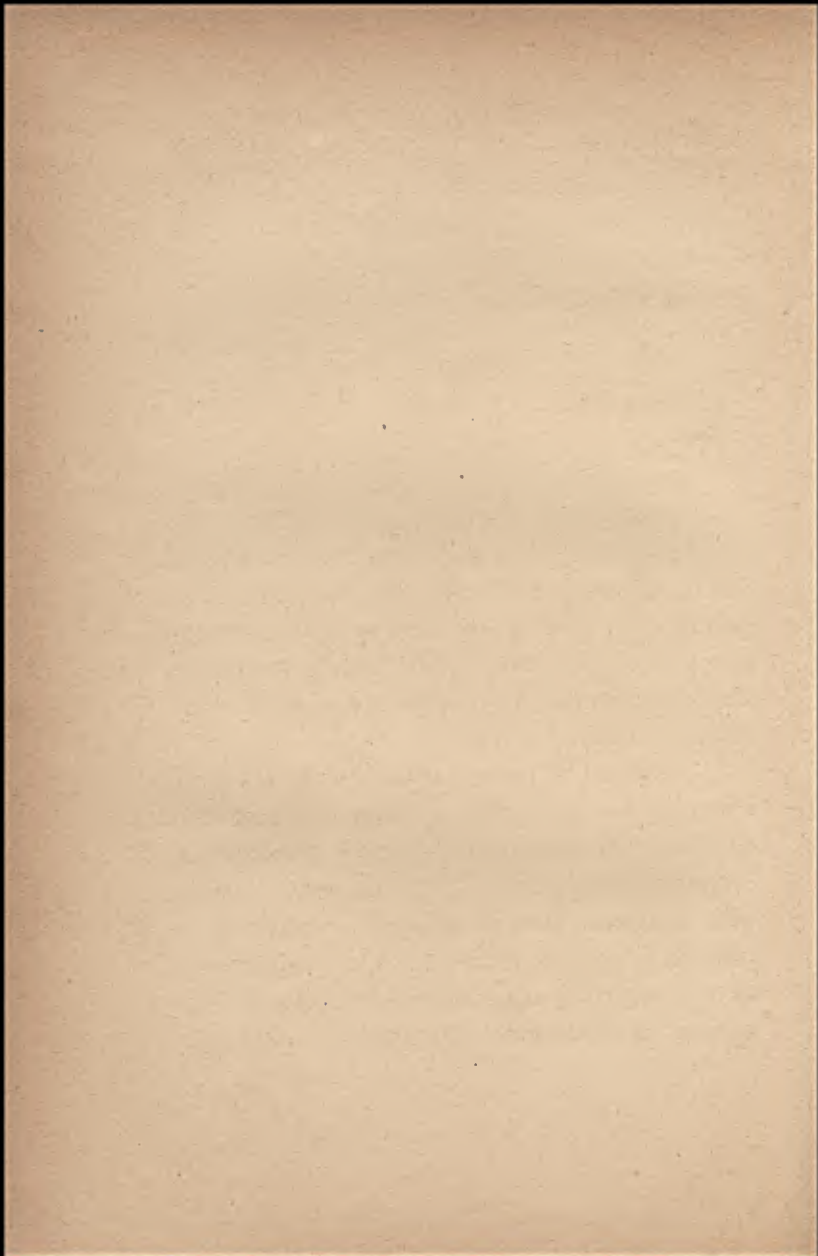
Para mim, minha senhora, sem *blague* — toda mulher é um genio, dois genios. Não ha cerebro de homem, por mais fertil que seja, que disponha de tantos recursos como o de uma mulher. A *coquetterie*, outros dizem que é um instincto... vá que seja um instincto a *coquetterie*, mas as astucias, os ardis habilidosos,

as pequeninas mentiras de amor, as carícias lisonjeiras que escravizam, humilham e subjagam o miseravel sexo vulgo—o forte, tudo que constitue o formidavel segredo da attracção de Eva, que é senão o resultado de um fecundo genio creador...? Para mim, amavel senhora, a mulher é um talento superior...

Que penso do amor feminino?...

Acho melhor ficarmos aqui; não aprofundemos.







XLIII

QUESTÃO DIFFICEL

Peço-vos licença para transcrever na integra a preciosa carta com que me honrastes, porque nella presinto um interessante problema que, certamente, dará, muito breve, assumpto aos cerebros eruditos que no presente estudam essas questões.

Devo declarar-vos, que não deveis tirar conceito das poucas linhas com que pretendo dar uma resposta á transcendente questão que me propondes, sem muito pensamento, sendo que me parece mais de accordo com a magnitude da hypothese formulada que a sujeiteis a outros espiritos mais alumiados, que eu, por minha vez, vou pedir o concurso da sabedoria



dos que se entendem nesses e n'outros casos semelhantes. Para esse fim é que transcrevo a carta de V. Ex.

« Illm. etc...

Sei que é contrario ao rebuço infelizmente, porém, não posso apresentar-me francamente a V. S. por conveniencias que reconhecerá no decurso destas linhas.

» Acho-me em face de um caso extravagante e, talvez, novo que tem trazido á minha alma atrozes soffrimentos, soffrimentos que cu receio ver transformados futuramente em remorsos e ancias.

» Sou viuva. Os dois annos que vivi em companhia de quem hoje deploro foram de paz e de felicidade ininterrompidas, jámais o amor achou dois corações que tão apaixonadamente se ligassem—Não havia outro prazer para minh'alma senão sentir que estremecia a alma que hoje me procura ainda porque, não sei como dizer, ás vezes, quando me isolo, sinto como o contacto de alguem que, mysteriosamente, procura a minha mão e aperta-a e beija-a. Já uma



vez encontrei sobre o meu velador um viçoso ramo de rosas brancas sem que pudesse saber quem as trouxera — e o que mais é, as rosas pareciam-se estranhamente com as que florescem sobre o tumulo do finado. Não sou supersticiosa, entretanto como explicar a vinda dessas flores tumbaes para a minha alcova? Mas, deixemos os incidentes...

» A minha situação actual, se não fosse afflictiva como é, seria intercssante e mais propria para ser explorada em folhetim do que para incommodar a attenção preciosa de V. S. mas... a difficuldade é esta : Fui pedida em casamento por um cavalheiro, velha relação de familia, que me não é indifferente, como amigo, devo dizer, mas não sei se terei forças para corresponder dignamente ao seu amor, confesso, e a razão é... que amo ainda o meu primeiro marido—o morto.

» Casando, não sei, talvez seja uma extravagancia propria do espirito de uma mulher enferma, penso que vou commetter um duplo adulterio—meu corpo será do vivo mas o meu espirito, minh'alma?

«Responda-me por quem é e creia que assim fazendo aliviará o espirito de uma martyrisada.—B.»

A questão é realmente difficil de resolver. Penso que V. Ex., desde que sente ainda o coração habitado por esse amor feliz, não tem o direito de profanal-o. As provas *visíveis* da preocupação do meigo espirito, procurando-vos quando vos isolais, perfumando a vossa alcova com as flores nascidas do seu corpo, são enternecedoras e, a meu ver, fazem jus ao acatamento da vossa alma.

Se elle, no fundo do seu tumulo, ainda vos não esqueceu, senhora, como quereis matar, pela segunda vez, com a vossa indiferença quem vos amou tanto, quem vos ama ainda?

Sou de opinião que... não deveis casar. Entretanto espero que outros venham esclarecer esse difficilimo assumpto e conto com as soluções que me forem dirigidas para, publicando-as, corresponder ao vosso gentilissimo appello.





XLIV

AO SR. M. B.

Os garotos, que costumam crear as antonomasias, chamam-no o judeu errante. A sua historia, em parte mysteriosa, tem um prologo triste.

E' cearense, do mais remoto sertão.

Accossado pela secça de um estio torrido abandonou a choupana herdada e fugiu, pisando a ossaria brancacenta das ovelhas do seu rebanho, que tinham vindo balar sedentas sob o giráo onde murchava a ultima verdura. Veiu pela soalheira, caminhando na aridez abrazada dos caminhos ermos, onde, de quando em quando encontrava a mumia de um retirante, a pelle encarquilhada amortalhando o arca-



bouço encolhido, os joelhos tocando o queixo, os dentes descobertos n'um rictus macabro— A's vezes reboava um surdo lamento longinquo como o *choro* do gado e sempre o céu azul durante o dia, estrellado e clarissimo de luar á noite— e nas campinas rasas, queimadas, aves piando melancolicamente.

Em caminho encontrando uma léva que demandava a cidade, fez-se do bando e com elle soffreu o horror da travessia esteril, debruçando-se de quando em quando sobre as aguas podres dos pantanos para beber avidamente, enquanto os mais religiosos, vendo n'esses encontros um beneficio de Deus, rendiam graças, beijando piedosamente as contas dos rosarios. Quando chegou á cidade mal fallava. Recolheram-no, até que um dia, pela manhãzinha, vieram despertal-o no alcjamento e saiu com os companheiros, tangidos todos como um rebanho. Scintillava no céu a estrella da manhã e uma brisa do mar agitava de manso as palmas das carnaubas. Embarcaram...

Aqui, sem haveres, sem lar e sem amigos, começou a esmolar, cantando modas sertane-



jas... Um dia, porém, viram-no surgir de cartola, sobrecasaca, e um guarda-chuva em punho. Caminhava gesticulando, com esgares, Subiu ás redacções dos jornaes para formular a sua queixa:—Que o governo negava-se a pagar-lhe um divida de 10.000 contos. Já havia representado, mas os homens do poder escusavam-se, adiando o pagamento do dinheiro que tanto lhe custara ganhar. Pedia que a imprensa reclamasse contra esse procedimento revoltante, e baixando-se, com ar mysterioso promettia a metade, se fosse attendida a sua queixa. E partia, enterrando a cartola na cabeça, brandindo o guarda-chuva, a bradar contra o escandalo.

Um dia perguntei-lhe de que provinha essa divida. O caboclo recuou, abrindo uns olhos enormes, espantado da minha ignorancia.

A sua barba negra e espessa, arripiada n'um gesto brusco da mão direita, dava-lhe um aspecto fantastico e comico ao mesmo tempo. Cuspiu por entre dentes, n'um silvo, e disse-me:

— Pois então... não sabe...!?



— Infelizmente não sei...

— O' senhor! exclamou cruzando os braços e circulando um olhar pasmado por toda sala. Tranquillisou-se por fim, depois de muito sacudir a cabeça e espalmando a mão com força sobre a minha mesa: « Pois ouça lá... » Sentou-se. « Sou cearense... A secca murchiou a minha plantação de canna, matou o meu gado e fez com que eu deixasse a minha casa, que, sabe Deus, a esta hora, já não existe mais!

Nessa casa vi morrerem meu pai e minha mãe, alli cresci, meu senhor, alli me fiz homem no meio do que era meu... Veiu a secca e levou tudo...

E agora? quem ha de pagar os meus prejuizos? Deus? não! Deus está muito longe... mas quem faz as vezes de Deus na terra não é o presidente? é... elle que pague então...»

— Mas... dez mil contos por uma cabana!

— Ainda é pouco... isso mesmo não paga o que perdi, meu senhor... De que serve um palacio... se eu nasci na cabana que o sol queimou, se as minhas recordações ficaram no cabana...? Nunca mais hei de ver o canto do meu

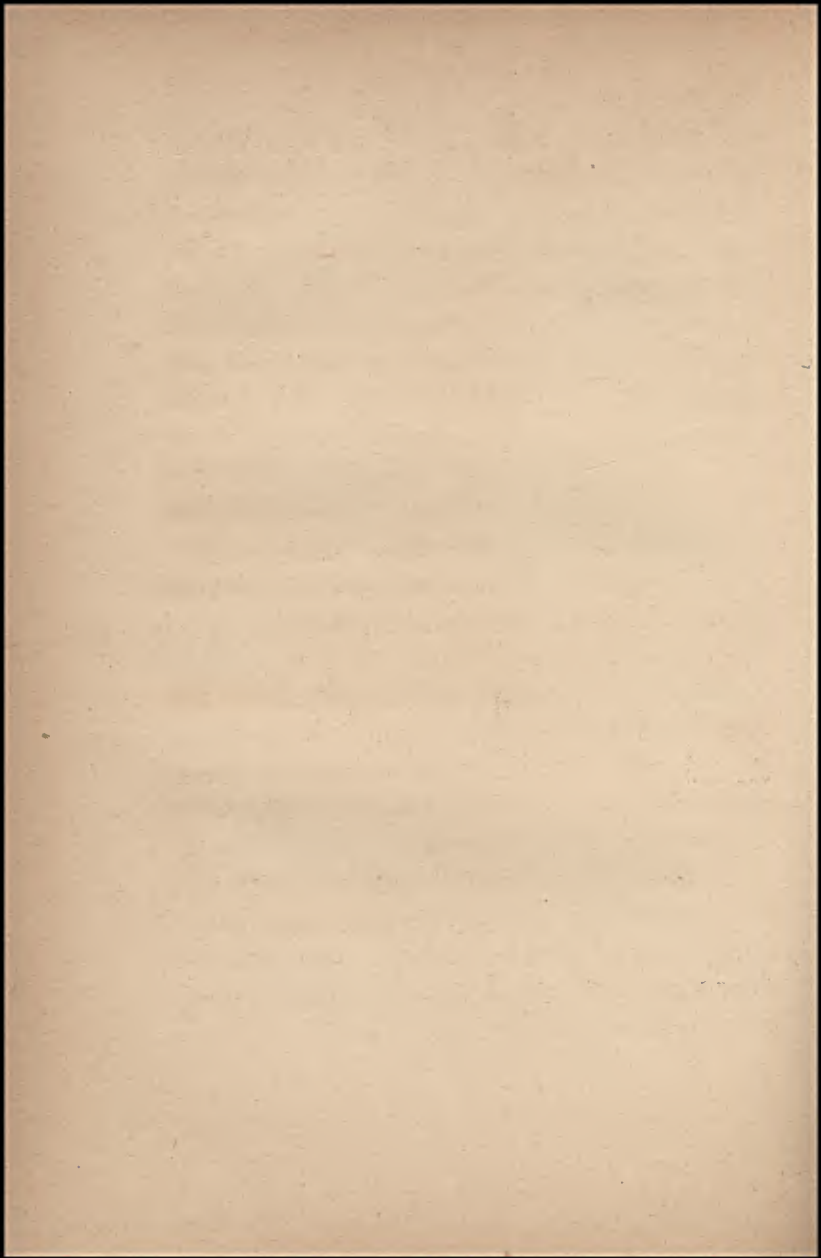


berço nem o alpendre onde meu pai vinha sentar-se á tarde, enquanto minha mãe fiava... Dez mil contos! dez mil contos não pagam, meu senhor.»

E eu, commovidamente, concordei: não pagam.

Ahi tem quem é o homem que anda a reclamar a indemnisação fantastica.







XLV

A litteratura encaminha-se para o pavor. Toda a legião dos poetas que hoje marcham á frente da caravana clangorosa que ha de legar ao maravilhoso seculo futuro o rythmo para as epopéas, abherra-se do caminho que levava ás fontes parnasianas, onde Apollo abeberava o seu rebanho de musas para enveredar pelas selvas escabrosas, povoadas de assombros, tonitroantes de evohés macabros, evocando os esqueletos esgrouviados das nixes para sabbats, em volta de fogueiras purpureas, á claridade da lua, propicia ás bruxarias. Ha uma tendencia para o horroroso, que faz receiar muito pela razão dos cantores...



Tempos ingenuos de idyllo, quem de vós hoje se lembra...?! O que a Musa moderna pede é o idyllo febril, a allucinação, o pesadelo. Em vez de virgens de louros cabellos e olhos melancolicos, desfolhando á margem dos regatos margaridas e malmequeres, em vez das balladas sentimentaes á sombra dás laranjeiras carregadas de flores—mulheres energumenas, núas, com os labios viscidos de espuma, tontas da orgia, com grandes thyrsos, cantando delirantemente a ode fescennina das bambuchatas — a *charogne* verminando a um canto e Cottyto, a volupia, fecundando a podridão com o seu olhar abrazado e humido.

Ou a lascivia ou a loucura fantastica. Poemas obscuros escriptos sobre as lapides frias dos tumulos, á luz tremula e fugitiva dos fogos fatuos, ou finalmente o magismo com a sua pompa, com o seu cortejo astral de estrellas funestas e de estrellas propicias...

E' uma invasão de barbaros!

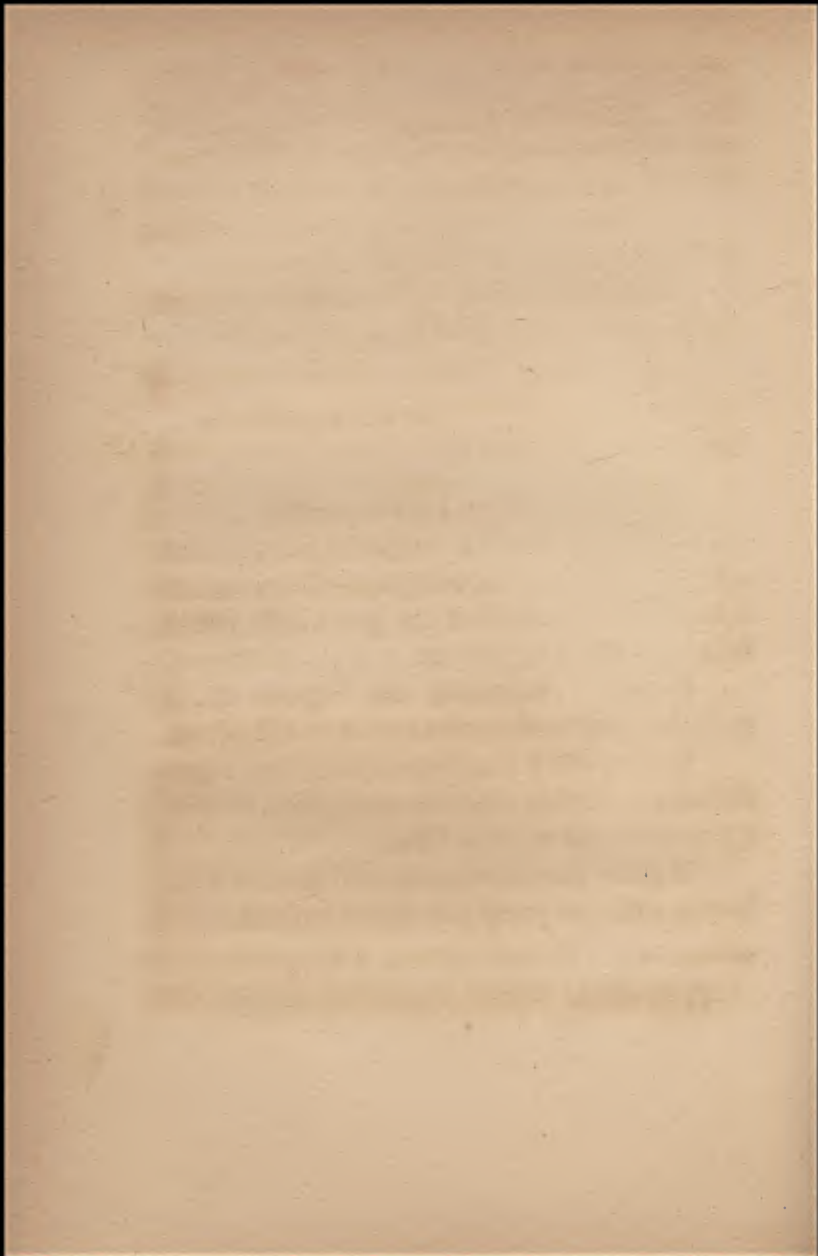
As musas, perseguidas pela legião tumultuosa das novas menades tiradas dos quarteirões do vicio, molhadas de champagne, os ca-



bellos esparsos, tontas, declamando em vozeria os versos de Richepin, abalarão espavoridas, deixando as harpas suspensas dos salgueiros como os poetas de Sion... e fugindo encontrarão as epopéas sombrias do *frisson*, trazidas por Maeterlinck, ou finalmente, sumindo-se na grande noite avermelhada pela luz sandicina de Saturno, o signo dos infelizes, verão surgir o vulto sinistro do *Sar*, que dictou o *eroticon* e escreveu, para arrepio das carnes pundonorosas, a *ethopéa*... Pobres musas! como não hão de chorar o tempo candido em que se cantava languorosamente, com os olhos em branco, picando as cordas do violão queixoso:

Qual quebra as vagas do mar...

E dirão soluçando — ao menos havia de-
cência!





XLVI

DO MEU CHARUTEIRO.

Sello ou não sello... eis a questão.

No fim de contas a campanha não é contra o imposto, é contra a cobrança—Decretassém o imposto para o inglez ver que ainda temos lei... mas não o cobrassem.

Positiva e claramente esse imposto não é mais do que uma vingança contra os adhesivos.

«O imposto é una imposição,» disse algures um economista celebre e o purgativo Le Roy (*) abunda nas mesmas idéas.

O povo, tão sobrecarregado de onus e de bonus, onde irá parar com tantas extorsões?

(*) Beaulieu.

Se o imposto do fumo é geral, como deitaremos luto pelos que se lembrarem de fallecer nesta época tão calamitosamente fiscal?

Um charuto, uma fita de crepe, valerão o mesmo aos olhos avidos dos cobradores.

Os *rondes* e as espiraes vão dar magnificos dividendos ao cinzeiro publico, digo — erario.

Nesse conflicto entram todos os rolos, tanto de fortes como de fracos, o Goyano e Pomba, o Araxá e o Barbacena...

O imposto do fumo não se traga...

*

AO MEU CHARUTEIRO:

Se os generos têm subido tanto, inclusive o feminino, por que razão a nicotina havia de ficar no plano inferior? o equilibrio é uma necessidade... Esse imposto não passa de um golpe de bolsa... de fumo.



XLVII

A FELIX MARIALVA.

«Madrugada. O campo hebreu cheio de tendas cobertas de pelle de cabra estendia-se a perder de vista, emergindo da bruma. O monte Nebo, em frente, alto, enevoado, lembrava uma pyramide como as que deixaramos na terra do captiveiro. Um regato serpeava, deslisando sem bulha, aqui e alli salpicado de sol.

Homens apanhavam tunicas nas arvores, outros encimiam de maná o komor de barro e longe, uma multidão de velhos, vestidos de linho, desarranjava o tabernaculo ao som de trombetas estridentes e canticos que mal me chegavam. De vez em vez, a uma nota mais forte, todos os braços erguiam-se fugindo das



largas mangas na curva ritual dos offertorios, depois cahiam molles, a um tempo, como impellidos pela mesma força. Eram os levitas que oravam.

As manadas reuniam-se. Passavam ás pressas, quasi nús, berrando aos bois, os fortes pastores, guerreiros do cajado e da funda, da tribu valente de Ruben; outros tocavam a chuço os bois rebeldes e os carneiros morosos. Moças accendiam fogueiras e defumavam as roupas a myrrha e a cynamo. Velhas paradas, olhando o céo dourado, balbuciavam; meninos saltando batiam sistros, enquanto um gigante prisioneiro estorcia-se, amarrado a um poste picado, de quando em quando, pela lança fina de um guerreiro de Israel.

A victima arquejava, volvendo os olhos. O sangue escorria-lhe das feridas em lagrimas, purpureas e crianças nús, paradas diante d'elle, puzeram-se a rir, batendo as palmas, quando a lança do israelita sahiu-lhe do coração e o desgraçado escancarou a bocca, no stertor, golphando sangue.

Fugi para a minha tenda horrorizado.



Uma mulher dormia estirada em um pedaço de linho, com os braços pela cabeça, quasi núa. Olhei-a... olhei-a muito. De repente ella abriu os olhos, fitou-me e desatou a chorar falando atrapalhadamente, a pedir-me perdão.

Era uma egypcia.

Uma egypcia entre o povo de Deus! Veiu-me a indignação Tomei de uma larga cinta de couro e ia bater a desgraçada quando a leve tunica, escorregando-lhe dos hombros morenos, deixou-a quasi núa: os dois peitos virgens tremulos pareciam pedir por ella. Detive-me. Nesse instante levantou-se um grande alarido no acampamento.

Sahi á porta da tenda para ver o que era. Olhei.

A multidão cercava o monte Nebo e eu vi um grande velho de longas barbas brancas e tunica de linho, vagaroso, humilde, com os olhos no céu e os braços abertos ir subindo, subindo, subindo pelo monte, cercado por uma aureola de estrellas, por entre alas de seraphins ármados. Fiquei extatico e, como passasse um pastor, perguntei quem era o velho e elle dis-

se-me: Moysés! E foi-se, campo afóra, gritando e sacudindo um panno: Hosanna! Hosanna!

Nisto uma criança passou batendo cymbalos... contei sete pancadas. Voltei-me para entrar na tenda e... acordei...»





XLVIII

O Jardim Zoologico acaba de ser abandonado pelo seu director.

A herva póde crescer viçosa e abundante transformando o horto miseravel n'um vasto *tapis-vert*, onde joguem á vontade todos os amadores da fauna que têm palpites nos bichos. Não ha jaulas, não ha aviarios, não ha tanques — são casas de azar onde, em vez de numeros, ha a novidade excentrica de animaes vivos — um «jaburú» colossal e não um logradouro honesto.

O director dessa casa, approvando com o seu silencio a tavolagem, descia aos olhos da gente honesta da attitude de um sabio á infima



baixeza de um *croupier*. Fez muito bem o digno moço deixando o cargo que lhe fôra confiado.

Esse lugar de naturalista está a pedir um homem que conheça a arte complicada de dar a bola e que não tenha escrúpulos em fazer com que o rei dos animaes seja derrotado diariamente pelo simio, para gaudio da banca e dos encinhos que foram prudentemente substituidos pelo *rateau*.

Os animaes urram famintos e sedentos. Os grandes tigres bariolados andam de um lado para outro, com a lingua pendente, os olhos fulvos, uivando de sêde; os leões cadavericos dormem com a enorme cabeça entre as patas, nostalgicos soltando, de vez em vez, um ronco surdo, lançando olhares através dos varões da jaula para os que andam buscando palpites; as cegonhas encolhidas piam, e as jararacas, n'um adormecimento preguiçoso, enroscadas, transidas, silvam no fundo das suas covas e a herva exhubera.

A selva vai reconquistando o seu terreno. Os galhos verdes entram pelas jaulas e os avia-



rios, com grande pasmo dos bengalis, começam a ser invadidos pela vegetação reintegrada, porque o unico homem que apparece de longe em longe entre os rebentos é o fixeiro que traz um pouco de carne para manter os quadrupedes que são a fonte de renda da famosa batota buffonica.

De vez em quando um propytheucus leva as duas mãos á cabeça solta um guincho e vem abaixo do poleiro morto ; de fome, dizem uns, de sêde, affirmam outros ; de vergonha, emendam alguns.

O elephante escarva e ruge indignado, tão nobre e tão vilmente humilhado.

A vacca, que não é a do orçamento, muge, a ovelha bale, o corvo crocita e brada toda a bicharia contra a jogatina, mas os *book-makers*, que são os unicos visitantes do famoso jardim, fazem ouvidos de mercadores e continuam a comprar e a vender tontinas.

Dentro em breve bem pouco restará do Jardim Jogologico, porque os animaes, abandonados, esquecidos nas suas prisões morrem de fome e de tédio.



O matto investe fazendo daquellas terras uma especie de Paradou, mas acreditamos que nesses dias que não vêm longe o encarregado do jardim instituirá um jogo novo, uma roleta tragica sobre os esqueletos dos bichos e ganhará n'um dia o gogó do macaco, no outro dia o craneo do leão ou a charogne da vacca e então é bem possivel que a hygiene tome contas ao jardineiro. Mas até lá joguemos.





XLIX

AOS ACADEMICOS DE S. PAULO.

Em S. Paulo, onde fiz as minhas primeiras armas, havia uma tradição oral, transmittida de geração em geração, como a historia gloriosa dos antepassados corre em uma tribu contada pelos maiores aos novos da familia, para perpetua memoria e consagração immorredoura dos ancestraes heroicos.

Abancados ás mesas do *Corvo*, á luz vacillante e lobrega do lampeão fumarento, emborcando *bocks*, nas grandes noites de Junho, trazia-se á palestra, n'uma especie de evocação intellectual, os vultos dos que por alli haviam passado, com as suas lyras, cantando amores e tristezas, uns scepticos, outros crentes, apaixonados outros.



Lembro-me de ter muita vez levantado o meu copo para acompanhar os brindes feitos á memoria de Castro Alves, e com que enthusiasmo! todo o viçor dos meus dezoito annos expandia-se e o saudar terminava n'um evohé delirante que muitas vezes, despertando os grandes cães que dormiam entre os toneis, tinha um remate lamentoso de uivos. Por felicidade os allemães obsequiadores acudiam com ponta-pés sollicitos para sopitar a elegia cynica dos intrusos.

Castro Alves, com a sua poesia alevantada, vasada nos moldes de Hugo, estrophes talladas abruptamente que cahem como avalanches, conquistara a sympathia de grande parte da mocidade enthusiasta do meu tempo. Nas festas academicas, quando um poeta vinha á tribuna, esguedelhado e flammineo, o auditorio que fizesse como os romanos fizeram quando atravessaram o desfiladeiro do paiz dos Sabinos— que acobertasse a cabeça — porque os blocos não se faziam esperar, cahiam em roldões dos labios fluentes do inspirado. O publico, entretanto, recebia com visivel agrado essas es-



trophes sonoras — o retumbar do verso era uma necessidade.

Mas tarde, lendo em soledade o poeta da *Euthanasia*, senti pendor para os seus escriptos. Cumpre-me dizer com sinceridade que essa impressão que me empolgou o espirito devo-a ao seu poema em prosa *A noite na taverna*. Sei bem que muitas das situações resentem-se da leitura aturada dos poetas inglezes; em todo caso, ha uma grande e perfeita uniformidade de visão artistica. Marlow, Byron Schelley, Poë, e tantos outros folheados pelo erudito academico podiam ter desbastado o caminho, mas a viagem foi feita sem companhia e quando o poeta atravessou os humbraes do antro estava só, com a sua Musa, devo dizer, com a sua Musa de olhos doces e tristes.

Ha quem o chame o «Colombo da Europa litteraria» porque foi elle que nos mostrou os amplos horizontes devassados pelo sentimento —ou pela Arte, que é a expressão desse producto d'alma—dos mestres do continente antigo. Não discordo e seria rematada ingratição da minha parte aventurar dissonancias, quando



cantais louvores em homenagem justa e digna a um dos que mais se esforçaram para exalçar o nível do nosso espirito; mas haveis de permitir que livremente manifeste a minha opinião ácerca da brilhante trindade que hoje resplandece no frontão da Academia. O meu poeta preferido é o último—Varella.

Não tinha o fulgurante assomo do primeiro, faltava-lhe a erudição, o grande subsidio litterario do segundo, mas, em compensação, sobrava-lhe sentimento. E a paixão com que voltava os olhos para o sereno céu da sua terra! a meiguice com que escutava os cantos das matas verdes, a enternecida affeição que dedicava aos seus patricios ingenuos, ao caipira cantor, á caipirinha languida, o trabalho paciente de resurgir todo o idyllo selvagem no poema *Anchieta*. A poesia, intensamente brasileira, vibra muito mais em minh'alma, commove-me talvez por uma affinidade de espirito, e a verdade é que, esquecendo os arroubos de Castro Alves, os erudictos periodos de Azevedo, voto todo o meu entusiasmo ao dolente cantor dos *Cantos do ermo e da cidade*.





XLX

«Tendo desaparecido o sol, offerece-se uma gratificação a quem o restituir ou delle der noticias ao céu, que está inconsolavel pela perda que acaba de soffrer. Protesta-se com todo o rigor da lei contra quem tiver acoutado o centro do systema planetario.»

Muito me obsequiariam os collegas transcrevendo este annuncio nas suas respectivas secções.

Decididamente não ha quem resista a tres dias de chuva (salvo seja). Passamos das duchas escossezas: manhãs abrazadas, crepusculos de catimploras, para as jeremiadas geladas do chuveiro. Essas intermittencias hydrotherapi-

cas podem ser magnificas para os enfermos, mas para o geral dos homens são detestaveis.

Ha quem ache delicioso o tamborinar das gotteiras ou o ruflo violento das *rafales*; eu prefiro 39° á sombra com o sol que aviventa o sangue, que desabrocha sorrisos e violetas.

Olhem para o céu e digam-me se não está com uma cara de estado de sitio? Não ha bom humor, não ha actividade, não ha nada senão lama e guardas-chuva, tedio e rheumatismos. Que ha de fazer um homem nesses dias de chuva e de frio se não metter-se na cama? Ah! mas a cama, quando não ha somno, é um supplicio. De papo para o ar, dedilhando no ventre, os olhos no tecto, entra-se pela Hespanha a construir castellos, ou então medita-se sobre os pontos difficeis da vida: a carestia e a virgula, a pelota e Gumercindo... Nem panem nem circenses, e ahí vêm os suspiros e os lamentos, os ais arrancados *ab imo pectore* e o terror do fim do mez — pesadelos de revolução e de cobrança... e a chuva canta nas telhas sinistra e agourenta como o acauan fatidico.



Não, a cama é hedionda... a rua impossível. Que se ha de fazer? dormir, sonhar, ou não comer ovas de tainha? não comer ovas de tainha, que já fizeram uma revolução postal... Ler? sim, ler... a leitura consola e não compromette; é preferivel um bom livro a uma ova... leiamos... Mas alguem nos interrompe a leitura: é o criado que nos vem chamar em nome de *Sinhá velha*... *Sinhá velha* é a sogra. O que é a chuva...! estamos sujeitos a tudo. Vejamos que quer *Sinhá velha*.

Eil-a, toda embrulhada em lãs, cercada de um rancho, com um livro aberto diante dos olhos. Chama-nos com austeridade e anuncia-nos a leitura:

Senhor, hoje é domingo, dia de guarda... ajoelhe-se... E escancarando o livro: *Persignumem-se*... o senhor também. Vamos ler a vida do beato S. Pancrácio... E fanha começa a leitura religiosa.

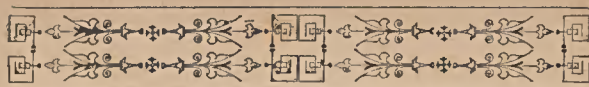
E a chuva canta nas telhas sinistra e agourenta como o acauan fatidico.



«Tendo desaparecido o sol, offerece-se uma gratificação a quem o restituir ou delle der noticias ao céu, que está inconsolavel pela perda que acaba de soffrer. Protesta-se com todo o rigor da lei contra quem tiver acoutado o centro do systema planetario.»

E não é para menos.





L

Outros mais felizes do que nós, filhos de outras terras abençoadas, onde amadurece a seara loura e os rouxinóis elegiacos embalam as horas tristes das noites, onde ha aldêias mettidas em profundos valles, velhos como os tempos, por onde passaram raças emigrantes e costumes e crenças e religiões, gosam tranquillamente o seu inverno, acolhidos ao canto do fogo ouvindo o crepitar da lenha e o *ron-ron* do bichano domestico, enroscado voluptuosamente nas felpas molles de um pellego emquanto o vento zumbe por longos campos, salpicando de neve os tectos das casas d'onde sobe para o céu, denso e frio, o novello de fumo, symbolo patriarchal dos lares.



Outros mais felizes têm o direito de passar a noitada confortavelmente encolhidos, sorvendo grogs quentes, em *tête a tête* intimo, longe dos murmurinhos, longe de todo o rumor, n'um socego invejavel, deixando ao bom Deus o cuidado de refrescar as noites e de adubar a terra para os outonos futuros.

Outros mais felizes podem esperar, com as pelissas enroladas, os fogões atulhados de lenha, o armario sortido e a cama feita, a morte do sol, o apparecimento da neve, porque a Providencia, que tudo regula, pensou em dar-lhes, para quebrar a monotonia das manhãs azues, nevoas rudes de invernos e para substituir as estrellas que brilham eternamente a variedade dos floçcos brancos que fazem tão bem ao somno, quando o leito é fôfo e aquecido e não ha frinchas no muro por onde possam entrar insidiosamente as pneumonias e os pleurizes no halito regelado das noites.

Deve ser consolador saber a gente que no mez proximo vae ter sol na sua janella, que o seu jardim vae cobrir-se de flores, que



as arvores novamente enfolhadas, vão carregar-se de frutos e que vão chegar ás andorinhas. Como deve ser bom ter frio, tiritar com o queixo nos joelhos, abraçado as pernas! Como deve ser bom passar uma noite a ouvir a neve tamborilar nas telhas e ter a gente a certeza de que ha gelo em todas as ruas, em todos os cantos... E dormir abafado, encolhido... só ou etc. e tal... Como deve ser bom? Felizes os que podem bater o queixo... Felizes os que vivem transidos. Bemaventurados os que tiritam — ao menos têm n'alma a esperança dos dias de sol e do reverdecimento dos campos.

Nós aqui, pobres tropicaes, que temos senão esse constante flammejar de um sol inclemente, que ri dos almanacks. que desmente os observatorios, que zomba dos sabios, que leva o seu despotismo a ponto de não permittir que S. João mantenha a sua tradição de pai do frio?...

O' intendencia, tu que tudo destroes, por que não acabas com o calor, por que não atiras um edital ao sol? Vê ao menos se consegues

arranjar-nos uns tantos por cento do inverno europeu. Que diabo! Para que é que temos intendentess?... Frio ou fresco pelo menos; um pouco de briza, ó inter.dencia, e se achas que é de todo impossivel dar-nos outro clima, distribue lenços, sorvetes e ventarolas e se ainda achas difficil o que aqui te peço, em meu nome e em nome da população abrazada, deixa-nos em calma, sim, mas põe-te ao fresco...





LI

A UM LAVRADOR.

Em materia de rabicho só admitto o amer e em questão de comer com dous páosinhos nada, absolutamente nada.

A terra precisa de braços, pois dêem braços á terra ; a lavoura mingua á falta de quem a cuide, e... pois tenho eu com isto ?

A litteratura tambem anda a morrer ; entretanto, ninguem se lembrou de mandar buscar mongoloides... E' verdade que no terreno litterario não se planta batatas e a lavoura espirital, para que produza boas messes, não precisa de braços, precisa de cabeças ; mas, que diabo, alguem já se lembrou de mandar vir cabeças ? ninguem... entretanto, para dizer a verdade, é



disso que precisamos, porque estamos na extremidade.

Não sou pro, Deus me livre... acho que nos podemos arranjar com a prata de casa, com a prata...? quero dizer; com o nickel...

Sei que ha muita gente que dá a vida por uma chinota, mas as cousas da China não têm provado bem na terra da Santa Cruz: a laranja é azeda, os negocios têm dado em pantana e de mandarins estamos fartos...

A primeira embaixada dos celestiaes, Fu e um outro nome feio que abunda no paiz do cysanthemo, em Cuculy e em toda parte, não fez nada — andou muito por baixo... O povo soberano não acceitou as credenciaes do nome sujo escriptas, não em papel de arroz, mas em *Bromo paper*. A nação deu um pontapé no... nome e fechou as portas, os portos, quero dizer.

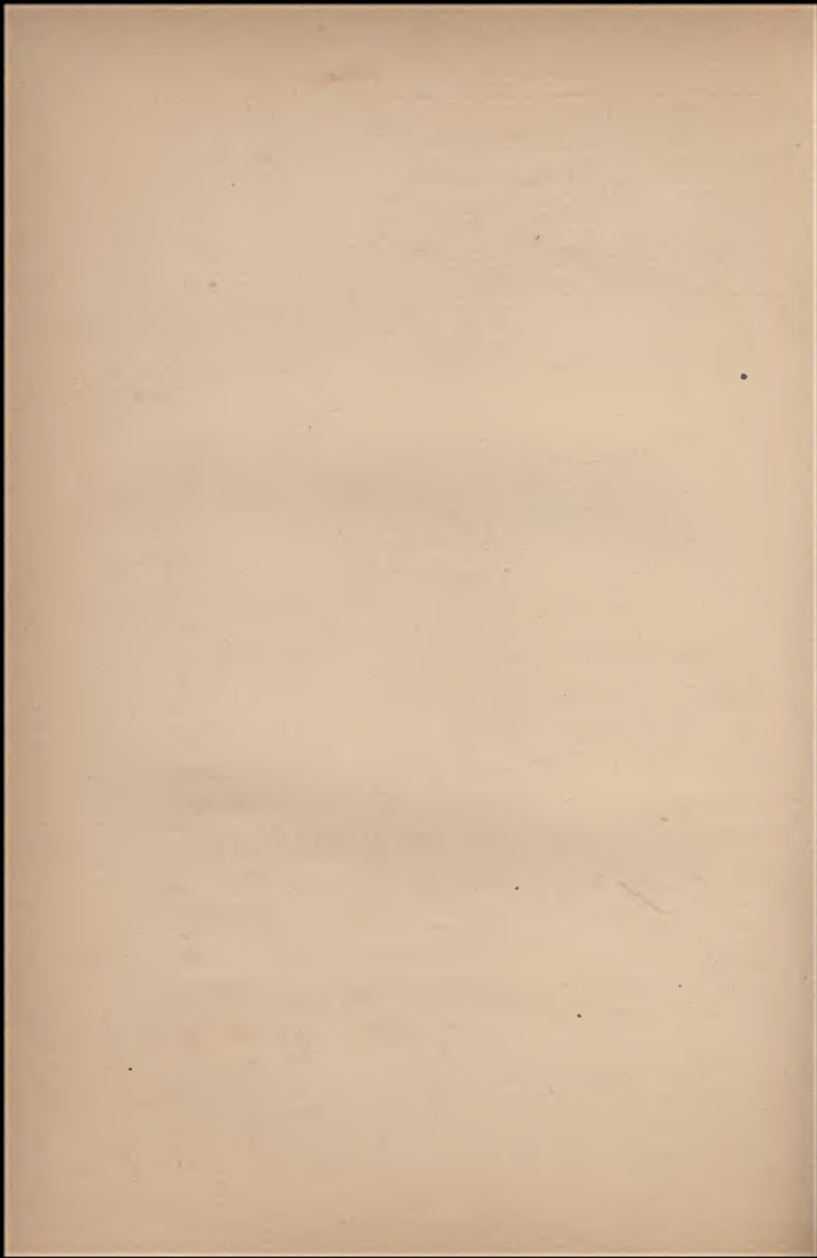
A questão cahiu... e agora eil-a de novo... A occasião foi agarrada pelo rabicho e desta vez parece que a cousa pega... O Brazil inteiro, desde o Amazonas ao Prata, vai ficar reduzido a uma plantação de chá... Vamos ter chá preto,



chá verde, chá padre, chá... péo... chá... ruto,
chá... cota..., chá... rola..., chás de todas as
qualidades, de todas as cores... chá... ramela...
e... *point de café*, que é o credito, que é o
cambio, que é tudo neste paiz de eternas lumi-
narias, antes mesmo do chim.

.







LII

A'S MÃES NEGRAS.

Ajoelhada e humilde, as mãos postas, os olhos misericordiosos voltados para o céu, Maria, da tribu de Judá, orava ao Senhor piedoso e clemente, que salvara Israel do captiveiro. Pela janella aberta entravam os ramos verdes da madresilva e os pombos domesticos, no poial, arrulhavam, arrufando as pennas á tepida caricia do sol da manhã. Fóra, nas hortas viçosas, as mulheres mourejavam e sob um alpendre feito de uma latada pampinosa o esposo aplainava taboas rescendentes do monte Libano.

Subito illuminou-se com uma claridade estranha a camara virginal, onde sussurrava a prece—seisazastatalaram e baixou, com a palma



dos serafins na mão puríssima, um emissário do Céu, escolhido entre os eleitos para trazer ao mundo a santificação do ventre, para fazer na terra a exaltação da benção, sagrando a Mãe na concepção e fortalecendo-a para o amor supremo: Ave, Maria!...

E Jesus veio ao mundo sem a macula do crime.

Vós outras, dolorosas mães, martyres do eito, para que jámais tivésseis de fugir, evitando de ouvir os gritos lancinantes dos vossos pequeninos filhos, vós outras, mães escravas, sem o direito do beijo, sem o direito da benção, para que não produzísseis mais soluços, para que não desseis ao mundo fructos amaldiçoados, quantas vezes, no cimo dos comoros adustos, ao sol flammejante, não levantastes os braços para o Deus de Piedade, clamando: — misericórdia! em nome do vosso amor! Quantas vezes, victimas sem culpa! Quantas vezes não pedistes a morte ao Senhor dos desgraçados?

E soffrestes, até que um dia vos chegou aos ouvidos a mesma saudação bemdita, annunciando a purificação do vosso ventre e a sagração do vosso amor.



Como a mulher de Judá, mães negras martyrisadas, tivestes o vosso *Ave!* e o anjo que baptisou dentro do utero como na mais santissima das pias o fructo do vosso amor, veiu do Céu, de certo, baixou das alturas elyseas, foi enviado pelo Altissimo para consolação das affictas, para salvação da innocencia.

Mães negras, celebrai em vosso altar a annunciação sagrada, como a igreja celebra a annunciação da Virgem!







LIII

A' LUIZA I.

A volubilidade... Já li uma defeza lyrica d'esse sentimento, mas, confesso que, apezar do artistico manejo do poeta, não cheguei a concordar com elle... Voluvel...

Sol lucet omnibus, é verdade—e os olhos das mulheres são irmãos gêmeos das estrellas que, astros como são, devem resplandecer para todos, mas é tão bom saber a gente que possui, para gozo intimo, duas estrellas captivas! delicia tanto sentir-se a alma acariciada pela claridade astral das pupillas amadas...

Já que não é dado aos sublunares beijar Venus ou fitar de perto Athair, a fulgurante, que ao menos seja licito ter cada um o seu casal



de estrellas, para que os pequenos idyllos tenham luz bastante, para que o amor não realize os seus mysterios doces no escuro completo.

O principal, porém, não é possuir os dois astros, é saber que elles brilham exclusivamente para quem os seduziu pela primeira vez, porque, confessem que será doloroso vir um dia a saber-se que as pupillas azues, negras ou mesmo verdes, que se accenderam á aproximação do nosso beijo, outra cousa não fazem senão brilhar, mal sentem vir dois labios fechados em botão, para eclypsal-as na penumbra sonora de um beijo... de um longo beijo de amor!

Não, deixai que o sol brilhe para todos, deixai que as estrellas fuljam para o mundo inteiro; os olhos que se conservem castos, porque não foram postos por Deus nas faces brancas para illuminação publica dois corações errantes.





LIV

AO OCEANO

Falo-te em nome dos corações feridos, falo-te em nome da saudade eterna — entregamos os despojos dos que massacraste. De que te servem nas areias claras os corpos frios da maruja morta?—Queres talvez aproveitar o sangue para crystalisal-o em ramas de coral? Queres talvez fazer da lagrima da agonia, a derradeira lagrima que foge como um adeus do sofrimento na hora do supremo adeus—perolas para as tuas conchas? Queres extorquir todo o thesouro dos corações dos naufragos, Oceano? e as mães? que têm os olhos na praia anciosamente alongados á espera de que uma vaga atire á areia o bagaço hirto de uma existencia



extincta? E as esposas, que anciam de paixão junto das rochas brutas, e nós todos, emfim, irmãos dos que mataste, que estamos como as coephoras de guarda ao grande tumulto que abriste, velho deus incansavel—que nos pretendes dar, dize Molock estuante?

‘Não venho relembrar as coleras antigas—falo-te de hontem, falo-te da cilada dos teus monstros, falo-te do crime dos teus bandidos saxeos—dessa insidia, o rochedo, dessa traição, a syrte, que, embuçados covardemente na tunica da Noite negra, acompanhados pelos executores—o pampeiro e o raio, armaram perfidamente a tremenda cilada, de que tão cruelmente te aproveitaste com a vaga que é a tua garra, com a espuma que é o teu visco, para colher um pedaço do coração da Patria.

São mais fortes do que tu as lagrimas das mães. A tormenta das almas vale bem a dos oceanos. Falo-te dentre o rumor dos soluços, falo-te dentre o chofrar do pranto a ti, Oceano, filho do mesmo Pai, a ti, mar insidioso e tragico que saiste como as estrellas, como as flores, como as aves, do mesmo Verbo que nos



creou, a ti, constrictor de vagas, inconsciência
poderosa irmã da Terra, irmã dos céos, irmã
do homem, a ti, tempestuoso Oceano, para que
respondas em nome das mães, em nome das
crianças e em nome do noivado — que fizeste
dos teus irmão, traidor? Que fizeste dos teus
irmãos, Caim?







LV

« Allons enfants de la Patrie !

Para os entusiastas da tua tempera são estas as palavras preliminares do grande psalmo da Humanidade — correspondem ao Ave da religião cujo ideal mais alto, se me permites dizel-o, trouxe a esperança ao mundo, trouxe a consolação ás almas. Dentro desse verso que qualquer poeta, o mais mediocre, escreveria ha todo o poema da liberdade. Foi sobre esse motivo, tão simples na apparencia que o povo de Paris fez o hymno da sua independencia ou antes, como costumam affirmar, da independencia universal !



Não me parece entretanto irreprehensível o verso da musa revolucionária—conheço melhores em Musset, em Hugo, em Lecomte de L'Isle e em varios outros; mas nenhum delles agitou o enthusiasmo das massas com tal impetocom o esse:

Allons enfants de la Patrie...

Deve haver uma razão occulta. Tu que és tão fervorosamente republicano, tu que tens estudos completos sobre o grande facto que decidiu da sorte das raças, tu que és o mais lido em cousas de revolução, explica-me essa sympathia do povo de Paris, tão requintadamente artista, povo que applaude com frenesi um bom hemistichio, povo que corôa os seus poetas e tem um Pantheon para os seus homens.

Explica-me para que eu não faça máu juizo do senso esthetico dos revolucionarios.

— Não sei. A Marselheza, como em geral os hymnos, não prima pela forma artistica. Quem a compoz não conhecia os segredos da Arte, manejava melhor a espada do que a penna e não escreveu para recitações em saráus litterarios, escreveu-a para os choraes de sangue.

Os versos, apesar de toda a sua rudeza, exprimiam exactamente o sentimento do povo e foram escriptos na dialectica singela das massas. A Marselheza é o poema popular — é simples como a oração. O Pater não tem estylo, entretanto salva as almas das penas. Demais, meu caro, ha na Marselheza a essencia epica que a torna communicativa, que lhe dá esse ardor que se estende por todos os que a ouvem. Emfim é uma a grande synthese... Queres ver? eis o primeiro verso.

Allons enfants de la Patrie.

E' o appello á revolta. Ha nesse verso todo o entusiasmo de um povo que allicia e que marcha para a lucta. Sente-se que vão passando as levas revolucionarias : é a partida dos bandos populares — é Paris que se levanta armado, chamando a França para o grande combate—é a revolução arrojando-se. Primeira parte do grande poema—a lucta. O outro verso:

Le jour de gloire est arrivé!

— E' todo um canto de victoria—é a conquista, a grande paz da familia proletaria, o



descanso dos humildes, a liberdade, o dia de gloria, enfim, o ideal conseguido pelos homens que vinham do fundo da idade média arrastando grilhetas.

Toda a historia da revolução está resumida nestes dois versos que exprimem o momento da acção e a apotheose. Como vês, ainda podia ser menor; o poeta foi prodigo. O povo nas suas agonias supremas, não pede.

Sparta vence com Tyrteu. Achas a Marselheza rude como obra d'arte? pois olha, não foi a *Legenda dos seculos* que libertou a França, foi ella.

Ha uma cousa mais forte que o sentimento de liberdade e esse não exige composições gloriosas — pede um homem, uma coragem um brado!

Se ella fosse escripta em bons alexandrinos... talvez ainda a Bastilha existisse.





LVI

A FELIX MARIALVA.

A convite de um fanático fui hontem á pregação de Mlle. M., sacerdotiza iniciadora de um rito passional. O templo em que celebra a virgem loura é distante da cidade—os crentes esconderam-n'ò em um bosquesinho de palmeiras e de araucarias, em torno do qual circula um fio d'agua que canta—é toda a musica sagrada que se ouve na hora mystica dos extases. O interior tem mais o aspecto profano de um *boudoir* do que de um templo. As paredes, de alto a baixo, forradas de sêda, de um rosa pallido. Moveis de madeiras claras, *bibelots* de Saxe, bronzes artisticos, vitrinas carregadas de *chinoiseries* e nos panneaux ou



grandes kakimomos ou frescos representando scenas de Ovidio, o adorabilissimo Ovidio que tu conheces e gabas. No *plafond* uma paisagem risonha, cheia de nymphas e de personagens capripedes, que enlaçam dryadas languidas, enquanto um egyptan frenetico sopra uma syrinx e outro, purpureo, esguedelhado, choca os cymbalos sonoros.

O altar, não sei como descrevel-o... é mais de alcova. A cerimonia começa por um coro saphico, cantado a meia voz por uma theoria de donzellas, os cabellos esparsos pelo corpo, porque os habitos religiosos das monjas do rito novo são apenas capillares. I'ieis, de olhos baixos, mãos postas, absortos, invocam o supremo Phallé com gritos estridentes. Fóra na frescura do horto, a agua fluente canta e o luar pallido alumia as rosas que desabotoam e dentro vão correndo os passos do ceremonial. A Biblia é um conjuncto de odes. São prophetas Anachreonte, Sapho, Salomão, Ovidio, Bocaccio e etc, etc... O martyrio é divino... A cruz é feita pela sacerdotiza:—de pé, os braços abertos, n'uma attitude extatica, representa ao



vivo o emblema do martyrio e as outras cruces, meu Felix...! Só acode um desejo: ser crucificado, morrer, ter uma passionaria completa nesse calvario que rescende... Infelizmente, porém. não se crucifica quem quer... Antes da expiação ha uma série de pequenas provas... Eu, neophyto, passei pela primeira: communiquei — o calice... o calice foi a bocca de uma diaconiza e a hostia... han...! não me passou da bocca... não me passou da bocca.

Antes de purificado não poderei soffrer as outras provas mais duras... mas,.. como estou religioso, meu Felix! como estou fanatico...! é uma vergonha... Mas consola-me a esperança de uma canonisação posthuma... Amen.







LVII

A' INTENDENCIA,

Entenda-se a intendencia—quer a cidade limpa e os pés sujos. Remove o lixo das ruas e nega ao cidadão o direito de tirar o lodo dos pés (ao inverso do adagio). Manda varrer as viellas e prohibe que se engraixe os sapatos; permite a vassoura e degreda a escova. O' sabia instituição de edis, lembrai-vos de que Deus amou a limpeza, lembrai-vos de que a limpeza deve começar pelos pés que são a base do corpo, a menos que a vossa sapiencia não resolva em contrario. Sem pés limpos não ha limpeza completa—*mens sana in corpore sano*; pés lavados em botas engraixadas, eis a base do asseio universal.



Sei que os homens não valem pelos pés—nem os homens nem as instituições, ambos podem subsistir ainda que em máo pé, póde mesmo um individuo ter quatro pés lustrosamente engraixados sem que por isso ganhe mais alguma cousa no conceito das gentes, mas parece-me mais digno ver um homem com o pé luzido a vel-o sordidamente com um pé de porco, com perdão da palavra.

A questão dos engraixates é grave... Cuidado, candida edilidade! por muito menos perdeu Martinho as botas...! O povo da capital, essencialmente illustrado, não se habituará, de certo, ás botinas sem lustro.

Engraixar não é só uma limpeza para o fluminense—é um habito. Que nos tirassem o da Rosa vá; mas o da graixa é muito e Deus queira que a intendencia não vá além das botinas.

Quem ha no Rio que ás cinco da tarde passe por uma cadeira sem repousar os pés para a fricção do asseio? só os que andam descalços, esses não costumam engraixar as botas.



Os antigos, do tempo que chamamos obscuro, sacudiam o pó das sandalias á porta das cidades e nós, em fins do resplandecente seculo, somos forçados a carregar o pó das sargetas nas gaspeas dos sapatos foscos.

O' crua ! já que resolveis tão sabiamente, ensinai ao fluminense o meio de descalçar essa bota...

Metteis despoticamente as mãos pelos pés. Ha quem diga que a vossa intenção foi toda democratica, quizestes pôr toda gente n'um pé de igualdade: como ha municipes que não dispoem do nickel, resolves acabar com o engraixate. O sujo deve ser igual para todos, eis o principio, quero dizer, o fim da lei municipal.

Em tempos que vão para o esquecimento, lembro-me de que engraixava as botas e ando hoje com os pés cheios de lama, porque, infelizmente, não os posso trazer no bolso, sou forçado a pisar com elles as calçadas da cidade que parecem, muitas vezes, ter sido victimas da mesma lei niveladora que tanto humilha o calçado.



Acho estranho que a intendencia que foi sempre illustre desillustre agora. Tirai-nos o bife, mas, por amor da decencia, deixai-nos pelo menos a graixa.

Se algum dia succeder-me a desgraça de ser agarrado por um fiscal, por trazer as botas sujas, para quem hei de appellar? para os engraixates... pobresinhos!

Tristes sapatos meus... vontade tenho eu de vos trazer bem limpos, mas como?

Mais infelizes do que vós, preclaros intendentes, somos nós todos municipales. Vós outros sabeis onde haveis de limpar as vossas mãos que andaram a revolver pomada e graixa, sabeis perfeitamente que a uma parede qualquer podeis limpá-las, mas os nossos pés, os nossos poentes pés, ó intendencia, onde os limparemos nós?





LVIII

A' EXMA. SRA. G.

Infelizmente, minha senhora, a minha educação não é tão perfeita quanto eu desejára. Ha tantas cousas que ignoro, excellentissima.

Em questões de toilettes, além da primitiva folha de vinha com que cobriram a nudez os nossos primeiros pais, conheço esses pannos reles com que a civilização pundonorosa carrega a humanidade.

Acho, entretanto, que as leis da natureza, universaes e immutaveis, deviam prevalecer, em vez dessas manias cphemeras de lãs e de linhos, que furtam á plastica feminina a graça esbelta que immortalisou os marmores divinos da Grecia pagã.



Se eu pudesse legislar dictatorialmente sobre a maneira de vestir, vós outras terieis de chorar muitas lagrimas de saudade sobre as cinzas das fitas e das fanfreluches. Mandaria queimar, em um *auto da fé* solemne, todos os cartões e todos os córtes de pannos de Lyon e decretaria a morte dos bichos de sêda, a morte dos carneiros, das alpacas e de todos os quadrupedes que dão materia prima aos teares.

Os campos de linho seriam devastados por um incendio, todos os algodoeiros abatidos a machado, a ramie e as plantas fibrosas ceifadas, para que não houvesse no mundo mais tecidos e voltasse a humanidade melancolica á idade de ouro... e do nú.

Direis em objecção—que a moral escandalizada faria uma revolução; não creio. No idyllio de Longus, tão innocente e tão meigo, vêde esse pastor apaixonado Daphnis: traz apenas sobre as espaduas uma pequenina pelle de cabra. Vêde a sua amada: Cloé, quasi núa. E tão candidos, tão puros ambos, que nunca chegariam ao conhecimento do amor, se Ly-



cenion não acudisse com a sua pratica para elucidar o pastorinho.

Quem será capaz de dizer que possuis como a Venus que o lavrador helleno desenterrou n'um campo de trigo, muitos seculos depois do seu desaparecimento, a fórmula correcta e nobre admirada pelos deuses languidos e pelos artistas da collina augusta? Quem dirá que possuis a linha maravilhosa sonhada pelos intransigentes? Quem dirá que sois mais branca do que o marmore da estatuaria? ninguem dirá de certo, Exma., vendo-vos captiva de tantos estofos, abafada em tantas rendas, com o busto esculptural enfezado pelo espartilho, com a garganta roliça e alva, apertada na golilha de veludo, a núca, de um leve e fresco rosado, quasi escondida pelos laçarotes, só restando o andar altivo e sereno de deusa ou de rainha com que atravessais orgulhosamente as ruas da cidade ostentando, não a maravilhosa e incomparavel belleza do vosso corpo, mas os requintes de posponto, os apanhados, os *ruches* e os *plissés* com que a vossa costureira cruel e barbaramente deforma a vossa plastica... Nem as



mãos fidalgas salvam-se porque vêm encarce-
radas em luvas *peau de Suède*. Salvam-se os
olhos negros, a bocca, que é uma pequenina
flor desabrochada, a fronte, as rosas da face e
os opulentos cabellos... Imaginai, porém, o
successo que fariéis se a civilização não vos obri-
gasse a esse supplicio constante do arrocho...
Imaginai o successo que fariéis, se, em vez
desse conjunto hediondo de farrapos, trouxes-
seis simplesmente, afflorando a carne, a folha
de vinha classica e paradisiaca? As costurei-
ras soffreriam, mas a Arte e a belleza teriam
um renascimento, teriam uma nova deusa em
V. Ex. a quem se póde applicar o galanteio
com que a fada Diamant, no feerismo de Ban-
ville, sauda a sua irmã Cyprine:

« Comme la rose purpurine
Vous régniez, et c'est vous qui donnez la beauté
Dont s'enivre à plaisir le regard enchanté.





I.IX

O governo do Estado visinho pensa em mudar de situação. Sente-se mal em Nitheroy, porque, em summa, Nitheroy, apesar dos seus fóros de nympha, não passa de uma praia grande e não é decente nem hygienico que o governo de um Estado viva atirado á praia como qualquer carangueijo.

O governo tem vistas altas, quer viver nos cimos como as aguias, deixa a planicie pelos alcandores. Todo o bem vem de cima e, como o governo pretende beneficiar os seus administrados, guinda-se, vai p'ra riba, deixando as ribas salitradas de Guanabara, a linda. E' um governo que sobe arrimado á boa vontade. Que a ladeira não lhe custe.



Ha entanto a notar o appello das outras cidades que disputam a honra de ser capital como as suas irmãs gregas disputavam a gloria de ter visto nascer Homero.

Campos, a dulcissima (*psidium guajava*) manda as suas vistas. Vassouras, a pieclara, manda a sua photographia. Amanhã S. Fidelis, a eleitoral, remetterá o seu retrato a oleo. S. João da Barra mandará um *fusain*, a incendiada Parahyba mandará uma gouache, Entre Rios mandará uma aguarella com Freixieiro, o puro e este lemma immaculado: «Aqui não ha liberdade de fazer cousas nem nada». O Macuco mandará uns rabiscos e os Quatis, todas as villas e aldeias se farão representar, exigindo para o campanario respectivo o bastão de commando.

E o governo... o governo já tem as suas vistas: Therezopolis. Therezopolis é uma montanha; bom clima, aguas admiraveis, um panorama excellente, digno de uma rotunda, arias bucolicas ao crepusculo, bom leite, carne fresca e admiravel na estação calmosa. Dizem mesmo que é um magnifico logar para convalescenças... mas Campos? e Vassouras? e os Quatis? Aqui

é que a porca torce o rabo. Que dirá o governo aos campistas que gastaram uma fortuna no photographo? Que dirá ao monastico S. Fidelis, que anda a sacudir as teias de aranhas dos predios, que anda a espanar as cimalthas, preparando-se, pondo-se garrido para receber o poder e o funcionalismo..? Que dirá o governo a Maxambomba? que não é possível? que ficará para outra vez... é duro. E' mais cruel matar uma illusão do que matar o Perú mais gordo do poleiro.

O governo deve procurar conciliar as cousas para que não fique cercado de despeitos. E ha um meio—é ter diversas capitaes correspondendo cada uma a um dia da semana. Nitheroy, capital aos domingos, por causa das barcas—ha tanta gente que está habituada ao passeio maritimo da capital para a outra banda... Therezopolis ás segundas; Campos ás terças; Vassouras ás quartas; Quatis ás quintas (porque é preciso não esquecer os Quatis;) Paty do Alferes ás sextas; S. Fidelis aos sabbados... Assim as cousas ficarão perfeitamente.



Em summa acho que o governo, nessa questão capital da mudança, lucraria mais se em vez de estar a ouvir os deputados consultasse o commendador Coimbra.





LX

Quem será o inventariante deste esclarecido seculo, que arrasta os passos tremulos para o Silencio, emmaranhado em complicadas malhas de electricidade, com um milhar de philosophias no coração cansado? Os herdeiros, açulados pela ganancia, farejam avidamente o despojo do moribundo. Feliz de quem pudesse abrir o segredo, tres vezes sellado, do testamento maravilhoso!

Historia, tu és a Esposa bem amada, tens a terça, por certo, e contenta-te com essa parte copiosa e rica que outro seculo não legou com mais prodigalidade do que este. Artes, Sciencia, filhas estremecidas, não vos precipiteis, ninguém tocará no que vos pertence.



Elle nada esqueceu — essa mesma cadella sanguisedenta: a Guerra, tem repasto bastante: a carne palpita e rola desde as barricadas de Paris até a cafurna de Sedan, desde os campos de Plevna até as veigas e as praias da nossa terra e ainda está de pé, no matadouro da lei, a guilhotina como um magarefe abatendo a rez para o banquete da Tranquilidade humana.

Sonhadores, ficam-vos os novos deuses. Christo repousa e, emquanto a Razão desvaira, Buddha, Khrishna, Isis e todos os ancestraes do mysterio caminham espalhando crenças, cantando hymnos. O espirito de Siddharta illumina os videntes e a deusa velada explica a germinação da terra á proporção que Siva, truculento e mudo, escancara a guela immensa como o vacuo para devorar a Vida.

Voluptuosos — o seculo de Pericles não chegou ao requinte de sensualismo que alcançou o seculo de Napoleão... A arte do prazer tocou o auge... mais, só o refocilamento. Nervoticos tendes o estojo de Pravaz e os frascos de ether volátil para os vossos envenenamentos;

pikai-vos, aspirai livremente e imbecilisai-vos em paz, rendendo graças ao Seculo que vos não esqueceu, morrendo.

Sapadores de thronos, Figaros que andais pregando o Evangelho do terceiro estado, tendes a marmita fulminante, que resolve todas as difficuldades e que ha de crear, mais tarde, quando tiverdes conseguido o triumpho, uma nova casta de revolucionarios: os ricos.

Padres de Christo, tendes a Fé immorre-doura, explorai-a cavando as almas com a santissima cruz. Mulheres, tendes a credulidade dos homens. Terra, a primavera ha de vir até a ultima hora e o lavrador não esqueceu a char-rua—tens a fecundidade dos sóes que te illum-inaram. E tu, coração egoista, não precipites as pancadas : o Amor é eterno como a Espe-rança.

Avaros, hão de viver sempre os estroinas, não desperceis julgando que ides ficar com as lettras em branco — o agio não desaparece ; descansai, Shylocks.

Com o que fica do Seculo podeis entrar na Era nova garridos e satisfeitos e mais breve



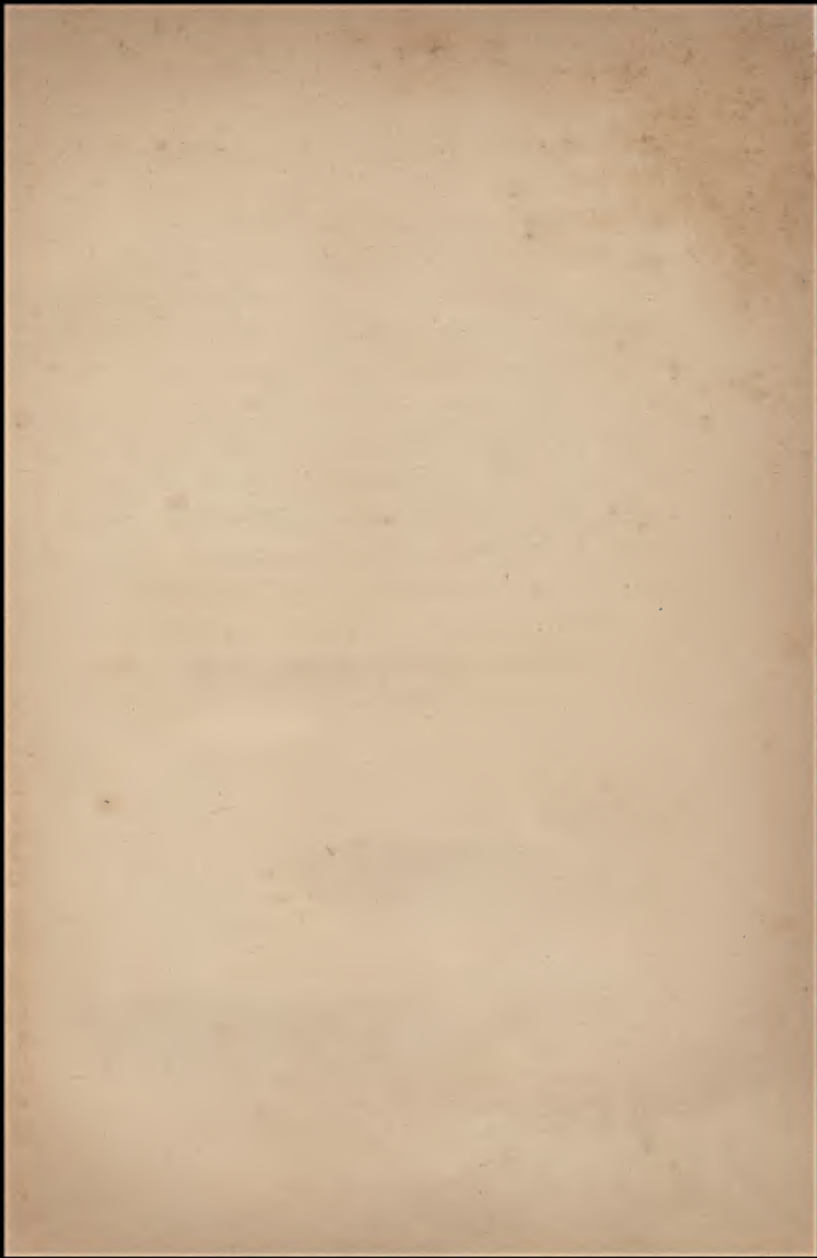
será o centenario de annos com o vapor e a electricidade. Talvez fique no vindouro, resolvido o grave problema da Velhice — a vida correrá tão macia e tão rapida sobre os trilhos que um homem descobrirá pasmado, dobrando a ultima fronteira do seculo que, em vez dos 100 annos enrugados e calvos, tem apenas 25 primaveras frescas — tal será a velocidade da viagem pelo tempo nesses dias que vem admiraveis e cultos. Eu nada peço ao Seculo que morre senão que me deixe em paz e com saude para que eu possa ouvir o vagido de Evo pimpolho e ter o prazer de ler regaladamente nas gazetas o annuncio do Eterno, pedindo uma ama de leite, sem filhos e sem achegos, para cuidar do recém-nascido.

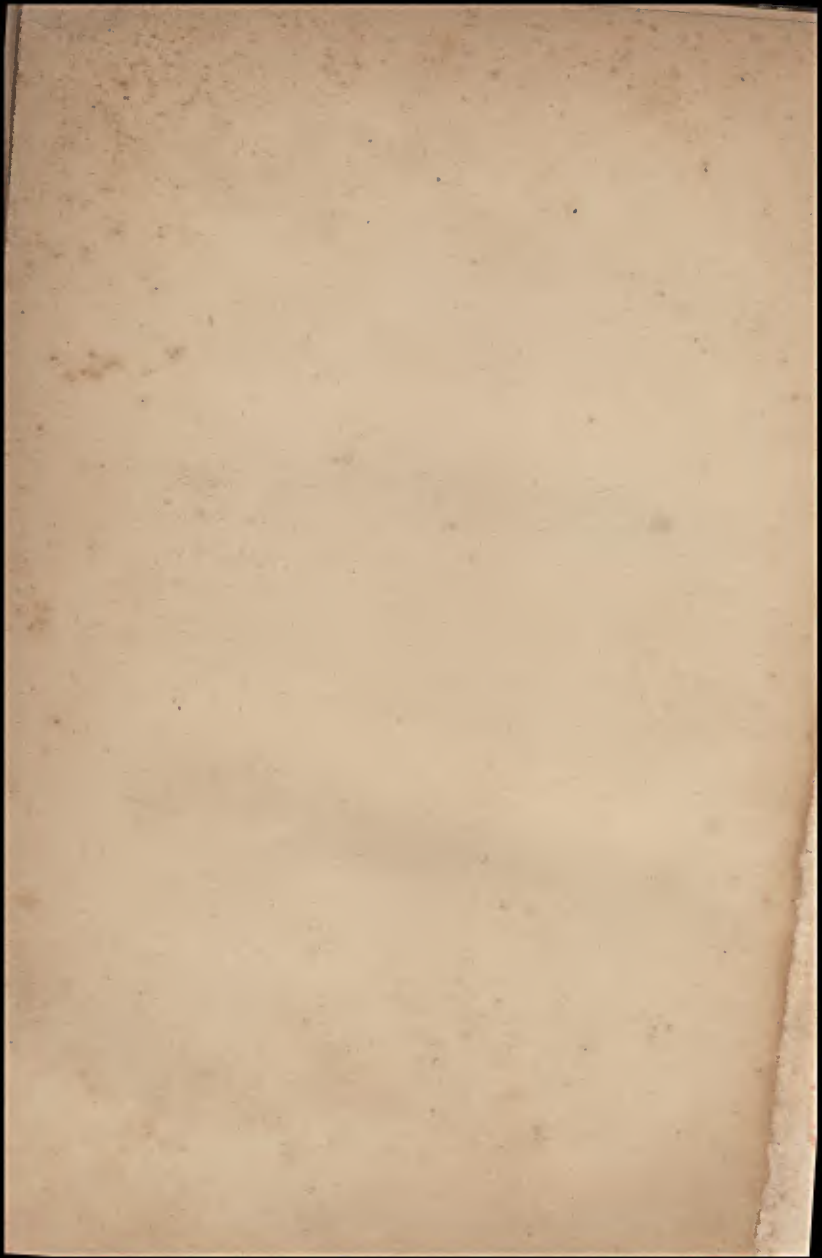
F I M

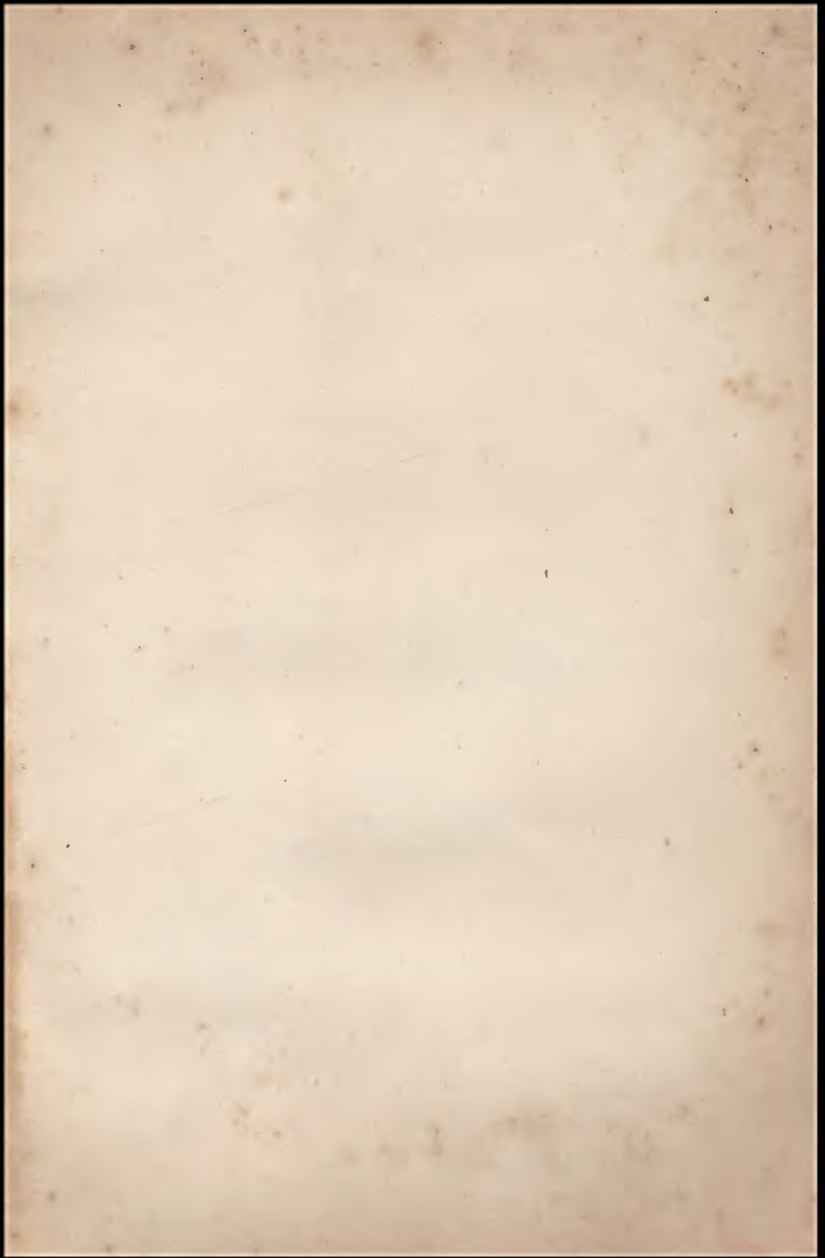
Editor Proprietario DOMINGOS DE MAGALHÃES

—
RIO DE JANEIRO









AA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS
BIBLIOTECA CENTRAL
REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO
CTA - 4-5-8
Tombo 8.829
Autor Coelho Netto, H. M.
Título Bilhetes postais.
Classificação 869.94
C672b
N.º do Leitor

TOMBO: 8.829

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se este livro não for devolvido dentro do prazo, o leitor perderá o direito a novos empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não houver pedido para este livro.

MOD. 88 - 63 - B - 20.000

